

este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
QUINTA-FEIRA, 11 DE MARÇO DE 1971

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 319 ANO 50.º PREÇO 1\$50



O Egipto retirou a proposta de reabertura do Canal

CAIRO, 11 — (A. N. I.) — O Egipto retirou a sua proposta para a reabertura do Canal de Suez ao tráfego internacional, caso os israelitas concordassem com uma retirada parcial da margem oriental do canal.

O informador governamental, Mounir Hafez, definiu a nova posição do Egipto num comunicado distribuído à imprensa, comentando as notícias publicadas em Paris de que os israelitas estudavam a hipótese de retirar para 25 quilómetros da margem oriental do canal, a fim de permitirem a reabertura ao tráfego.

A reacção egípcia deve-se à recusa de Israel de se retirar completamente da terra árabe ocupada.



HENRY FORD II encontra-se em Londres, primeira paragem da sua presente viagem pelas filiais europeias do grande império automobilístico de que é presidente. Ford avistará-se com o primeiro-ministro Edward Heath. As duas personalidades, pensa-se, discutirão o futuro da Ford em Inglaterra, em face da situação criada pela greve

MULTAS ATÉ MIL CONTOS NO CASO DE POLUIÇÃO DAS ÁGUAS E MARGENS

O último Conselho de Ministros reconheceu tornar-se premente a protecção contra a poluição das águas, praias ou margens, tanto na zona contígua e mar territorial português, como nos portos, docas, caldeiras e na zona marítima dos portos, pelo que aprovou, como dissemos, um decreto-lei que actualiza a legislação sobre a matéria e revoga o Decreto-Lei n.º 46 619, de 1965.

Na justificação do novo diploma, emanado do Ministério da Marinha, afirma-se que «as águas, praias e margens sob a jurisdição das autoridades marítimas estão a ser frequente e intensamente poluídas, designadamente por navios e por empresas com instalações em terra, que re-

lançam resíduos nocivos, e que as multas em vigor, aplicáveis aos autores das poluições, por serem de pequeno montante, quase não produzem efeito preventivo nem repressivo».

Segundo o decreto-lei, ora

Continua na 8.ª página



8 de Março: Dia Internacional da Mulher, em Londres. As mulheres pedem igual remuneração para trabalho igual, creches e outros melhoramentos

A PARTIR DE HOJE À NOITE

IR NA «ONDA VERDE» EM CAMPO DE OURIQUE



Como a imagem documenta, a cor da pintura dos postes não os desdobra bem do meio ambiente e o estacionamento de veículos de altura normal é perfeitamente possível até junto deles sem tirar a visão aos condutores que se aproximam

O primeiro ensaio parcial da «onda verde», que generalizadamente começará, a título experimental, no próximo mês, inicia-se a partir desta noite no bairro de Campo de Ourique.

(Continua na 8.ª página)

HOJE 32 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA

NÃO PERCA TEMPO

NAO PERCA TEMPO: já faltam poucos dias para terminar o prazo da recepção dos cupões-duplos de identificação. Com efeito, apenas duas semanas nos separam do último dia de recepção marcada para 25 do corrente. Até lá, se ainda o não fez, poderá remeter o seu cupão-duplo de identificação, devidamen-

te preenchido com letra bem legível, em troca do qual receberá o cartão que o identificará como leitor do «Diário de Lisboa» com o número que o vai habilitar ao sorteio de magníficos prémios, o primeiro dos quais é o maior instituído na história da imprensa portuguesa: um amplo andar no (Cont. 10.ª pág.)

VIDA POLITICA

Ministério do Interior

Principou esta tarde no salão nobre do Ministério do Interior mais uma reunião normal de trabalho do titular da pasta em os governadores do distrito de Lisboa e do distrito de Setúbal.

continente os governadores dos distritos das Ilhas adjacentes, para o prosseguimento da apreciação de assuntos de natureza administrativa e política de interesse geral e regional.

O Governo rejeitou as conclusões de um grupo «ad hoc» da O. N. U.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros divulgou o texto da seguinte carta enviada pela Missão Permanente de Portugal em Genebra ao presidente da Comissão das Nações Unidas para os Direitos Humanos, reunida naquela cidade suíça:

«Por instruções do meu Governo, tenho a honra de expor a V. Ex.ª quanto segue:

1. A posição do Governo Português em relação à legitimidade da constituição do grupo ad hoc de peritos e à sua actividade foi definida em anteriores documentos. Na carta dirigida ao presidente da Comissão em 20 de Março de 1970 já se chamava a atenção para a evidente parcialidade resultante de o próprio mandato do grupo implicar uma qualificação pré-determinada da situação nas províncias portuguesas de África, antes mesmo de o grupo ter iniciado a apreciação daquela realidade.

2. Teve, então, o Governo Português a oportunidade de manifestar, também, a sua posição quanto aos relatos anteriores rejeitando acusações que, sem qualquer fundamento válido, lhe eram dirigidas.

3. O Relatório — (doc E/CN. 4/1050) —, agora submetido à apreciação da Comissão pelo grupo ad hoc, em nada se afasta da orientação preconcebida que presidiu à elaboração dos documentos de idéntica natureza que o precederam.

4. O presente Relatório caracteriza-se, de novo, pela total ausência da mais elementar objectividade. Com efeito, na sua preparação, o grupo ad hoc baseou-se quase exclusivamente nos testemunhos colhidos em fontes de origem muito suspeita como são os militantes dos movimentos subversivos e indivíduos cujas idéias em relação aos problemas portugueses eram de antemão conhecidas. Pode, pois, dizer-se, sem exagero, que os autores do Relatório manifestaram especial desvelo na selecção das entidades que pudessem produzir apenas depoimentos condenatórios de Portugal.

5. Partindo, assim, de um amontoado de calúnias arrojadas em pretensos depoimentos, chegou o grupo ad hoc, como era natural de prever, às conclusões do seu relatório, que não podem deixar de surpreender qualquer espírito imparcial pelo paroxismo das acusações em que aquele se traduz. Diz-se que Portugal procede a execuções em massa, não só de opositores do Governo como de simples cidadãos; afirma-se que pratica represálias, que intimida e extermina populações indígenas; que liquida terroristas capturados; que leva a destruição e a morte aos

países vizinhos; que bombardeia aldeias; que sujeita os presos políticos a tratamento de humilhação e degrading; que pratica racismo, etc., etc. E vai-se até ao ponto de citar como prova de discriminação racial o próprio diploma legislativo que, em 1961, aboliu o regime do indigenato utilizando o grupo ad hoc uma distinção entre «civilizados» e «não civilizados», nem a lei nem os factos admitem nos territórios portugueses de África.

6. Também quanto à extensa lista de incidentes de fronteira contida no Relatório, não pode deixar de causar surpresa que mas uma vez se pretenda asaciar ao Governo Português a responsabilidade dos mesmos, quando esta é exclusivamente imputável às autoridades de países vizinhos, que contrariamente às mais salutares regras da boa vizinhança e respeito pela soberania dos Estados consenariados na Carta, abrem no seu país agentes subversivos que continuam a perturbar a tranquilidade do viver das populações e espalhando a destruição e a morte.

7. Parante o qualro assim descrito não julga o Governo português necessário sem quebra da sua dignidade e do respeito que deve a si mesmo, entrar na discussão das conclusões difamatórias dos relatórios de portugueses de do Relatório.

8. Mas a situação real dos países africanos onde uma população multi-racial, baseada na igualdade de todos os cidadãos perante a lei sem distinção de raças, credo ou sexo, vive em harmonia e prospera num ritmo que não recebe confrontos com os outros territórios do continente, essa tem sido exposta por numerosos observadores independentes que têm visitado as províncias portuguesas.

Assim em matéria de condições de detenção e tratamento de presos, recorda-se o mais recente dos relatórios da Cruz Vermelha Internacional relativo à visita efectuada em 1970 a pedido desta, a Angola por dois representantes qualificados da Organização que se pronunciou em termos muito favoráveis quanto à situação existente nas prisões que visitou. Não se podem também esquecer os relatórios resultantes das visitas que a Cruz Vermelha Internacional levou a cabo anteriormente em relação às prisões de Moçambique e de Cabo Verde.

10. No que respeita à saúde pública, recorda-se também o relatório da O. M. S., onde se realçam os vários aspectos positivos da acção desenvolvida pelas autoridades

portuguesas em sectores tais como saúde e higiene escolares, educação sanitária, higiene e protecção dos trabalhadores, protecção maternal e infantil, luta contra doenças endémicas e infecto-contagiosas, etc.

11. Quanto às condições de trabalho, relembra-se o relatório elaborado há anos pela O. I. T. e acrescenta-se que, em face de novas acusações de trabalho forçado no ultramar português surgidas de vários sectores, Portugal solicitou recentemente àquele Organização que procedesse a uma investigação na matéria. A investigação foi, na verdade, feita por perito imparcial nomeado pela O. I. T. que elaborou já um relatório, o qual, deverá muito brevemente ser apresentado oficialmente. A este relatório poderão recorrer aqueles que estejam interessados em conhecer a verdade do que se passa nas províncias portuguesas na matéria de questões de trabalho. O facto, só por si, demonstra bem que também neste campo o Governo português nada tem a temer nem nada deseja ocultar.

12. No campo da educação registou-se nos últimos anos um expressivo progresso, tendo sido atingidas em Angola e Moçambique taxas de escolaridade que nos colocam num lugar de relevo dentro do continente africano. Assim, na província portuguesa de Angola para uma população de cerca de 5 milhões de habitantes, o número de alunos é de 431 099 e em Moçambique para uma população de cerca de 7 milhões de habitantes o número de alunos é de 599 830. Salienta-se, por outro lado, que a ordem de grandeza dos números citados, exclui a possibilidade de eles corresponderem principalmente a uma etnia acampanadamente minoritária — a população branca. Bastariam estes números para refutar a acusação que nos é feita quanto à existência de discriminação no sistema de ensino.

13. Parante o que antecede, deseja, assim, o Governo português manifestar a V. Ex.ª a sua rejeição categórica das conclusões a que chegou o grupo ad hoc, cujo relatório constitui lamentavelmente mais uma prova do carácter de correntes políticas que persistem em ignorar a mais elementar evidência do que se passa no Ultramar Português.

14. Muito agradece a V. Ex.ª que a presente carta fosse distribuída a todos os membros da Comissão dos Direitos Humanos sem demora e que lhe seja dada a publicidade que foi dada ao documento E/CN. 4/1050.»

DE ONTEM PARA HOJE

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

É o português mais universal e um dos santos mais populares de todo o mundo católico o Santo António que nasceu ao pé da Sé, em Lisboa, e foi morrer a Pádua 36 anos depois, em 1231. Depois da palestra do bispo de Carmona sobre temas religiosos, foi ontem a vez do dr. Francisco da Gama Caeiro, da Faculdade de Letras de Lisboa, de tomar a palavra na mesma tribuna do Instituto dos Altos Estudos Militares, em Pedrouços, sobre «Para um Estado da Nação Portuguesa Contemporânea». E versou aquele professor o tema: «A Nação Portuguesa na sua vocação missionária: a figura de Santo António de Lisboa». Disse ele em determinada altura: «Que podemos concluir seriamente, rigorosamente, sem retórica, sem lirismos enganadores acerca da vocação missionária da Nação Portuguesa? Em primeiro lugar documenta-se historicamente numa forma significativa e renovada em vários momentos ao longo dos séculos — um ideal ecuménico e uma realização ecuménica da Nação Portuguesa. Há uma cultura portuguesa que é simultaneamente receptiva e irradiadora, e se define tanto mais ela se abre, em intercâmbio fecundante, a uma cultura europeia e universal. Essa atitude de abertura tem por fundamento uma visão específica do Mundo e do Homem. A vocação missionária representa assim um dos modos de ser intrínsecos e globais da Nação Portuguesa, e supõe não só uma comunicação entre territórios dispersos, propiciadora de contactos estimulantes entre civilizações diferentes, como ainda uma irradiação espiritual veiculadora de ideais, religiosos, de princípios e de padrões de cultura portuguesa». E o dr. Francisco Caeiro depois de acentuar o caso específico de Santo António, acrescentou: «Parecia-me desejável se criasse uma nova mentalidade de missão que tomasse como normal, por exemplo, uma prestação temporariamente de serviço no Ultramar. Tenho presente o papel importante exercido pelo Estado nestes sectores — indispensável sempre, e quantas vezes, de facto, o único meio de realização dessas tarefas essenciais em proveito das populações.»

A COLHEITA DOS VINHOS DE 70

O secretário de Estado do Comércio, dr. Xavier Pintado, recebeu ontem os deputados por Santarém, dr. Dias das Neves, Correia da Cunha e Magalhães Mota, dizendo-lhes que os produtores de vinho daquele distrito não têm que se preocupar grandemente com o escoamento do vinho da colheita de 1970. Disse tratar-se duma colheita perfeitamente normal, dentro das medidas do decénio e que a Junta Nacional do Vinho está a adquirir vinho aos produtores e adegas que lho ofereçam até 31 de Julho.



andam 5.000 garrafas de Aguardente VELHA 1920 à sua procura!

Ao tomar o seu café verifique, no interior da embalagem do açúcar, se lhe coube uma das 5000 garrafas de

Aguardente VELHA 1920

a distribuir gratuitamente a partir do dia 15 de Março. Se tiver sido contemplado, troque imediatamente essa embalagem pela sua garrafa no café em que estiver.

Carvalho, Ribeiro & Ferrelra, Lda. LISBOA PORTUGAL

SAI AMANHÃ

motor

Com a reportagem da

XXII VOLTA A PORTUGAL

A INVASÃO DO LAOS NÃO DECORREU SEGUNDO AS PREVISÕES

KHE SANH — Poucas semanas após a invasão do Laos pelos soldados sul-vietnamianos, utilizando como trampolim a antiga base das «Marines», uma coisa parece clara: a invasão não se desenrolou segundo as previsões. Pensava-se que neste estado das operações, as unidades norte-vietnamianas seriam maciçamente utilizadas contra a infantaria americana do lado vietnamiano da fronteira, a fim de tentar forçar a estrada defensiva americana e deter assim a ofensiva no Laos de 16 000 homens do general Hoang Xuan Lam.

Em lugar disso os norte-vietnamianos esforçaram-se para deter o avanço dos sul-vietnamianos atacando as suas unidades avançadas obtendo êxito de momento. A estratégia do Vietnam do Norte parecia consistir na destruição dos postos avançados do Vietnam do Sul no Laos. A última tentativa foi a batalha da colina 31, defendida por pára-quedistas sul-vietnamianos, na qual intervieram 16 carros de fabrica soviético.

Combatendo presentemente para manter a sua posição nas bases que ain-

pas do general Lam não da existem no Laos. As tropas têm oportunidade de destruir os depósitos inimigos na região. Estão mal colo-

zes sofridos pelas tropas sul-vietnamianas, não é ainda urgente para o general Lam a retirada das suas forças avançadas. De

Por JACK FOISIE

Exclusivo «The Los Angeles Times»/«D.L.»

ficações da pista de Ho Chi Minh, situadas mais a Oeste. No ponto mais avançado, penetraram no Laos apenas numa distância de 25 km.

Pontes militares inforçados para cortar as ramificações da pista de Ho Chi Minh, situadas mais a Oeste. No ponto mais avançado, penetraram no Laos apenas numa distância de 25 km.

tacto, note-se que o general não considerou ainda necessário a utilização das suas importantes reservas.

Do lado vietnamiano da fronteira, cerca de 10 mil soldados americanos, sob o comando do general John Hill, continuam a ba-

ter as regiões selvagens das colinas do Noroeste do Vietnam do Sul. Tentam fazer sair os comunistas e levá-los a combater a fim de aliviar a pressão sobre os sul vietnamianos no Laos.

Até aqui os ataques dos Vietnamianos não são assaz importantes. Os contactos são tão raros que os americanos apenas têm cerca de três feridos por dia. E os encontros são menos frequentes que nas primeiras semanas da invasão.

Parece, com efeito, que as tropas norte-vietnamianas que defrontaram o general Hill se retiraram para o outro lado da fronteira do Laos.

Mas isso não quer dizer que estejam inactivos. Há alguns combates, a zorra desmilitarizada, a zorra caminha entre a fronteira do Laos e o Mar da China.

NOTA

MONTAR A MÁQUINA

PELO COMUNICADO do Conselho de Ministros desta semana foi dada notícia de terem sido aprovados os decretos que criam «centros hospitalares» em Coimbra e nas Caldas da Ramha (além de Lisboa e Porto, já considerados como tais) e «centros de saúde» em todos os concelhos, os quais «constituam elementos de base para a protecção e fomento de saúde nas comunidades rurais», «tendo em vista activar os esforços que o Governo procura desenvolver para a elevação do nível sanitário das populações e, particularmente, na luta contra a mortalidade infantil». Quanto àqueles, os «centros», o objectivo declarado é o de «aumentar um mais adequado aproveitamento dos estabelecimentos hospitalares existentes».

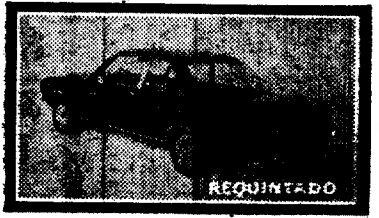
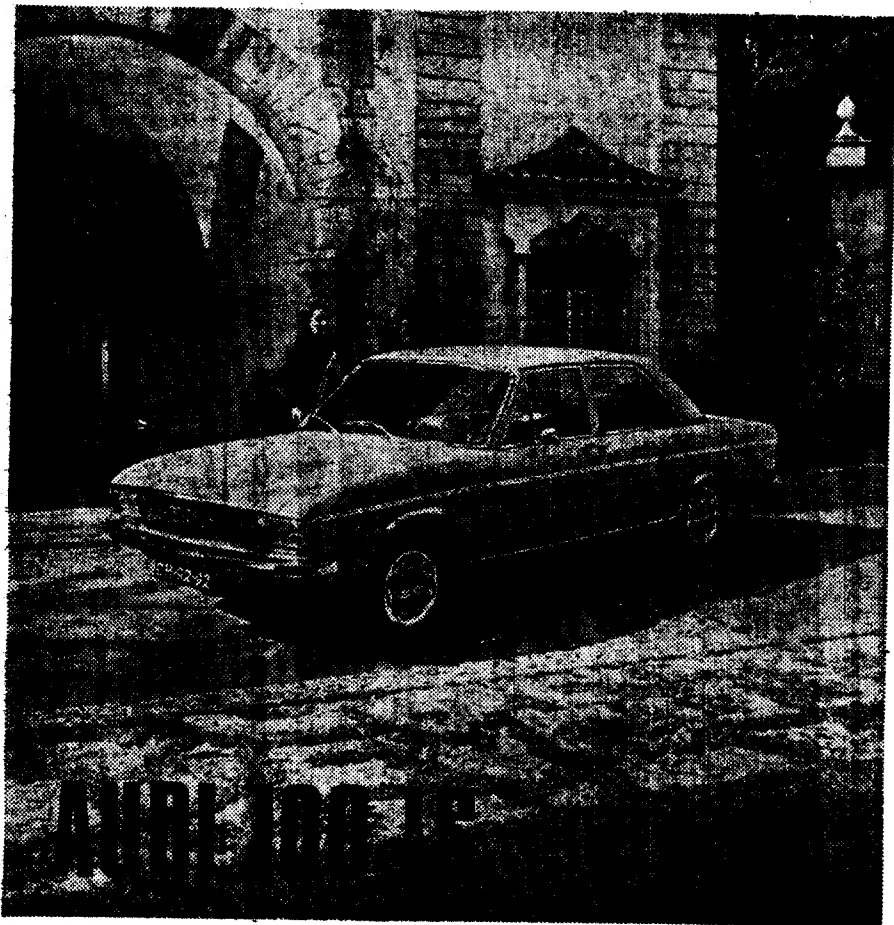
Por mais de uma vez temos assinalado a posição que identifica a distância que vai do dizer ao fazer, mas ao mesmo tempo sempre se tem do mesmo passo considerado que é importante que ao menos se diga, mesmo enquanto se não faz, pois que, com isso, se dão alguns passos úteis de aproximação: primeiro, não se ignoram nem subtilizam os problemas; segundo, abordando-os, ganha-se deles uma certa e necessária medida de pública consciência; terceiro, o Poder assume compromissos que há-de ter todo o interesse em cumprir; quarto, para além do simples enunciado de problemas, apontam-se as grandes linhas dos esquemas em que virão a mover-se as soluções.

No caso em apreço, parece-nos, está-se a ir um pouco para além da simples declaração de intenções. Com efeito, desde há longos meses que vêm a promover-se e a decorrer estudos, a vários níveis e com a participação dos sucessivos grupos de interessados, sobre o candente problema da organização dos serviços de saúde. Dir-se-á como crítica e, porventura, até com algum fundamento, que não basta anunciar esquemas para se dar o milagre de se instatarem e por em marcha os serviços. É certo, claro que é. Mas a partir daí verifica-se a existência de um sistema que prevê a total cobertura sanitária do país até à base ou a partir dela. Que significado tem isso?

Esse significado avalia-se não só pelo que nele esteja envolvido como propósito de fazer, mas também pelos meios que for possível reunir para lhes dar execução e, falando em meios, há-de pensar-se necessariamente em meios financeiros e meios humanos. Chega-se a ter a impressão, apesar de todas as sabidas carências, que o dinheiro ainda acaba por ser o mais fácil, pois até existe, ao menos em parte, feita e reforçada a respectiva previsão, quer no orçamento geral do Estado para o ano em curso, quer no Plano de Fomento. Mais difícil é a mobilização de pessoas que sejam capazes, umas vezes porque não as há, outras vezes por não ser possível acenar-lhes com a paga tida por atraente.

Nestes dois aspectos, também alguma coisa está feita ou a fazer-se. Por um lado, o patrão Estado resolveu puxar os cordões à bolsa e dispõe-se a pagar a médicos e enfermeiros em dimensões mais atraentes, mesmo para posições na província. Por outro lado, está a fazer-se a preparação e aprendizagem de gente para posições de apoio, técnicos e auxiliares, sem cuja presença nenhuma máquina se põe a andar. Julgamos que são pontos positivos. Como não vai tempo de se acreditar em mais milagres, não vamos nós supor nem fazer supor a ninguém que há alguma varinha de condão com que se deixa resolvido o problema da saúde neste País. Mas permitimo-nos esperar que alguma coisa esteja em vias de se encontrar. Definitivo? Váham-nos todos os santos e santas, que bem podem. Nos tempos que vão correndo, onde tudo corre ainda mais depressa que o tempo, quanto tempo é que podem durar as soluções que se pretendam definitivas? Vamo-nos contentando com as aproximações, que quem nos dera vê-las todos os dias!

Na estrada do sucesso com classe e elegância



Um rolar suave e confiante.
Um motor poderoso uma mecânica perfeita em todos os pormenores.
AUDI 100 LS. insuperável de conforto, luxo e requinte



UM PRODUTO **AUDI NSU** AUTO-UNION AG.

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES GERAIS: SOC. LUSOLANDA, SARL
ESCRIÓTIOS—Rua Latino Coelho, 57—STANOS—Rua Latino Coelho, 65 AV. Ant. Augusto de Aguiar, 25 C LISBOA
Agentes em todo o País

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

UM EXCEPCIONAL ACONTECIMENTO ARTÍSTICO
DE 17 A 24 DE MARÇO

I Festival do Cinema Brasileiro

Sob o patrocínio do

INSTITUTO NACIONAL DO CINEMA

IMPÉRIO

ESTÚDIO

às 21,30 H.

às 21,45 H.

Dia

- 17 Os deuses e os mortos
- 18 Copacabana me engana
- 19 Os cafajestes
- 20 Antes, o Verão
- 21 Penúltima donzela
- 22 Panorama do Cinema Brasileiro
- 23 Macunaíma

- Memória de Helena
- Os senhores da Terra
- A vida provisória
- Os herdeiros
- Juliana do amor perdido
- As amorosas
- Fome de amor

Todos os filmes são para adultos, com excepção de «Panorama do Cinema Brasileiro», que é para maiores de 12 anos.

Os filmes serão exibidos também nas tardes dos dias seguintes, às horas habituais.

Inicia-se hoje a venda de bilhetes para todos os espectáculos

1 FILME FORA DE SÉRIE!
MAIS DE 600.000 ESPECTADORES EM PARIS!

2 GRANDES DO CINEMA FRANCÊS:
CLAUDE LELOUCH
JEAN-LOUIS TRINTIGNANT

3 SEMANAS no **SÃO JORGE**
de INVULGAR ÊXITO



O PATIFE LE VOYOU

UM RITMO NOVO
NUMA HISTÓRIA INÉDITA!

United Artists

ADULTOS

eastmancolor



CONTRATO PARA DORMIR NO VARIEDADES

«O CONTRATO», de Francis Veber. Tradução de Eduardo da Fonseca. Encenação de Maria Helena Matos. Cenário de António Casimiro. Intérpretes: Francisco Nicholson, Henrique Santana, António Barra, Pedro Pinheiro, Ribeirinho, Simone de Oliveira. Produção de Vasco Morgado.

A peça de Francis Veber é um destes produtos espúrios

que exploram quiproquos de situações e de palavras, levados na adaptação parqueresca a extremos de total e ridícula indigência mental. Pretendendo ser uma glória cômica destes filmes amercanos em que aparece um «gangster» contratado para eliminar determinada personalidade («Contrato para matar», por exemplo), «O contrato» é uma coisa sensaborã, que se arrasta penosamente com um ou outro momento mais divertido (no sen-

tido revisteiro) que os actores (especialistas) puxam tanto quanto podem.

Os actores são Henrique Santana (os tiques do costume, nem mais, nem menos), R.ibeirinho (como se sabe, em plena e lamentável decadência), Francisco Nicholson (que faz o possível num papel ainda mais parvo), Pedro Pinheiro (idem, idem), António Barra (demasiado mau para ser verdade). E Simone de Oliveira. Não seria justo julgar das possibilidades de Simone como actriz por este papelinho insignificante, que nem sequer precisa de ser representado (basta-lhe que seja apresentado: é o que Simone faz). Uma boa presença, prejudicada pela falta de técnica de estar no palco, tendência para a expressão estereotipada (o arregalar dos olhos, o encolher dos ombros), perigos de se deixar arrastar para o exagero gratuito, voz deficiente.

O que me parece, contudo, mais grave é o facto de Simone não ter, pelos vistos, compreendido a lição das coisas (todavia, tão eloquente!). Um intérprete é um mediador entre uma obra e um público. Define-se, pois, a partir de determinados postulados básicos (talento e técnica), pela sua capacidade em escolher as obras que interpreta. Ex-vedeta do nacional-canção-tismo (a expressão é do João Paulo Guerra, salvo erro), Simone nunca, ou quase nunca, soube escolher as canções que interpretava. A sua estreia no teatro declamado reflecte incapacidade semelhante (trata-se, afinal, da mesma incapacidade que advém da ausência das indispensáveis potencialidades culturais e do necessário espírito de auto-crítica).

Ao interpretar esta peça, Simone coloca-se, como actriz, ao nível da cançonetista, isto é, ao nível da mediocridade (para além das deficiências da própria interpretação). E acusar «O Contrato» (peça e espectáculo) de mediocre é favor: na verdade, qualquer semelhança entre isto e teatro é puro, lamentável e perigoso equívoco.

CARLOS PORTO

OS BEATLES AO ATAQUE

LONDRES, 11 — (R.) — Paul McCartney, com a ajuda de Linda, sua mulher, americano de nascimento, pulou esta semana do 14.º para o 4.º lugar dos «dez mais» da Grã Bretanha.

Paul ameaça a supremacia de outro Beatle, George Harrison, cuja canção «My Sweet Lord» ocupa há muitas semanas a posição cimeira nas tabelas de classificação de Grã-Bretanha, Suécia e Alemanha Ocidental.

«Another Day», a canção de Paul, composta conjuntamente com a mulher, surge numa altura em que ele procura conseguir num tribunal de Londres a nomeação de um contabilista oficial temporário para examinar as contas e os negócios multimilionários Beatles.

novos casinos estoril

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

SAMANTHA JONES

VEGETA INGLESA DO CINEMA E DA CANÇÃO

LES DOLLIES
FAMOSA ATRACÇÃO MUNDIAL

DINA TRINDADE

GEORGES REICH

JIRINA'S COMBO • FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

BIJOU DE VIENNE

SÓ A 1 H. E 15

NO WONDER BAR:

23.30 e 1.15 (Maiores 21)
Telefones — 264596 e 264621

novos casinos estoril

novos casinos estoril

A complexidade crescente da actividade económica torna indispensável a existência de instrumentos adequados de análise e previsão.

O Banco Borges & Irmão e o Banco de Crédito Comercial e Industrial lançaram, em 1967, o primeiro Índice Diário de Cotações da Bolsa de Valores portuguesa.

Agora, alargando esta iniciativa, principiaram

a publicar trimestralmente uma informação sobre o comportamento dos mercados monetário e financeiro, importações, exportações e pagamentos externos da Metrópole, de Angola e de Moçambique.

A informação Conjuntura Monetária e Financeira vem assim proporcionar uma rápida e mais completa divulgação dos indicadores da evolução económica a curto prazo.

CONJUNTUR MONETÁRIA E FINANCEIR

METRÓPOLE · ANGOLA · MOCAMBE

METROPOLÉ

Mercado monetário e financeiro

O primeiro trimestre do ano caracteriza-se, regra, pela retração dos números atribuídos às principais rubricas da situação monetária, o que não encoramento do exercício anterior não pode deixar de dificultar a análise da evolução ocorrida. Pode, apesar de tudo, adiantar-se que, no domínio monetário, até ao fim de Março do ano em curso, prosseguiu a tendência expansiva que se verificou em 1969.

Foi o sector dos bancos comerciais que contribuiu para a manutenção do clima n.º 1 de 1969, para o que contou com o apoio da República Portuguesa. A deterioração do comércio e da Metrópole — que se repercutiu sobre a venda de ouro e divisas daquele Banco — passava, por impor certa retracção na sua actividade.

1. No que respeita ao sector comercial e casas bancárias a meio trimestre de 1970 traduziu-se o deflacionamento parcial do ano, em especial dos que recai à vista, rubrica mais atingida aliadas ao fecho de contas.

Para obviar a erros de
ao menor realismo dos nú
aconselha-se referenciar o co
ca, no primeiro quartel do a
rados em Novembro preceder

Observa-se, então, que as p...
as quais, aliás, são menos sensíveis,
didas, traduziam no fim do 1º trim...
continuação da expansão monetária
longo de todo o ano de 1969.

A actividade presamista permaneceu o principal factor da criação monetária levada a cabo pelo sector dos bancos comerciais. As posições das rubricas representativas de crédito beneficiaram de um acréscimo de 7 %, da mesma ordem de grandeza do que se constatara no período homologado imediatamente anterior. A função creditícia da banca concretizou-se fundamentalmente através do desconto de efeitos de comércio e reflectiu-se no acréscimo de cerca de cinco milhões e meio de contos na respectiva carteira, a qual alcançou cerca de 60,8 milhões de contos no encerramento do primeiro trimestre deste ano. As outras

**Banco
Borges & Irmão**

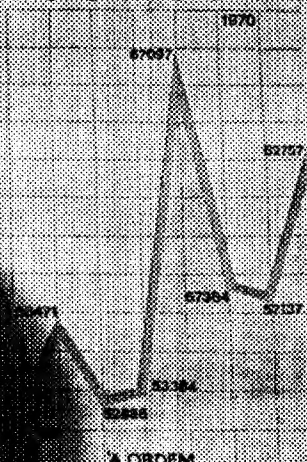
**BANCO DE CRÉDITO
COMERCIAL E INDUSTRIAL**

1° TRIMESTRE DE 1970

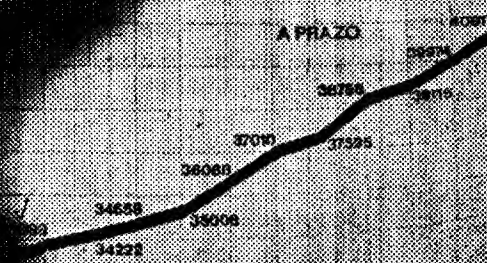
crédito, onde avultam os empréstimos e modalidades que transitam pela composição de Devedores e Credores, tomaram importância, já que as respectivas posições foram esmagadas ao redor dos 18 milhões

COMERCIAIS E CASAS BANCÁRIAS

J A S O N D J F M



'A' ORDEN



SCOTCH WHISKY DISTILLERS LTD GLASGOW

THE WHITE HORSE CELLAR

ESTAB 1742

MARKA REGISTRADA

EK N.º 1550167

WHITE HORSE

Scotch Whisky

BOTTLED IN SCOTLAND

WHITE HORSE DISTILLERS LTD, GLASGOW and LONDON

100% SCOTCH WHISKY

DISTILLED AND BOTTLED UNDER BRITISH GOVERNMENT

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES:

COSTA PINA & VILAVERDE, LD.ª

Rua do Bonjardim, 420 — PORTO

Telefones 2 65 62 - 3 22 28 - 3 52 21

J. A. DA COSTA PINA, LD.ª

Rua do Alecrim, 73 — LISBOA

Telef. PPC (4 linhas) 32 00 31/4

TEATRO

A B C ADULTOS

HOJE ÀS 20,45 H. VEJA A REVISTA DO ANO!

tel. 36 67 45

30 MULHERES
EXTRAORDINÁRIAS!



TONY DE MATOS

FRANGAS NA GRELHA

produção de HUMBERTO CUNHA com um elenco de ouro

IVONE SILVA • NICOLAU

BREYNER • ANITA GUERREIRO • ÓSCAR ACURSIO

ANABELA • LUIS HORTA • MARIA TAVARES

participação especial de TONY DE MATOS

Empresa teatral JOSÉ MIGUEL, LDA.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«UM BELÍSSIMO NOVOBRO»

REALIZAÇÃO: Mauro Bolognini, 1969 (Itália).

INTERPRETES: Gina Lollobrigida, Paolo Turco, Gabriele Ferzetti, Danielle Godet, etc.

ESTREIA: Cinema Roma (9-3-1971).

A decadência de uma família senhorial na Sicília dos mafiosos é o tema de «Um Belíssimo Novembro». Entre uma missa e um adultério, Bolognini descreve, carregando as cores, a existência sombria dos habitantes de uma velha mansão que agoniza lentamente na corrupção e no vício. No campo é que é bom, dizem os naturalistas e os nostálgicos do mito do «bom selvagem».

Bolognini diz que não, que o mal é a perdição de toda aquela gente que vive da e para a cama. Afirma-o, porém, sem grande convicção e não se percebe muito bem se nos intervalos das filmagens não visitaria também a criada compreensiva. O tema precisava de um Visconti e encontrou pela frente um Bolognini brejeiro e excessivo que nada faz recordar já a «Beleza Perversa» (Senilità) de outros tempos.

Enfim: o tema é «crítica social» exercida ao nível da alcova. Os produtores aproveitam-se da pornografia e os responsáveis entretêm-se com as cenas de amor. Quem perde é o espectador, mais uma vez manipulado pela engrenagem.

LAURO ANTÓNIO

TAUROMAQUIA

José Samuel Lupi contratado para Granada

GRANADA, 11 (A. N. I.) — O cavaleiro português José Samuel Lupi faz parte do cartaz da corrida de toiros de toros que a 20 de Junho se realiza em Granada, integrada nas festas tradicionais «Del Corus». Lupi alterna com Angel e Rafael Peralta e com Alvaro Domeco na lida de touros de Tassara. O programa elaborado para aqueles festejos inclui também as seguintes corridas: dia 10 — António Ordóñez, Paco Camino e Santiago López; dia 11 — «El Cordobés», Diego Puerta e António Rojas; dia 12 — Miguel Mateo («Miguelito») e Palomo Linares; dia 13 — Santiago Martín («El Vito»), Paco Rivera («Paquirri») e Dámaso González.

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/l., org. (Ao Campo Pequeno) — Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

APLAUSOS DO PÚBLICO E CRÍTICA PARA:

TODAS AS NOITES, ÀS 21.45 HORAS

TEATRO VILLARET GRUPO DE AÇÃO TEATRAL



LURDES NORBERTO / ROGÉRIO PAULO

PARA POUPAR AOS ACTORES O GRANDE ESFORÇO DE REPRESENTAR EM DUAS SÊSSÕES UMA PEÇA DE TAL INTENSIDADE DRAMÁTICA, «DEPOIS DA QUEDA» PASSA A SER APRESENTADA NUMA ÚNICA SÊSSÃO

Subsídios: Fundação Gulbenkian e Fundo de Teatro

DEPOIS DA QUEDA

AFTER THE FALL

PEÇA DE Arthur Miller

CASA DA COMEDIA

R. S. Francisco Borja 22

Marquês 1 677299

Hoje às 22 h. sábados e domingos às 16 e 22 h.

FIM DE FESTA

de Samuel Beckett

pelo elenco do Teatro Experimental do Porto

só até 15 de Março

Maiores de 17 anos

Subsidiado Fundo Teatro

TEATRO **MONUMENTAL**

TEL 55 5113

HOJE: À noite, às 21.45 (Maiores de 17 anos)

EM ÚLTIMOS DIAS!

VASCO MORGADO APRESENTA

EM 5.ª MÊS

A Casa das Cabras

com MILU na protagonista, Armando Cortez, Mário Jacques, Guida Maria, Luis Pinheiro, Oscar Costano, Norberto de Sousa, António Machado, António Semedo

Sábado: 2 sessões, 21 e 23 h.

TEATRO **VARIEDADES**

TEL 32 60 37

HOJE, ÀS 21.45 H. A COMÉDIA FRANCESA DE FRANCIS YEBER (ADULTOS)

Dois populares cómicos

RIBEIRINHO e HENRIQUE SANTANA

Estreia no teatro declamado

SIMONE DE OLIVEIRA

o contrato

no elenco

FRANC. NICHOLSON

PEDRO PINHEIRO • ANTONIO BARRA

Encenação de Maria Helena Matos

Cenas de António Coimbra — Uma peça para ver e rir e valer...

TEATRO **CAPITOLIO**

TEL 32 74 93

VASCO MORGADO APRESENTA

LAURA ALVES

HOJE, ÀS 21.45 H. (A 17 ANOS)

QUERIDA MAMA

LA MAMA

DOMINGO: À TARDE, ÀS 16 H.

MARIA VITÓRIA

ADULTOS

• ÚLTIMOS DIAS! SÓ ATÉ DOMINGO!

HOJE, 2 SÊSSÕES, ÀS 20,45 e 23 HORAS

• GIUSEPPE BASTOS • VASCO MORGADO, APRESENTAM A FAMOSA REVISTA

PIMENTA NA LÍNGUA!

(PRÊMIO DA IMPRENSA como «a melhor revista de 1970»)

• TRIUNFO DE UM ÓPTIMO ELenco, COM

• JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA

• BARROSO LOPES • DORA LEAL

A «vedeta» do Fado: A atracção

• ANA ROSMANINHO • RONY VALY

e, no «complice»,

• OCTAVIO DE MATOS

A frente de uma grande companhia, com

JOSÉ DE CARVALHO • MARIANO FRANCO

• CARLOS MIGUEL • DINA MARIA, ETC.

• DOMINGO, ÚLTIMA «MATINÉE», ÀS 16 HORAS

RONY VALY atracção brasileira

HOJE, NOITE POPULAR

• preços reduzidos, com •

mesma tabela das tardes de sábado

BALCÃO: 10\$, 15\$ e 30\$

PLATEIA: 30\$ e 50\$

IGREJAS CAIRO apresenta só até ao fim do mês

EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

Todas as noites às 21.45 h.

16.ª SEMANA • M/37 A.

Teatro TELEF. 717017

Maria Matos

o inocente

TRINDADE

Hoje às 21.45 horas (Adultos)

O original de BERNARDO SANTARÉM

O DUELO

Pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II

SABADO E DOMINGO

Tarde às 16 horas

cial

CENTRO DE LINGUAS

Conta Infantil

BANCO DO ALENTEJO



CANAL DA CRÍTICA

por MARIO CASTRIM

FREDERICO JOLIOT-CURIE: ESTÃO VIVAS AS SUAS PALAVRAS

A família inglesa, nome por que é conhecido entre nós o folhetim das quartas-feiras, prossegue a descrever-nos, com uma rara habilidade, o destino variado das personagens da família Forsyte. Lentamente, as personagens definem-se, constroem-se, mostram a alma. Cada momento da emissão é uma demonstração na arte de bem representar para a TV e de bem saber ler um livro através das imagens. Quando, quando, teremos o nosso forsaitzinho?

O desporto voltou ontem, em directo, à Televisão. Futebol. Entre equipas estrangeiras, o Ajax e o Celtic. Nossos conhecidos já. Do futebol propriamente dito não apetece falar. Ao vê-lo, aí que saudades do antigo Benfica...

Os telespectadores não deixaram, por certo, de reparar no entusiasmo do público, quase 80 mil pessoas, apesar da chuva que caía como gente grande. Não deixaram igualmente, de reparar nos cães-polícias, seguros pelos guardas, parados junto às linhas de cabeceira. Não rados junto às linhas de cabeceira.

Nascera alguma esperança para os telespectadores portugueses a propósito da transmissão do Porto-Benfica, há algumas semanas, quanto à possibilidade da transmissão de algum dos jogos do Campeonato Nacional da primeira. Esperança morta à nascença. Vieram, depois, outros

jogos: internacionais juniores, amigáveis, etc. A televisão muda e queda. Bom, resta-nos a esperança de assistirmos a quando em quando a uma destas partidas acontecidas não se sabe onde e entre clubes que mal conhecemos de ouvido.

Ontem, quarta-feira, não houve TV educativa consagrada à Iniciação Desportiva. Estávamos a tratar do golfe em Portugal. Na última lição assistimos ao desenvolvimento dos primeiros lances de uma partida a sério. Ficaremos por aí, quanto à iniciação? Oxalá venham depressa os tais campos de ensaio, para que, finalmente, possa o golfe tornar-se (como parece ser despo de responsáveis da rubrica) verdadeiramente popular. (Não, não disse nada. Foi eu que tosse.)

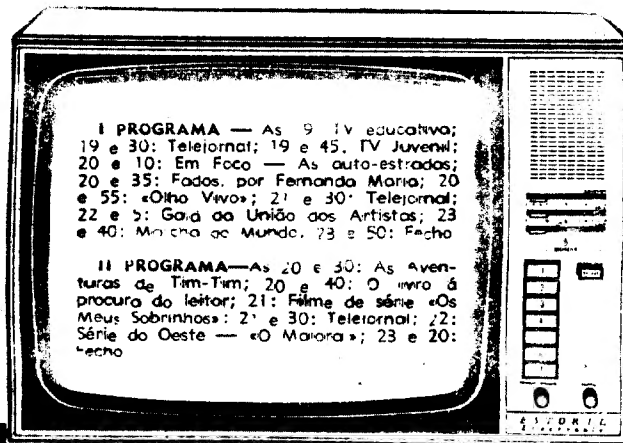
Pois em lugar da Iniciação Desportiva veio um documentário sobre a vida e a obra de Frederico Joliot-Curie. É evidente que a obra e a vida do grande sábio francês mereciam tratamento mais desenvolvido. É evidente que, quer uma, quer outra, foi muito mais importante e significativa do que o documentário deixava entender. A tradução das legendas (pelo menos de algumas) sublinhou a actividade de homem público de Joliot-Curie, o seu amor ao povo francês, ao lado de quem combateu durante a última guerra, em que assumiu as funções de presidente da Frente de Libertação Nacional. «Sempre quis — afirmou-se —

que o saber fosse acompanhado pela consciência». Na sua luta, ao lado de milhões de homens em todo o mundo, incluindo a América. Frederico Joliot-Curie afirmou repetidamente que a mal não

pertencia à ciência, mas aos homens que se serviam dela para fins maléficos. «O homem — afirmou Joliot-Curie — deve estar vigilante para que a ciência não seja mal utilizada».

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL electronic

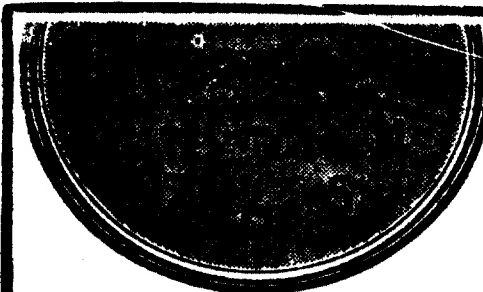
AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Viver no Campo»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Minidecoração, por Gustavo Fontoura; 14 e 15: Logo à noite — Cartaz dos programas; 14 e 20: Fecho. 2.º período — As 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Série juvenil «Robin dos Bosques»; 20 e 10: Transmissão directa do encontro Benfica-Cascais, para a Taça Vasco Velés (Torneio de qualificação para o Campeonato da 1.ª Divisão); 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição; 22 e 5: Série policial «Os Vingadores»; 23 e 5: Os anos 60 na vida internacional; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 20 e 30: Abertura e «As Aventuras de Tim-Tim»; 20 e 40: Minidecoração, por Gustavo Fontoura; 21: Filme de série «Viver no campo»; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição; 22: Curto-Circuito; 23 e 30: Fecho.



pilhas para força motriz



ITR

EQUIPAMENTOS DE CONTROLE DE TEMPO
CARGAS BATERIAS DE PONTA, CUSCO,
MÃO DE ORO, ETC.

Anteriormente comercializados
sob a marca I & M

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
J. GONÇALVES, Lda

6, BRASILEIRA, 19-A
TELEF. 53 32 70-4 70 06
LISBOA



Rádio

PROGRAMA HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — MF 1 (95,7 mc/s.) — As 16: Noticiário; 17 e 30: «Folha», Programa Infantil, por Ana Maria; 18 e 05: C. convidado de hoje: Gilbert Bécaud; 18 e 20: Espectáculo — Teatro por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Música Popular Portuguesa; 19 e 10: Música de Zarzuela «La Boda de Luis Alonso» (Música Giménez, letra — Burgos); 20: Diário Sonoro; 20 e 25: O Convento; «The Dave Clark Five»; 20 e 30: 3.ª Episódio do Festival «Inocência»; 20 e 51: Melodias; 1.º Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — As 8: Música portuguesa; 18 e 52: Duas peças de Charles Ives; 19: O Canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Concerto de câmara em que tomam parte os cantores: Raquel Botelho e Helge Zimmermann com o colaboração do pianista, Regina Cascais. Concerto inteiramente preenchido com duetos de Dvorak, sobre canções da Morávia; 20 e 44: Os solistas de Viena, dirigidos por Wilfried Böthner — Concerto em dó maior (Jean-Marie Leclair), solista em obô, André Lakéet; 21: Momento 71; 21 e 50: Música, só música; 21 e 50: Dia a dia com a Ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10: Fados, por Adelaide Mota e Luís Gohardo; 22 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paula Medeiros; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 54,3 mc/s. — As 23: Noticiário; 23 e 05: Exits da Europa; 23 e 30: Canções que o mundo canta; 0 e 5: Ao encontro da melodia; 0 e 30: Variedades; 1.º Fecho.

Programa Este realfónico — MF — 95,1 mc/s. — As 21: Junção com o 1.º Programa — Abertura para um Festival Académico (Brans), pela Orquestra Filarmónica de Viena, dirigida por Sir John Barbirolli; 21 e 5: Transmissão do Teatro Nacional de 5 Cantos da ópera de Verdi; No 2.º intervalo: A pianista Ingrid Haebler — Sonata em lá menor, K. 310 (Mozart); No intervalo: Solos de harpa, por Nicanor Zabala; No final da ópera: Trechos em piano, por Tamas Vasary; 1.º Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290 m — 1034 kc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Pádua; 21 e 03: Diálogo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Telenôva

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dos; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02:

Pe. Acústica; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée teatral»; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robôalac; 19 e 35: Estudo 64; 20 e 0: Norte do dia; 21 e 05: 50-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O Arauto da Verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as Nações; 22 e 30: Tirocinio; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — As 16: Radiograma; 18: Melodias; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema; 13; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditação; 21: Jazz; 21 e 30: Curso de Língua Alemã; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora

Estação de Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — As 16: Radiograma; 18: Tangos; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Esquema; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Eventual; 21 e 30: Curso de Língua Alemã; 22: Audiotrio; 23: A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 594 kc/s. — 94,4 mc/s. — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30: Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22: Clube Graça — Das 4 e 30 às 19 e 30: Radiofónia de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2: Rádio

S.O.S. - TV TEVERÁPIDA GRÁTIS

Faça um teste ao seu TV, gratuitamente, nos nossos laboratórios
Rua António Pedro, 119 — Telef. 5 06 57 - 53 50 24

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR
DE PINTURA E DESENHO
CINNE

PERÍODO: ATÉ 31 DE MARÇO DE 71

A «ONDA VERDE» COMEÇA EM CAMPO DE OURIQUE

(Continuação da 1.ª página)

Recorde-se que, há dias, nos referimos às dificuldades criadas nos acessos a Campo de Ourique. A experiência dirá que nem o Rato, nem a Estrela, têm capacidade para aguentar o excesso de tráfego rodoviário que lhes vai ser imposto, sem modificações estruturais profundas.

Quanto à sinalização instalada já em quase todas as ruas de Lisboa que virão a figurar dentro do esquema da «Onda Verde», discordamos em absoluto da cor dos postes. Estes, pintados de um verde escuro que se plasma nos tons das árvores, ramos e de muitos prédios da cidade, não estão na evidência desejável.

A pouca visibilidade desses postes foi posta em relevo por

uma circunstância quanto a nós utilizada indevidamente para criticar a qualidade do automobilista português: verificaram-se já uns 40 derrubados de postes, quase todos eles durante a noite, por embate de automóveis. Ora, parecem-nos, salvo melhor opinião, haver preceitos legais quanto à necessidade de assinalar luminosamente, durante a noite,

todos os obstáculos colocados na via pública. Há que lembrar que, inicialmente, muitos desses postes se ergueram em passeios feitos de novo nas ruas até aí desimpedidas de obstáculos. Que, em alguns casos, eles foram, até, ali colocados antes dos passeios, e que estes nunca tiveram sinais luminosos de aviso aos automobilistas.

Outro reparo a fazer é o da baixa altura desses mesmos postes. Dir-nos-ão que, lá fora, isso é suficiente. A comparação não resulta válida, uma vez que lá fora se dispõe de muitas outras infra-estruturas fundamentais, como cruzamentos a níveis diferentes, túneis, vias e parques para estacionamento.

O que se fez em Campo de Ourique, para criar espaço de visibilidade dos sinais luminosos, reduziu em cerca de 50 por cento os espaços de

estacionamento. Todos sabem que, em Lisboa, devido à escassez de garagens e de parques de estacionamento e falta de sítios para automóveis, a esmagadora maioria dos veículos fica «à luz das estrelas». Como se irá resolver o problema do estacionamento,

se se vai reduzir o espaço a 50 por cento por causa da «Onda Verde»?

Para além deste problema, julgamos que se exagerou no resguardo de estacionamento proibido, para dar visibilidade aos sinais, como se prova com a gravura publicada.

CONTRA A POLUIÇÃO DAS ÁGUAS E MARGENS

(Continuação da 1.ª página)

aprovado, é proibido, salvo licença especial, o lançamento ou o despejo (nas praias, portos e leitos dos rios) de

águas nocivas e substâncias residuais, bem como quaisquer outras substâncias ou resíduos que de algum modo possam poluir as águas, praias ou margens, tais como produtos petrolíferos ou misturas que os contenham. Também é proibido aos navios nacionais a descarga de óleos persistentes.

As autoridades marítimas, por sua iniciativa ou a pedido das autoridades sanitárias, competirão tomar as disposições adequadas para impedir e reprimir a poluição. As infrações serão punidas com multas que poderão ir até mil contos. Na graduação da pena atender-se-á à gravidade da infração cometida e ao grau de culpabilidade, bem como à gravidade das consequências que dela tenham advindo para as águas, praias ou margens, e, ainda, para a flora e fauna marítima.

Especifica-se, no diploma, a competência das autoridades marítimas ou sanitárias para a aplicação das multas, depois de ouvida a Comissão Nacional Contra a Poluição do Mar.

Das decisões que apliquem multas de valor não superior a 100 contos não haverá recurso.

Compete aos capitães dos portos adoptar, com a possível brevidade, todas as medidas que julgarem necessárias ao combate da poluição provocada pelas infrações previstas neste diploma, correndo todas as despesas por conta do infractor. Ficam ressalvadas as normas em vigor sobre a responsabilidade civil e disciplinar emergente das infrações ao disposto no presente decreto-lei.

As disposições deste decreto-lei não serão aplicáveis a lançamentos ou despejos feitos para garantir a segurança de navios ou instalações, salvar vidas humanas no mar ou resultantes de casos de força maior, devidamente comprovados.

Prof. Lima Basto

Na capela privativa do Instituto Português de Oncologia foi celebrada hoje, missa de sufrágio pelo prof. Lima Basto. Oficiou o capelão, rev. José Ramos, e assistiram, além dos componentes da Comissão Directiva do Instituto e da direcção da Liga Portuguesa Contra o Cancro, que promoveram o acto litúrgico, familiares do ilustre extinto, médicos, pessoal de enfermagem, funcionários do Instituto e muitas outras personalidades. O templo, situado no 7.º andar, encheu-se completamente.

Descobertos os autores do assalto (em Dezembro) de uma ourivesaria na Amadora

Os intervenientes no assalto à Ourivesaria Roque, sita na Amadora, levado a efeito em Dezembro passado, acabam de ser descobertos pela Polícia Judiciária, tendo os objectos roubados (no valor de 600 contos) sido recuperados na sua quase totalidade.

São os seguintes os assaltantes: Manuel Aires, comerciante, de Santo António dos Cavaleiros (detido sem admissão de caução); e os súbditos espanhóis Ernesto de Samcastro Rodríguez, «El Chato», (já nas mãos das autoridades do país vizinho); e Sebastião Ferrer Rodríguez, «El Lolo»,

cujo paradeiro se desconhece. Como encobridor, foi detido e depois caucionado João Carriho, de 48 anos, comerciante de Moscavide.

O assalto foi planeado pelos cadastrados António Luís da Costa e Francisco Maurício. «O Fantasma da Caparica» — mas estes dois foram ludibriados pelos primeiros, que não respeitaram a data combinada para a execução do golpe.

Os objectos roubados (recuperados, como dissemos, na sua quase totalidade) encontravam-se escondidos na serra do Marvão.

O DIA DA P. S. P.

O Dia da P. S. P. foi hoje comemorado em todo o País, com diversas cerimónias promovidas pelo Comando-Geral da corporação.

Em Lisboa, houve, de manhã, concentração das forças policiais na Praça do Império, onde, na presença do ministro do Interior, o comandante-geral da P. S. P., brigadeiro Tristão Carvalhais, fez uma breve alocução, sendo, depois, impostas condecorações a agentes da P. S. P.

Após o desfile das forças concentradas, cerca das 12 horas, foi celebrada missa no Mosteiro dos Jerónimos, por intenção dos agentes mortos no cumprimento do dever, e,

às 16 horas, efectuou-se a habitual cerimónia de homenagem à memória do comandante Ferreira do Amaral, na paragem que tem o seu nome, no quartel do comando da P. S. P. de Lisboa.

Finalmente, às 21 e 30, haverá um serão recreativo dedicado pela Emissora Nacional ao pessoal da corporação e respectivas famílias, o qual se realiza no Caliseu dos Recreios.

Cerimónias idênticas decorreram, durante a manhã e a tarde, em diversos pontos do País, designadamente nas capitais dos distritos e sedes dos concelhos.



PARA CADA AUTOMÓVEL UM TIPO ESPECIAL DE AMORTECEDOR

100.000 Km. DE GARANTIA OU 7 ANOS

REPRESENTANTE
GARAGEM CENTRAL LDA • Largo da Anunciada, 17 • LISBOA
AGENTES:
AUTO-PORTO, LDA — PORTO • EUROPA ACESSÓRIOS — PORTO
AUTO INDUSTRIAL, S. A. R. L. — COIMBRA

BOM APETITE

CAFÉ «IMPAR»

NO

BAR RIBATEJO

PRAÇA DO AREEIRO, 11-D ABRE AS 7 HORAS

CASTANHEIRA

L. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 5 anos)

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

TELHEIRAS DE CIMA, 144 • TELEFONE 79 02 11

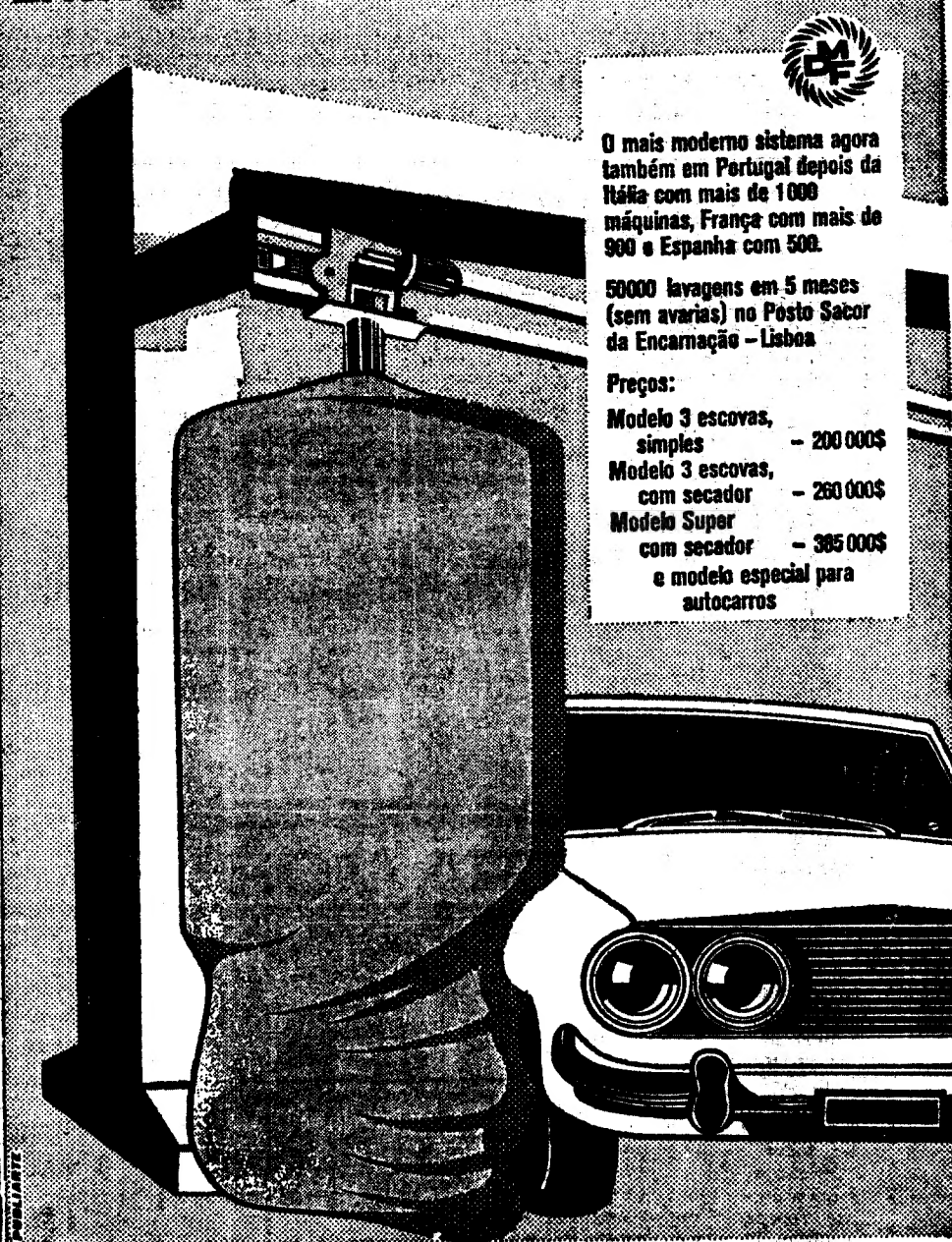
JANTARES DANÇANTES aos Sábados e Domingos c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

(M/15 anos)

Parque automóvel privativo

Premiado pelo SNI

LAVAGEM E SECAGEM AUTOMÁTICA



O mais moderno sistema agora também em Portugal depois da Itália com mais de 1000 máquinas, França com mais de 900 e Espanha com 500.

50000 lavagens em 5 meses (sem avarias) no Posto Sacer da Encarnação - Lisboa

Preços:

Modelo 3 escovas, simples - 200 000\$
Modelo 3 escovas, com secador - 260 000\$
Modelo Super com secador - 385 000\$
e modelo especial para autocarros

representação da AUTO-MONUMENTAL do AREEIRO, S.A.R.L.
telef. 311713-316616 • Av. Cidade do Porto (Rot. da Encarnação) Lisboa-5

ESTA ESTRANHA LISBOA

Sobre a rarefacção do espaço

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

Aumentam os automóveis. A cidade diminui. Vêem-se por todo o lado burrinhos metálicos com o pequeno círculo ameaçador onde está inscrita a limitação de velocidade: não mais de noventa à hora. Enquanto a imagem fictícia das grandes empresas se imprime na multidão, através dos seus múltiplos meios de persuasão, a onda dos veículos engrossa, sobre os passeios, derrama-se pelas curvas, aspira ao espaço aéreo.

Cada dia traz à cidade uma variedade imensa de engenhos do mundo electrónico, as casas de discos abrem para a rua as máscaras cosméticas do som, a voz de George Harrison torna em política (tudo é política) o My sweet Lord, a publicidade esfarrapa pelas paredes a psicopatologia do homem quotidiano e a aceleração inflatória. Entretanto os condutores desesperam-se, praguejam ou engolem razões e desrazões, dão a volta aos blocos de casas, que é como quem diz de automóveis estacionados não se sabe por que milagre ou desde que hora matinal, e, por fim, receando perder

o emprego ou o negócio ou a família ou o fundo da paciência já tão a caminho do enfarte, lá deixam a viatura (libélula não, mas rocinho mecânico) lógica, natural e necessariamente em infracção. É que não há em Lisboa locais de estacionamento. Não há mesmo. Não. Nisso parece que estamos todos de acordo. Ou não?

É que é urgente, urgentíssimo, construir parques de estacionamento — subterrâneos, aéreos, horizontais, verticais, em andares sobrepostos, com rampas de acesso, elevadores, sinalização adequada, tudo o que lá fora existe, em Paris, em Nova York, até em Marselha, em suma, nas sociedades do automóvel...

Agora ainda uma apostilha: quanto aos dísticos que, em princípio deveriam assegurar aos médicos e aos jornalistas, sobretudo quando em serviço, um mínimo de compreensão e que afinal não servem rigorosamente para nada nesse particular (vai-se-nos o ordenado em multas de estacionamento proibido, mas onde estacionar?), não será de os devolver?



Françoise Rosay e Artur Duarte: quarenta e três anos separaram o último abraço do primeiro encontro

FRANÇOISE ROSAY E ARTUR DUARTE QUARENTA E TRÊS ANOS DEPOIS

EXACTAMENTE quarenta e três anos depois das filmagens do «Navio de Cristal» (realizadas em 1927, nos estúdios de Staken, em Berlim) Françoise Rosay e Artur Duarte voltaram a encontrar-se, desta vez em Lisboa e no palco do São Luiz. Foi um abraço de intensa e profunda saudade que voltou a unir os dois artistas: a actriz que conta agora 80 anos e representa ainda (um ano em cena com «Oher Antoine», de Jean Anouilh, agora apre-

sentada em Lisboa) e o veterano director cinematográfico, responsável por alguns dos maiores êxitos do cinema português nas décadas de quarenta e cinquenta.

A amizade de ambos data, pois, de 1927, quando Françoise Rosay pensava, talvez, não mais abandonar os estúdios cinematográficos e Artur Duarte estava muito longe de terminar a carreira de actor internacional que começara tão aus-

piciosamente. E agora a velha actriz e o veterano realizador tiveram oportunidade de recordar outros tempos. Por momentos ficaram «ainda» mais jovens que recordar tempos distantes é voltar de novo à juventude. A viúva do famoso Jacques Feyder gostou de encontrar «le petit portugais». — Pela última vez? — perguntou ela um pouco triste. — Nunca se sabe — respondeu Duarte com a juventude de seus 75 anos.



o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais * Tocam: António Bessa e Fernando Reis * Consumo mínimo 60\$00 * Rua das Taipas, 14 * Tel. 32 72 56.

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoço a 25\$00 (à noite) * Consumo mínimo 40\$00 * Av Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 21 32 59 * Encerra às quartas-feiras.

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zita Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva, Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos. Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — Consumo mínimo 40\$00 * Trav. da Espera, 8 — telef. 35 4 64 * Encerra às 5 da madrugada.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília da Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam:

Acácio Gomes e Miguel Silva * Cons. mínim. 40\$00 * R. da Rosa, 219 * Telef. 36 85 79

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Camara, João Braga, Ario Rosmaninho e António de Mello-Corrêa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal. * Encerra aos domingos * Consumo mínimo: 90\$00 * Beco dos Cortumes, 10 * Telef. 86 0818.

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda. Tocam: Acácio Gomes e

Amadeu Ramim. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» * Cons. mín. 50\$00. R. da Barroca, 133 * Telfs.: 36 97 60 e 30532 * Encerra às 3.ª feiras.

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra) e Manuel Mestre, Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola) Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigida por António Cunha * Travessa da Queimada, 10-16 * Telfs.: 362889-328503.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivette Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira, Fados de Coimbra por João Queiroz. Trio Azautes. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira * Cons. mín. 70\$00 * Rua do Norte, 91 * Telef.: 30095-328713 * Encerra à segunda-feira.

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Benwinda Cruz. Tocam: Pedro

Calgeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros * Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.) * Rua Gilberto Rola, 24 * Telefones: 67 66 55 e 67 24 31.

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernanda Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcinde de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo. * Rua «Diário de Notícias», 107 * Telef.: 32 83 07. * Encerra aos domingos.

restaurantes, bares, «boites», e «dancings»

ADAGGIO

Pop-Soul e Underground * Sempre os últimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * Aberto todos os dias, das 16 às 20 e das 22 às 3.30 h. * Rua Carlos dos Reis, 51-A * Telef. 775695.

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas * Música constante * Calçada

Marquês de Abrantes, 64-66 * Telefones 667264.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Música constante * Av. Marechal Carmona, 2 — Campo Grande — Telef. 790177 * Encerra às 3.30 horas.

MAXIME

Conjunto 6 * Reacção e Maximiliano * «Shows» turísticos * Va-

riedades internacionais * Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.

vá jantar ou cear A FURNA rua fernanda lapa, 380 a duque de loulé-lisboa

BARBARELA

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) * Telef. 367136 * Encerra às 3 horas.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto * Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 * Matinées todos os dias * Encerra aos domingos.

ARCHOTE CLUBE-BAR

Cocktail-Bar — Salon — Boite — Clube * Últimas novidades em disco, recebidos directamente dos E. U. A. e Inglaterra * Rua D. Filipa de Vilhena, 6-D * Telef. 49960.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado * Variedades internacionais * Telef. 264521-264526-264596-264621-264946.

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A * Telef. 48384 * Conj. Heider Reis * Encerrada aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas * Avenida Duque de Loulé, 73 * Telef. 530171.

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

(Continuação da 1.ª página)

Parque Residencial e Turístico de Miraflores (com mobiliário Gibo) e um luxuoso automóvel «Mercedes Benz-220». Muitos outros prémios vão ficar ao

alcance dos leitores — e muitos milhares são já — que participam na iniciativa que abre o ciclo comemorativo do cinquentenário do «Diário de Lisboa»: automóveis

«Rebel-700» e «Fiat 600-D», uma «roulotte» Sprite-Cadet, mobiliário «Olavo», máquinas de costura «Oliva», gravadores, rádios e giradiscos «Philips», bicicletas «Vilar», is-

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos, pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do «Diário de Lisboa»» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1\$00

ma a satisfazer todos os gostos e preferências.

Não deve, porém, perder tempo. Não deixe para os últimos dias a remessa do seu cartão-duplo de identificação para evitar aglomerações e demoras de correspondência que só poderão ser prejudiciais. Se ainda o não fez, envie imediatamente o seu cupão-duplo de identificação que lhe permitirá participar nesta grandiosa iniciativa do «Diário de Lisboa» e o habilitará a valiosos prémios. E — quem sa-

be? — talvez possa tornar-se milionário. De facto, o primeiro prémio desta iniciativa tem o valor total superior a mil contos. Por isso, insistimos: não perca tempo.

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Acetam-se, desde já, assinaturas pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes

3 meses —	130\$00
6 —	250\$00
12 —	485\$00

Pagamento adiantado, em cheque ou vale de correio

REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente.
- O leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada, a localidade onde reside e, facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa»
- preenchido o cupão-duplo este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185-1.º - Lisboa-1 acompanhado de um selo de 1\$00 se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio
- se o leitor pretender que lhe seja entregue, pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa» o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1\$00 que se destina logicamente a despesas de correio.
- recebido o cupão-duplo os leitores ficarão classificados por ordem numérica e alfabética. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cartão-duplo
- o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover
- o leitor do «Diário de Lisboa» para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual demonstrando possuir na sua residência o número de «cabecinhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês

(*) Por «cabecinhos» entende-se apenas a parte da 1.ª página do jornal donde consta o nome deste e a data da publicação.

CORRESPONDÊNCIA

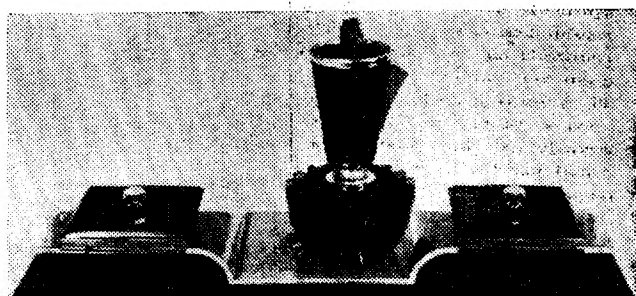
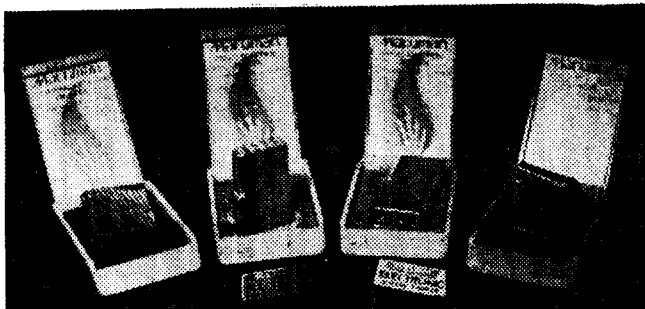
Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões) deve ser dirigida a «LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA»», Rua Castilho, 185, 1.º - Lisboa 1

queiros «Maruman» (de bolso e de mesa), confecções Karim-Sola (para homem e senhora), máquinas de barbear «Philishave», um lote de prémios seleccionado de for-

CINCO ISQUEIROS «MARUMAN»

SÃO PRÉMIOS DA NOSSA INICIATIVA

CINCO DOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS PARA A NOSSA INICIATIVA E, CERTAMENTE, DOS MAIS APETECIDOS: UM ISQUEIRO DE MESA E QUATRO ISQUEIROS ELÉCTRICOS DE BOLSO «MARUMAN», MARCA JAPONESA DE GRANDE CLASSE QUE ATRAVÉS DOS MODELOS PRODUZIDOS EVIDENCIA O DOMÍNIO DA TÉCNICA MAIS AVANÇADA. OS PRÉMIOS FORAM INSTITUÍDOS POR REPRESENTAÇÕES IDRIS KARIM, AV. DO BRASIL, 134-1.º-ESQ. — LISBOA



ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERÁ DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTÃO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1\$00

VIDA MUSICAL

A ópera «Rigoletto» no São Carlos e no Coliseu

A temporada de ópera do Teatro de S. Carlos vai prosseguir com a ópera «Rigoletto» de Verdi, que será apresentada em S. Carlos hoje (21 e 15) e no domingo (16 e 30), e no Coliseu, no dia 16 (21 e 15), em récita popular.

Tudo se conjugou para que estas representações de uma das mais célebres obras de Verdi e do repertório tradicional tivessem a categoria que a própria obra exige. Assim, dirigida pelo maestro Oliveira de Fábrius e encenada pelo regista Riccardo Morello, com cenários de Alfredo Furiga, a ópera «Rigoletto» será interpretada por um elenco de categoria. Três dos maiores cantores líricos da actualidade — Piero Cappuccilli, Alfredo Kraus e Margherita Guglielmi — figuras habituais dos grandes teatros líricos do mundo, serão, respectivamente, «Rigoletto», o «Duque de Mântua» e «Gilda». Ao lado destes três cantores ouviremos ainda um naipe de excelentes artistas: Loris Gambelli, Alvaro Malta, Gabriela Schubert, Armando

Guerreiro, Maria Luísa Viagas, Sara Rosa, João Pessanha e Virgílio Gonçalves. No espectáculo colaboram ainda a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, o Coro

do Teatro de S. Carlos, ensaiado pelos maestros Mario Pellegrini e Carlo Pasquali, e o Centro de Estudos de Bailado, sob a direcção coreográfica de Margarida de Abreu.

ALMADA: «NÃO» ÀS BARRACAS

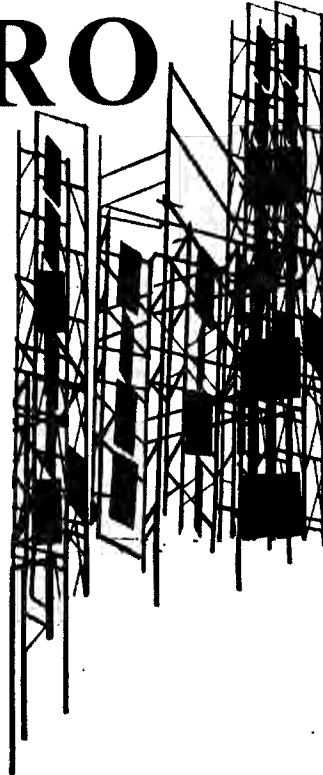
ALMADA, 11 — Lê-se no último «Boletim Municipal» que está quase concluído o inquérito assistencial levado a cabo entre moradores de barracas, especialmente na Quinta da Alegria, Alto da Margueira,

Quinta de S. Luís, Casariquejais de Baixo e no pátio n.º 26 à Rua do Armeiro-Mor, na Cova da Piedade.

Tal inquérito será da maior utilidade no reaquecimento dos moradores

das barracas erguidas naqueles locais, quando se tornar oportuno atribuir-lhes as casas que estão a ser construídas ao abrigo da actual campanha para extinção das barracas de madeira.

TRANSFORMAMOS DINHEIRO EM PROGRESSO!



Sindicato Nacional dos Profissionais de Propaganda

Médica

Av. Miguel
Bombarda, 96-1.º-Dt.º
LISBOA

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCAÇÃO

De harmonia com a moção aprovada por unanimidade na Assembleia Geral de 27/2/1971, realizada na Casa do Alentejo e em conformidade com o art.º 30.º § único dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Extraordinária do Sindicato Nacional dos Profissionais de Propaganda Médica, a reunir no próximo dia 16 de Março de 1971, pelas 20 horas, na sede da Casa do Alentejo, Rua Portas de Santo Antão, n.º 58, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — a) Informação à classe de acontecimentos ocorridos recentemente na firma «Merck Portuguesa, Lda».
- b) Discussão e medidas a tomar na defesa dos interesses da classe e em especial dos associados atingidos.
- 2 — Proposta de alteração do art.º 20.º dos Estatutos.

Não havendo, à hora marcada, número legal de associados a Assembleia Geral reunirá em 2.ª convocação, uma hora depois, com qualquer número de sócios, de acordo com o estabelecido no art.º 33.º dos estatutos.

Para facilidade de identificação e consequente admissão à Assembleia Geral todos os associados deverão ser portadores da sua Carteira Profissional.

Lisboa, 9 de Março de 1971.

O Presidente da Mesa
da Assembleia Geral

a) Manuel Gomes dos Santos

FACULTAMOS

crédito a médio ou longo prazo para:

- * Investimento * Produção e
- venda a prazo de bens de equipamentos nacionais
- * Exportação.

COLABORAMOS

com as actividades económicas nacionais na realização de:

- * Estudos económicos sobre oportunidades de investimento
- * Contactos com empresas nacionais e estrangeiras
- para a concretização de iniciativas de interesse mútuo.

REMUNERAMOS

depósitos de prazo superior a um ano,

à taxa de 5,75% com: * Isenção total de impostos

- * Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças
- * Segurança total.



BANCO DE FOMENTO NACIONAL

METRÓPOLE Sedes: LISBOA. Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA, SANTARÉM, ÉVORA, VISEU, AVEIRO.
ULTRAMAR Direcções-Gerais: LUANDA, LOURENÇO MARQUES.

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

ELES PERGUNTAM:
«SERÁ PUBLICADA
UMA OUTRA PORTARIA?»

DOCÊNCIA EFECTIVA — OS INSTRUTORES DE EDUC.



Um instrutor (e também aluno do I. N. E. F.), Eduardo Saraiva, para o jornalista: «O instrutor de Educação Física não passa de um professor eventual».

Uma recente portaria resolveu alguns dos problemas fundamentais do ensino médio de Educação Física, mas deixou alguns por solucionar, como o da situação de eventuais a que estão condenados os diplomados pelas Escolas de Educação Física de Lisboa e do Porto.

Para esclarecimento dos problemas da classe dos diplomados por estas duas Escolas e na sequência de uma informação que nos foi dirigida por um grupo de alunos da do Porto, contactámos com um antigo dirigente da associação de alunos da de Lisboa e seu actual professor.

— O instrutor de Educação Física como professor está na situação de eventual, não tem diuturnidades, não tem reforma — afirmou-nos o sr. Eduardo Saraiva, instrutor diplomado pela Escola de Educação Física de Lisboa e aluno do I. N. E. F., a propósito da recente portaria da Direcção-Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar (6 de Fevereiro passado) que regula o funcionamento interno das Escolas de

Educação Física de Lisboa e Porto

Para boa compreensão da instabilidade que reina na classe dos instrutores de Educação Física importa uma breve retrospectiva de um

processo que levou à criação dos aparelhos docentes.

Em 23 de Janeiro de 1940 foi criado o Instituto Nacional de Educação Física pelo Decreto-Lei 30279. No decurso de 20 anos chegou-se à conclusão de que os professores diplomados pelo I. N. E. F. não bastavam ao País.

Uma decisão governamental posterior veio então fornecer um maior volume de técnicos da especialidade:

referimo-nos ao Decreto-Lei 18081, de 26 de Novembro de 1960, que criou os Cursos de Instrutores de Educação Física, em Lisboa e no Porto, abrangidos pela orgânica do I. N. E. F., embora o da capital do Norte gozasse de uma certa autonomia, em parte devida à distância quilométrica...

Para que se tornasse possível um melhor funcionamento dos referidos cursos, foram estes transformados, pe-



«Ensinar exige estudo e segurança profissional. O professor eventual é uma injustiça...»

AS CRIANÇAS DE ALGÉS PRECISAM DE UM JARDIM INFANTIL EM CONDIÇÕES

«Apertado» entre os pavilhões que dão para a marginal, o jardim infantil que serve as crianças de Algés possui dimensões verdadeiramente ridículas. Poucos são os aparelhos (cavalinhos, baloiços, etc.) postos à disposição das muitas crianças que habitam

em Algés e o caso adquire particular importância numa localidade que, praticamente, não possui zonas verdes. A localização do jardim infantil, integrado no jardim público onde se situam os pavilhões, não parece, por outro lado, ser das melhores.

O ruído dos muitos automóveis que passam na marginal e a poluição atmosférica que necessariamente provoca, não constituem, na verdade, factores aconselháveis para um local destinado a crianças, na sua maioria, de tenra idade. Algés necessita, pois, de um jardim infantil em condições, longe do bulício que perturba os nervos e com um ar que seja tanto quanto possível inofensivo para os pulmões das crianças.

APARTAMENTOS QUINTA DOS LOMBOS NA PRAIA DE CARCAVELOS

TOTALMENTE EQUIPADOS

INICIADA A VENDA DA 2ª FASE

Informe-se das extraordinárias vantagens de comprar agora

VISITE O "NOVO APARTAMENTO MODELO" NO LOCAL

Dias úteis das 14 às 19 h Sábados e Domingos das 11 às 13 h e das 14 às 20 h



RUA BARATA SALGUEIRO, 53 r/c LISBOA



ACABAM DE SAIR

Do Balanço Real ao Balanço Fiscal

pelo DR ASSIS TAVARES

UMA OBRA DA MAIOR OPORTUNIDADE — 130\$00

Financiamento da Pequena Empresa Dinâmica

por R. I. ROBINSON

N.º 16 da Coleção

«Cadernos de Organização do Trabalho» — 70\$00

Clássica Editora • Restauradores, 17 • Lisboa

PARA COMPRAR...
OU VENDER

AS SUAS JÓIAS
BARBOSA, ESTEVES
& C.ª, LD.ª

293 — Rua da Prata — 295

JÓIAS ANTIGAS
E MODERNAS

Compramos pelo mais
alto preço.

GRANDE OURIVESARIA
DA MODA

RUA DA PRATA, 257

— PEDEM EDUCAÇÃO FÍSICA

o-Lei
ro de
os de
o Fy-
orto,
a do
a ca-
de
em
qu-

ossí-
men-
fo-
Pe-

lo Decreto-Lei 49 233, de 5 de Setembro de 1969, em Escolas de Educação Física: satisfaz-se, assim, em parte, uma aspiração de autonomia dos corpos docente e discente.

Finalmente, essa autonomia foi concretizada pela portaria a que já nos referimos, de 6 de Fevereiro passado; ficou estabelecido, como dissemos, o regulamento interno das ditas Escolas.

— Mas no plano profissional nada ficou resolvido — acentuou o nosso interlocutor

Estabilização a todo o custo

Nada ficou resolvido porque (como também acentuamos) o instrutor de Educação Física não tem quadro. A estabilidade, só a alcança ingressando no I. N. E. F. com vista ao curso superior ali ministrado. Todos os instrutores o poderão tirar? Esta é uma interrogação legítima por parte da grande maioria desses diplomados.

A via que permite o ingresso nas Escolas de Educação Física é a proporcionada pelo 5.º ano liceal ou equivalente ao mesmo grau de ensino (comercial ou industrial).

Uma vez terminado o curso ministrado nas Escolas de Educação Física (curso médio com a duração de 2 anos), o instrutor está habilitado a ingressar, como aluno, no Instituto Nacional de Educação Física, onde o respectivo curso tem a duração de 4 anos.

Dado que a estabilidade dos instrutores só pode ser alcançada na qualidade de formados pelo I. N. E. F., torna-se óbvio que os diplomados por aquelas Escolas ou desistem da profissão (sem garantias sociais), ou afluam cada vez em maior número ao Instituto Nacional de Educação Física. Trata-se de uma corrida na qual a pedagogia não é um fim, mas um meio, um meio

para uma estabilização profissional destituída daqueles princípios que devem interessar (têm de interessar) qualquer país. O nosso, por exemplo.

— Ora esta situação podia

mu-
to bem ser remediada com a criação de um quadro para diplomados pelas Escolas de Educação Física — concluiu o nosso interlocutor — A portaria de 6 de Fevereiro não teve esse as-

pecto em conta; regulamentou o funcionamento das Escolas de Educação Física, mas não tocou no plano profissional. Será publicada outra portaria?

Espera-se das autoridades

competentes a solução deste problema em aberto, no sentido de se criar um quadro de instrutores que tanta falta fazem ao desenvolvimento da educação física no nosso País.



Trata-se de uma corrida na qual a pedagogia não é um fim, mas sim um meio...

Um rendimento certo isento de impostos

TAXAS DE JURO

Depósitos à ordem (pessoas individuais)

Até 50 contos	3% ao ano
Excedente a 50 contos	1.5% ao ano

Depósitos a prazo (entidades privadas)

6 meses, renovável	4,75% ao ano
1 ano, renovável	5,25% ao ano
15 meses, renovável	5,75% ao ano

Importâncias múltiplas de 1000\$00
com o mínimo de 10 000\$00

Depósitos Poupança-Habitação

vencem juros à taxa dos depósitos à ordem, mas quando concedidos os empréstimos a que dão direito, é-lhes atribuído um suplemento de forma a beneficiarem da taxa de

5,75% ao ano

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

Informações em qualquer dependência da Caixa

Os juros dos depósitos estão isentos de quaisquer impostos nos termos da lei.

O Estado assegura a restituição de todos os depósitos efectuados na Caixa, mesmo em casos fortuitos ou de força maior.

A PROPRIEDADE VALORIZA-SE

J. PIMENTA, SARL mostra-lhe o melhor caminho

Não hesite, aplique o seu dinheiro com segurança, comprando propriedades prontas a fazer escritura, que para além dum bom rendimento ainda lhe proporcionarão uma valorização constante.

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS	GARAGENS	MORADIAS	APARTAMENTOS MOBILADOS
REBOLEIRA LOTE 4-A — 300 CONTOS LOTE 5-A, CONJUNTO DE ESTABELECIMENTOS INTERLIGADOS, PODENDO VENDER-SE POR FRACÇÕES — 9.000 CONTOS LOTE 3 — 450 CONTOS LOTES 19 E 20, CONJUNTO DE ESTABELECIMENTOS INTERLIGADOS — 4.000 CONTOS EDIFÍCIO OEIRAS — CONJUNTO DE ESTABELECIMENTOS INTERLIGADOS — 4.000 CONTOS CENTRO DA AMADORA AV. SANTOS MATOS, 10. CONJUNTO DE ESTABELECIMENTOS INTERLIGADOS — 4.800 CONTOS PAÇO DE ARCOS LOTE 24 TIPO E 140 CONTOS ARMAZENS AMADORA — BAIRRO JA-NEIRO PR. D. JOÃO I, 1-C — 1.000 CONTOS QUELUZ R. D. MARIA I, 15-B — 1.500 CONTOS REBOLEIRA LOTE 21 — 150 CONTOS LOTE 22 — 150 CONTOS LOTE 26 — 150 CONTOS LOTE 8 A 12 — 5.000 CONTOS VENDA NOVA — AMADORA LOTES 1, 2 E 3 1.100 CONTOS	AMADORA — REBOLEIRA LOTES 6, 7 E 8 — 2 PISOS — 9.600 CONTOS	CASCAIS — DESDE 750 CONTOS	REBOLEIRA Lote 8 Tipo 75 Larg. Eug. dos Santos 140 Contos » 9 » » 140 » » 10 » » 140 » » 11 » » 140 » Lote 9 A-B Centro Comercial 150 » » 10 Tipo 75 » 150 » » 14 Tipo 75 C » 150 » Lote 10 Tipo 52-A Centro Comercial 260 » Edifício Oeiras Tipo 150-C 260 » » » » 150-A 260 » VENDA NOVA Lote 2 Tipo 150-B 250 Contos 3 » 150 250 » 3 » 150-A 250 » PAÇO DE ARCOS Lote 11 Tipo 323 180 Contos » 10 » 322 200 » » 20 » 319-B 210 » » 20 » 319-A 220 » » 22-A » 319-A 220 » » 19 » 319-A 230 » » 10 » 324 240 » » 10 » 321-A 240 » » 21 » 328 250 » » 21 » 319-B 250 » » 19 » 321-B 270 » » 19 » 321 270 » » 26 » 321 355 » ANDARES REBOLEIRA Lote 9 A-B Centro Comercial 4 assoalh. 350 Contos » » » 350 » AMADORA junto à estação de Caminho de Ferro e ao jardim parque. Edifício Amadora 3 assoalhadas 300 Contos » » 5 » 600 »

As nossas propriedades podem ser vendidas para habitação própria ou para aluguer, o que lhe proporcionará um excelente rendimento

80 MIL CONTOS DE PROPRIEDADES CONSTRUÍDAS PARA ESCRITURAS IMEDIATAS

Temos ao nosso serviço cerca de 3.000 operários especializados. Eles construirão as propriedades que vendemos.

250 MIL CONTOS DE PROPRIEDADES, EM CONSTRUÇÃO, PARA VENDA

PROPRIEDADES EM CONSTRUÇÃO

PAÇO DE ARCOS BAIRRO COMENDADOR JOAQUIM MATIAS	REBOLEIRA AMADORA	CASCAIS PAMPILHEIRA
ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS DEDE 300 A 1.600 CONTOS	ARMAZENS E ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS DESDE 150 CONTOS	ESTABELECIMENTO COMERCIAL, NO CENTRO DA VILA, RUA REGIMENTO DE INFANTARIA 19, N.º 30. PREÇO 5.000 CONTOS, PARA EXPLORAÇÃO OU CONSTRUÇÃO
600 APARTAMENTOS MOBILADOS, COM VISTA DE MAR E JUNTO À PRAIA, NUM PLANO DE 2.000 UNIDADES, DESDE 170 A 400 CONTOS	400 APARTAMENTOS MOBILADOS, NUM PLANO DE 1.500 UNIDADES, DESDE 140 A 250 CONTOS	APARTAMENTOS MOBILADOS NO ALTO DA PAMPILHEIRA, COM VISTA DE MAR E SERRA, DESDE 350 A 600 CONTOS
ANDARES EM PROPRIEDADE HORIZONTAL DE 4, 5 E 6 ASSOALHADAS, DESDE 470 A 630 CONTOS	ANDARES EM PROPRIEDADE HORIZONTAL DE 3, 4 E 5 ASSOALHADAS DESDE 300 CONTOS	ANDARES DE 3 A 6 ASSOALHADAS DE 550 A 1.100 CONTOS, E MORADIAS DE DIVERSOS TIPOS



J. PIMENTA, SARL

Escritórios

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telef. 4 58 43/4 78 43
 QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
 COIMBRA: Avenida Fernão de Magalhães, 470, 1.º, Sala 1

CASTELO BRANCO: Praça do Rei D. José (com entrada pela Rua da Figueira)

BRAGA: Av. Marechal Gomes da Costa, nº 590, 3.º, dt.º

LUANDA: Henrique Castendo — R. Francisco A. Pinto, 22 — Tel. 2 29 31 — Apartado 1224

Locais de construção

• PAÇO DE ARCOS — BAIRRO COMENDADOR JOAQUIM MATIAS • CASCAIS
 — CONJ. TURÍSTICO DA PAMPILHEIRA • REBOLEIRA EDIFÍCIO OEIRAS •
 LISBOA — OLIVAIS

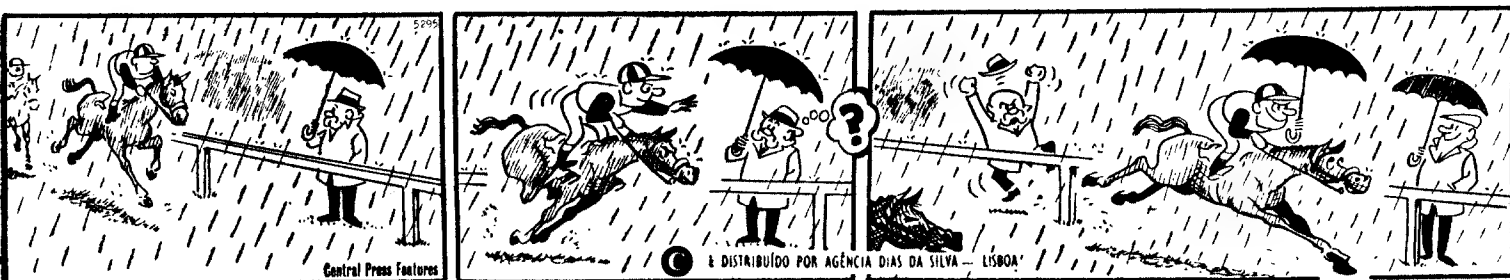
6 000 CLIENTES SATISFEITOS RECOMENDAM-NOS



OS PEANUTS



CAROL DAY



ACTIVIDADES DE FORMAÇÃO NO G. I. T. A.

No prosseguimento do programa de acções de formação e aperfeiçoamento profissional, promovidas pelo Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis, realizam-se amanhã e depois de amanhã, em Lisboa, mais duas sessões do programa de «management», que o G. I. T. A. está a realizar desde Janeiro, através do seu Centro de Selecção e Formação Profissional.

As sessões vão ser orientadas pelo dr. Correia Vicente, que focará o tema «Comunicação e relações no trabalho».

Também no Porto se vai realizar nos próximos dias 19 e 20, uma jornada de informação, dirigida pelo dr. Joaquim de Carvalho sobre «Os problemas fiscais nas empresas de transportes».

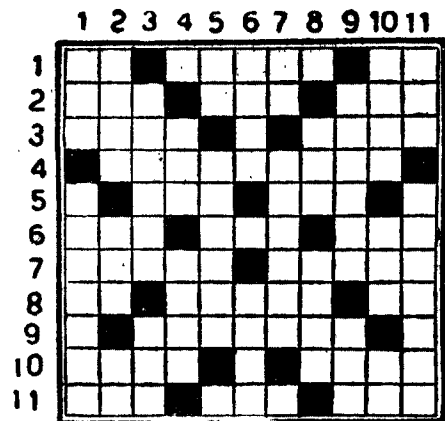
Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIOS

PROBLEMA N.º 5829

HORIZONTAIS: 1 — Cobalto (s. q). Computar Deus dos pastores. 2 — Artigo (abrev). Suspiros Oitavo mês do calendário hebreico. 3 — Nome de mulher. Artigo definido. Região da antiga Pártia (Ásia Central). 4 — Rezingar. 5 — Origem. Rio de França. 6 — Costume. Ente. Seguros. 7 — Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. Nome de flor. 8 — Preposição e artigo definido. Grupos de três. Sufixo que designa estado. 9 — Influência (fig). 10 — Moeda portuguesa de Dio Culto. 11 — Peder. Invento. Solitários.

VERTICAIS: 1 — Cabelos brancos. Tomaram a direcção de 2 — Rezar. Saudável. Basta. 3 — Medo. Bêbedo (gri). 4 — Artigo definido. Pega. Negro. 5 — Rádio (s. q). Regente. 6 — Remou para trás. Pequeno bocado. 7 — Campeão. Perfume. 8 — Procede. Guarnecer de asas. 9 — Sítio onde se desenvolvem muito os frutos. (Prov. transm). Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Agueda. 10 — Desgastar por fricção. Escudeiro. Porco. 11 — Faleira. Povo que antigamente habitava no Alentejo.



Resolva completamente este problema? Procure agora, em segunda passeio, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5829

HORIZONTAIS: 1 — Amado. Cravo. 2 — Mor. Selo. 3 — Anim. Terça. 4 — Imãs. Colar. 5 — Seara. Amara. 6 — Ler. 7 — EXISTIR. 8 — Dá. 9 — Anéis. 10 — Asas. 11 — Tar. Bom. Tré. 11 — Orava. Croas.

VERTICAIS: 1 — Amas. Adito. 2 — Serrer. Orar. 3 — Anim. Elara. 4 — Mor. Xal. 5 — Os. Salir. Ba. 6 — Au. És. F6. 7 — Co. Carta. MC. 8 — Tam. Ina. 9 — Avela. Resto. 10 — Virara. Para. 11 — Olala. Esses.

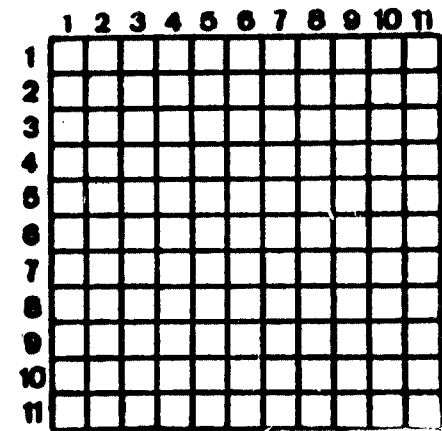
Provérbio: EXISTIR É SOFRIER

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 9672

HORIZONTAIS: 1 — Serra do estado do Rio Grande do Norte (Brasil). Igreja catedral (ant). 2 — Reis. Chimarras. 3 — Três iniciais que se encontram juntos em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! oh! Cautelas. 4 — Circulal. Ombro. 5 — Planta gramínea cultivada nos terrenos pantanosos. Mangal. 6 — Pertences. 7 — Em partes iguais. Segala. 7 — Amónia (s. q). Segala. Ourela. 8 — Madeira. Rio de França. 9 — Arvore brasileira. Pátria. 10 — Artista que trabalha em cantaria. Aqui. 11 — Leva à sirga. Tino.

VERTICAIS: 1 — Cidade de Portugal. Faz mus-sagem em. 2 — Ir para fora. Revolucionário fran-cês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. 3 — Rã. (pap). Em Goa, espécie de saca feita de folhas de bananeira, usada em substituição das sacas de papel. 4 — Artigo definido. Planta solanácea americana. Letra grega. 5 — Ventos. Aguce. 6 — Estime. Troças. 7 — Bolor. Língua do grupo indo-ariano, falada na região do Ganges. 8 — Doutor. Ninhos. Osmia. (s. q). 9 — Nascimento de um astro. Terra nova e ar-tefado de fresco. 10 — Fundador do Islamismo. Torrente das Alpes que se lança no rio Isara, perto de Grenoble. 11 — Restos mortais. Primei-ro sumo «acerdote dos Hebreus».



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9672

HORIZONTAIS: 1 — Belém. Levar. 2 — Anata. Aliso. 3 — Togas. Balas. 4 — Apo. Tau. Ada. 5 — Si. Mist. As. 6 — Agag. Anis. Amarrar. 8 — Pi-sar. Acora. 9 — Art. Arm. Ho. 10 — Grás. Atol. 11 — Aard. Umere.

VERTICAIS: 1 — Botas. Apaga. 2 — Enópio. Irra. 3 — Lago. Gastar. 4 — Eta. Mama. Sa. 5 — Mastigara. 6 — As. Ru. 7 — Lobutaram. 8 — Elo. Ando. Am. 9 — Vila. Imite. 10 — Asados. Olor. 11 — Rosas. Isola.

MERCEDES

CADILLAC - OPEL - VAUXHALL E FORD

REPARAÇÕES E CORRECÇÕES DE DEFEITOS

Pessoal especializado nesta marca

Ferramental apropriado

Correcções de defeitos e reparações gerais

Secções de MECÂNICA, BATE-CHAPAS, ELECTRICISTA, PINTURA, e ESTUFADOR.

Reparações em CAIXAS E DIRECÇÕES AUTOMÁTICAS.

Trabalhos de 1.º Serviço rápido e eficiente, executado por oficiais.

ORÇAMENTOS PRÉVIOS

COTAL — R. de Artilharia Um, 105-A — Tel. 68 31 31

R. dos Lusitãos, 113-A — Tels. 63 10 57/8

SERVIÇO INDEPENDENTE

boite

hippopótamo

Conjunto privativo e musica de discos

AMBIENTE SELECIONADO

Aberto das 22 às 5 horas M. 17 anos

Av. António Augusto de Aguiar, 3 — Telef. 48384

PASTELEIRO

ADMITE-SE C/ PRÁTICA

HOTEL GARBE

Armação de Pêra — ALGARVE

Resposta à morada indicada c/ ordenado pretendido e referências.

ACL

PRENSA DE ENFARDAR

ALFREDO CARDOSO & C. Lda

CAMISAS POR MEDIDA

HIRONDELLE

R. Pedro Nunes, 39

(ao Saldanha)



Este pequeno negro chama-se Enoch Powell — tal como o activo racista branco inglês. Seu pai, Glen Powell, é da Jamaica, mas vive em Inglaterra e quis que houvesse um Enoch Powell de cor

Actualidade internacional

Discriminatório e racista — é como se classifica na Inglaterra o projecto de lei sobre a imigração

LONDRES — Um novo projecto de lei sobre a imigração na Grã-Bretanha, com o qual o Partido Conservador pretende cumprir as suas promessas pré-eleitorais, mas que é condenado pelos liberais dado o seu pretendo conteúdo racista, foi divulgado recentemente.

O seu efeito, muito mais nas implicações psicológicas do que nas alterações puramente legais, foi denunciado, como prejudicial a relações comunitárias harmoniosas, por Mark Bonham Carter, presidente da «Community Relations Commission» e o seu mais destacado porta-voz em questões de tolerância racial.

O projecto de lei é desnecessário — disse — os pretensos efeitos nocivos da imi-

gração não branca que muitos temem já se encontram sob «controle»: o numero de

emigrantes não brancos da Comunidade Britânica — quase inteiramente das Caraíbas, Índia e Paquistão — já diminuiu consideravelmente, no decurso dos últimos dois anos, de cerca de 66 mil pessoas anualmente, em 1967, para menos de 30 mil o ano passado.

Mas o próprio facto de o projecto de lei ter sido apresentado no Parlamento (o qual, com a sua maioria conservadora, certamente o aprovará «aumentará profundamente a insegurança que as pessoas da cor que aqui vivem já experimentam» — declarou Bonham Carter, durante uma conferência de Imprensa.

A nova legislação terá apenas efeitos ligeiros nos imigrantes que já se encontram no país, e não alterará de modo significativo as condições ou o volume de imigração dos estrangeiros.

Mas afecta profundamente as condições de vida dos imigrantes da «Commonwealth».

trora «sairam» por razões administrativas ou de negócio para o antigo império.

AUXILIO PARA O REGRESSO

Ao abrigo do novo projecto de lei, estes «Patrials» terão o direito de entrar quando lhes aprouver na Grã-Bretanha e, uma vez neste país, não serão incomodados por restrições ou obrigação de registo. Os imigrantes da Irlanda deverão receber um tratamento semelhante ao que, por razões históricas, sempre receberam.

Mas os outros cidadãos da «Commonwealth» estarão, a partir de agora, sujeitos quase às mesmas restrições que os estrangeiros. Só depois de terem vivido cinco anos em Inglaterra, sem que tenham tido complicações com a lei e com a comunidade, podem adquirir a cidadania britânica e deixar de necessitar de registo e autorização oficial para mudarem de residência ou de emprego.

Por ALFREND FRIENDLY

(Exclusivo «The Washington Post» - «D. L.»)

A partir de agora, serão obrigados a registar o seu nome na polícia e não poderão mudar de emprego ou de residência, como anteriormente, sem autorização governamental. Como até aqui, o imigrante só será aceite desde que tenha uma oferta de emprego garantida na Grã-Bretanha mas deixa de haver um limite do numero de autorizações de trabalho concedidas — 8500 por ano — ao abrigo do projecto de lei. Como é evidente, novos limites poderão ser fixados por meio de regulamentos administrativos.

A desagradável distinção racial da nova lei, que se pretende fazer aprovar, reside, em grande parte, na designação de duas novas categorias de imigrantes da «Commonwealth»: «Patrials» e «Non-Patrials».

Os primeiros compreendem aqueles que foram anteriormente cidadãos britânicos ou cujo pai, mãe, avô ou avó possuíam a nacionalidade inglesa. Na prática, segundo Bonham Carter, os «Patrials» ou brancos, são presumivelmente provenientes do Canadá, Austrália e da Nova Zelândia, ou de famílias que ou-

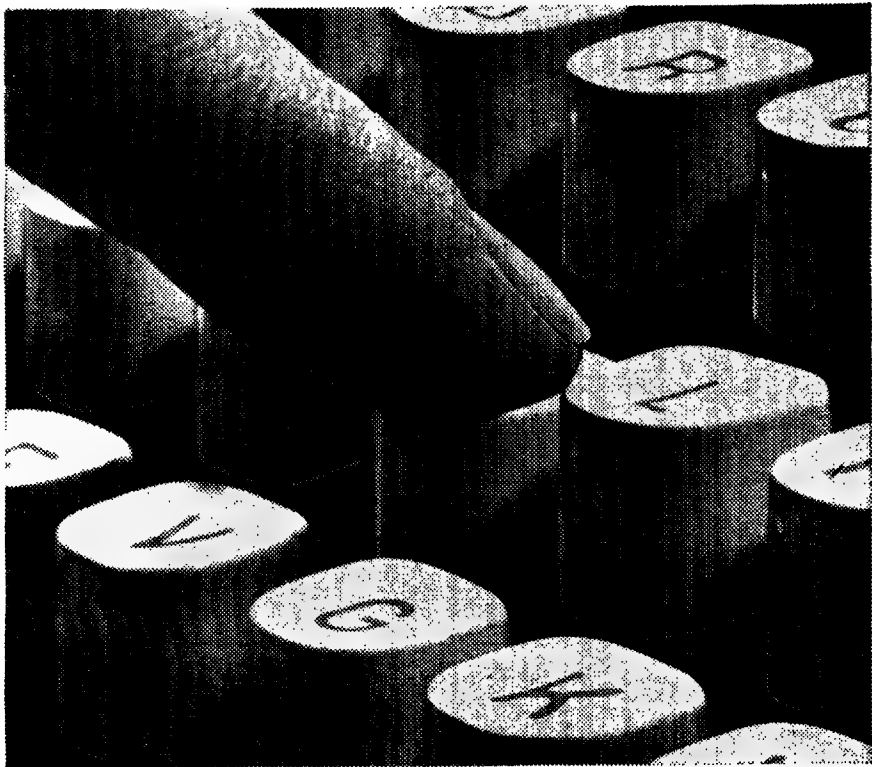
Outra cláusula que o projecto de lei prevê tornaria lei, pela primeira vez, o princípio do repatriamento voluntário: auxílio financeiro do Governo às pessoas que desejem regressar ao seu país de origem, abandonando a Grã-Bretanha.

Numa declaração simultânea com a declaração do projecto de lei, o ministro do Interior, Reginald Maudling, declarou não acreditar que o repatriamento — veementemente defendido pelo mais destacado racista da Grã-Bretanha, Enoch Powell — possa alguma vez atingir um nível substancial e qualquer tentativa para o conseguir «seria susceptível, só por si, de ser prejudicial às relações entre a comunidade». Acrescentou que qualquer tentativa no sentido de causar embaraços ou obrigar os imigrantes a abandonar o país contra a sua vontade não seria tolerada.

Bonham Carter, cuja organização foi criada pelo Governo com o fim de melhorar as relações raciais mas não é controlada pelo Governo, recebeu favoravelmente as ob-

(Continua na 18.ª página)

Quantas
vezes
bate esta
tecla
por dia?



EX-10

Milhares de vezes, sem dúvida. E nem sempre com a mesma suavidade.... Contudo a escrita não deixa de ser perfeita e uniforme desde que use na sua máquina uma fita de alta qualidade. As fitas KORES, de algodão, seda, nylon ou plásticas, impõem-se nos trabalhos mais exigentes de dactilografia, pois são indeformáveis, firmes nas suas cores e, por um processo físico, recuperam nos momentos de pausa KORES representa, em todos os seus produtos, uma experiência internacional.



Kores

o tom da eficiência

KORES PORTUGUESA, LDA.

AVENIDA INFANTE D. HENRIQUE, 354 — LISBOA-6 — TELEFONES — 31 31 15/6

Indignação em Londres e Belfast após a morte de três soldados

BELFAST, 11 — (R.) — Três jovens soldados britânicos, dois deles irmãos com menos de 20 anos, foram assassinados nos arredores de Belfast ontem à noite quando passeavam, aproveitando a primeira licença que tiveram desde que o seu regimento aqui chegou no mês passado para manter a ordem na Irlanda do Norte.

Os corpos dos três soldados, que trajavam civilmente, foram encontrados numa vala a 4 quilómetros do centro da cidade, perto de uma taberna, aonde, aparentemente, teriam sido atraídos.

Os três homens desarmados deviam ter estado a beber com os assassinos, que se julga serem membros extremistas do Exército Republicano Irlandês, pois junto dos corpos foi encontrada uma garrafa de «whisky» vazia.

Um informador do Exército britânico disse que os três soldados foram assassi-

nados deliberadamente com um tiro na cabeça.

Este ano, eleva-se a 6 o número de soldados britânicos mortos na Irlanda do Norte, além de dois polícias.

Quando os corpos foram encontrados, como trajavam á civil, julgou-se a princípio tratar-se de vítimas das lutas entre facções rivais dos republicanos irlandeses, as quais nos últimos dois dias já causaram um morto e quatro feridos.

Esta nova escalada do terrorismo na Irlanda do Norte com execuções a sangue frio de soldados desarmados, provocou grande indignação, tanto em Belfast como em Londres.

O primeiro-ministro da Irlanda do Norte, Chichester Clark, declarou-se profundamente chocado com o assassinio e o secretário da Defesa britânico, lorde Carrington, também condenou o crime, que será ainda hoje apre-

ciado, quando o Gabinete se reunir para estudar a situação na Irlanda do Norte.

Entretanto, a maioria protestante da Irlanda do Norte, até agora dividida em moderados e extremistas, uniu-se para pedir ao Governo uma lei mais enérgica que permita a manutenção da ordem, incluindo o rearmamento da Polícia Especial e a constituição de uma Força de Polícia formada por voluntários protestantes.

O dirigente extremista pro-

testante rev. Ian Paisley, declarou que a fraqueza mostrada pelo Governo da manutenção da ordem tornou possível os crimes registados ontem à noite.

Paisley convidou o actual Governo a demitir-se antes que toda a Irlanda do Norte esteja a nadar em sangue e acrescentou que a morte dos três soldados deve fazer as pessoas compreenderem que o Exército Republicano Irlandês tem de ser eliminado de uma vez para sempre.

A mulher mais alta foi operada

HOUSTON, 11 — (R.) — Dolores Johnson, que com os seus dois metros e 49 centímetros, é a mulher mais alta do Mundo, foi ontem submetida a uma intervenção cirúrgica, estendida sobre duas mesas operatórias, colocadas topo a topo.

Durante uma intervenção, que durou sete horas, os médicos extraíram-lhe um tumor cere-

bral que, aparentemente, estava a provocar o seu crescimento anormal através de desequilíbrio da glândula pituitária.

Dolores, que tem apenas 24 anos, pesa cerca de 200 quilos e trabalha como atracção num circo ambulante, sendo casada com um empregado do circo, que tem um metro e 85 de altura.

ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE QUELUZ

Largo Mouzinho de Albuquerque — Tel. 95 43 13

4.º SORTEIO REALIZADO NO DIA 9/3/71

LISTA DE PRÉMIOS

1.º PRÉMIO — AUTOMÓVEL FIAT 850 COUPÉ	N.º 880452
2.º PRÉMIO — MÁQUINA DE LAVAR ROUPA	N.º 918870
3.º PRÉMIO — MÁQUINA DE LAVAR ROUPA	N.º 61003
4.º PRÉMIO — FRIGORÍFICO	N.º 191623
5.º PRÉMIO — FRIGORÍFICO	N.º 685765
6.º PRÉMIO — TELEVISOR	N.º 515351
7.º PRÉMIO — TELEVISOR	N.º 463445
8.º PRÉMIO — GRAVADOR	N.º 327779
9.º PRÉMIO — GRAVADOR	N.º 447623
10.º PRÉMIO — RÁDIO DE MESA	N.º 133029

11.º a 30.º PRÉMIO — 20 RÁDIOS PORTÁTEIS

N.º 12904 183551 253013 259805 272877
285859 351663 366426 398823 461440
480409 507076 608384 649876 727624
803808 918150 919089 973140 903167

432748 518270 648093 868252 970624
447470 594751 786549 888376 996790

81.º a 90.º PRÉMIO — 10 VENTILADORES

N.º 50135 163076 347716 471466 822277
161943 176497 437024 703776 960918

31.º a 50.º PRÉMIO — 20 FERROS ELÉCTRICOS

N.º 8942 14021 55022 204922 282089
329442 335056 359310 408321 434279
501478 511948 552048 629373 658914
669905 734104 837104 845682 862115

91.º a 150.º PRÉMIO — 60 ESFEROGRÁFICAS

N.º 475 267194 489407 713994
20141 295549 503247 714122
32065 299042 507771 716532
52889 307090 510430 741476
64769 374420 560799 785344
70131 392199 570566 821208
72177 406847 595407 861769
80530 409406 629611 866610
86653 414261 648812 869892
96687 424290 680126 887183
181680 426483 686599 915471
204666 435421 691237 932189
212525 471114 706888 948668
224026 474693 708809 956534
246720 485310 710122 967527

51.º a 60.º PRÉMIO — 10 SECADORES PARA CABELO

N.º 23427 225111 275290 277563 315249
621314 666195 783873 795220 888141

61.º a 80.º PRÉMIO — 20 TORRADEIRAS ELÉCTRICAS

N.º 10834 195199 241884 311646 409736
485241 624224 866160 234668 317758

N. B. — A entrega dos prémios será feita contra a apresentação do bilhete premiado pelo prazo de 90 dias a contar da data da extracção.

AUXILIAI A CONSTRUIR O QUARTEL DOS BOMBEIROS

Os prémios a distribuir encontram-se em Exposição na TRIFAR — Av. Almirante, Reis, 54-B

A VITÓRIA DE INDIRA É UM MANDATO PARA O SOCIALISMO

— segundo o ministro indiano das Finanças

NOVA DELHI, 11 — (R.) — Indira Gandhi parece ter assegurado uma sólida vitória nas eleições gerais indianas, pois o seu Partido do Congresso já conquistou 200 dos 271 lugares, apurados até este momento, faltando-lhe apenas mais 67 para ter a maioria absoluta no Parlamento.

A manter-se a tendência geral até agora registada, o partido governamental ficará

com cerca de 350 dos 521 lugares do Parlamento, ou seja uma maioria de 180 lugares, o que permitirá a Indira Gandhi governar tranquilamente e adotar a legislação que entender.

O ministro das Finanças e seu íntimo colaborador Chavan disse que o resultado obtido pelo Partido do Congresso representa um mandato popular para a sua marcha em direcção ao socialismo na Índia.

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira EMPREITADA DE FORNECIMENTO DE 1 CILINDRO MECÂNICO COMPRESSOR DE ESTRADAS

ANÚNCIO

Faz-se saber que, de harmonia com a deliberação camarária de 2/3/71, se encontra aberto concurso público para a empreitada em epígrafe, sendo de 30 dias o prazo para apresentação das propostas. Este prazo será contado a partir do dia seguinte ao da publicação do presente anúncio no «Diário do Governo». O caso de o último dia cair num sábado o termo do prazo passa para o primeiro dia útil seguinte.

O acto público do concurso realizar-se-á na Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pelas 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio, ou pelas 10 horas se esse dia for sábado.

PREÇO BASE DO CONCURSO 250 000\$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA 6 250\$00

A caução definitiva será de 5% do valor global da adjudicação.

Alvará(s) Categoria ; Subcategoria ; Classe
Categoria ; Subcategoria ; Classe

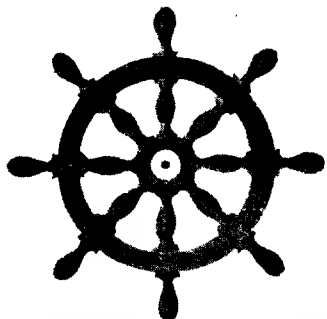
A caução provisória é prestada mediante depósito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, à ordem desta Câmara Municipal, por guia preenchida pelos concorrentes, de harmonia com o modelo anexo ao programa do concurso, ou mediante títulos emitidos ou garantidos pelo Estado, ou, ainda, por garantia bancária.

O programa do concurso, caderno de encargos e projecto estarão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Secção de Obras da Câmara Municipal.

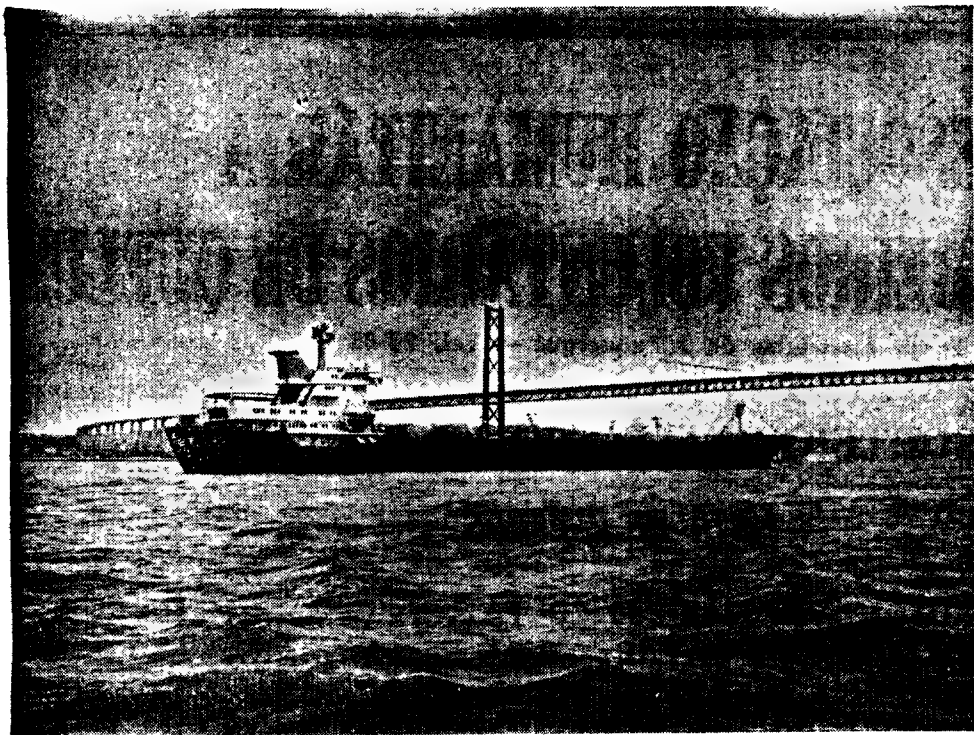
As propostas deverão ser enviadas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, ou, entregues directamente na Secretaria da Câmara Municipal, contra recibo.

Vila Franca de Xira, 8 de Março de 1971.

O PRESIDENTE DA CAMARA,
Febo Vargas de Matos
Ten. Cor. Pil. Av.



rumo
ao mar



n/m "CASSINGA"

(graneleiro)

da Companhia Nacional de Navegação

comprimento total..	202,30	m.
deslocamento.....	40.000	tons.
"deadweight".....	32.000	tons.
velocidade.....	15,3	nós
calado.....	10,68	m.

máquina propulsora SULZER... 11.200 BHP

a sonap contribui, uma vez mais,
para a economia nacional



sendo de sua inteira responsabilidade
a especializada lubrificação
esta unidade

sonap

Actualidade internacional

Advertência chinesa aos Estados Unidos

HONG-KONG, 11 — (R.) — O «Diário do Povo», órgão oficial de Pequim, diz hoje aos Estados Unidos que se acautelem com o aviso chinês sobre a Indochina.

O jornal comentava o comunicado conjunto sino-norte-vietnamita, no qual a China avisava que não hesitaria «nos maiores sacrifícios nacionais» para auxiliar os seus aliados indochineses.

O editorial do «Diário do Povo», citado pela agência noticiosa Nova China, dizia ainda: «Nós, o povo chinês, queremos dizer o que afir-

mamos e o que afirmamos fazemos. Avisamos o Governo de Nixon: Tende cuidado com os vossos pescoços se agirdes imprudentemente».

O jornal acrescenta que tropas sul-vietnamitas, com apoio americano, se preparavam para invadir o Vietnã do Norte e indica que o primeiro-ministro Chu En Lai, nas suas conversações no último fim-de-semana com dirigentes norte-vietnamitas, discutira vários planos de contingência.

No comunicado conjunto, publicado em Pequim, afir-

mava-se: «O povo chinês nunca permitirá que o imperialismo americano enlouqueça e faça o que lhe agrada na Indochina».

O aviso foi considerado em Hong-Kong como o primeiro passo para a China chegar a declarar que está pronta para arriscar-se a uma guerra com os Estados Unidos e o Vietnã do Sul, se não forem um certo limite.

O «Diário do Povo» ainda que o presidente Mao Tsé Tung declarara que se atrairia a revolução alguma, sugeriu que a China não queria auxiliar os comunistas vietnamitas.

RETIRADA TAILANDESA

BANGKOK, 11 — (R.) — A Tailândia iniciará em 15 de março a retirada dos seus 120 soldados em serviço no Vietnã do Sul.

O acordo para a retirada durante um período de 18 meses, foi concluído hoje, decorrer das conversações entre o primeiro-ministro da Tailândia, marechal Thanon Kittikachorn, e o primeiro-ministro do Vietnã do Sul, Tran Thien Khiem, de visita a este país.

A notícia do acordo foi divulgada por fontes oficiais.

Bóias automáticas russas no Oceano Atlântico

BORDEÚS, 11 — (F. P.) — O professor Elias Neumine, chefe da expedição do navio oceanográfico soviético «Akademik Vernadsky», anunciou ontem em Bordéus, na reunião internacional «Oceanexpo 71», que vão ser fundeadas no Atlântico bóias automáticas soviéticas destinadas a transmitir informações relativamente a temperatura, salinidade da água do mar, transferência de energia entre a atmosfera e o oceano. Já existem, precisou, dezenas destas bóias a título experimental no Mar Negro. Pode suceder que, no futuro, sejam munidas de geradores isotópicos «Beta C», que lhe fornecerão corrente eléctrica durante anos. Já há geradores deste tipo a alimentar as estações meteorológicas no Grande Norte Siberiano.

Por sua vez, o capitão da corveta «Froberville» revelou que o batiscafo «Arquimedes» vai recomençar as suas imersões no próximo Verão, a fim de ensaiar o seu braço manipulador. O «Arquimedes» poderá descer até 11 000 metros e não terá rival neste capítulo, pois o «Trieste», da Marinha americana, não vai além dos 6000.

Os estrangeiros fogem de Dacca

DACCA (Paquistão Oriental), 11 — (A. N. I.) — Mais de 300 pessoas foram já mortas e muitas outras ficaram feridas nos sangrentos distúrbios registados no Paquistão Oriental — anunciam círculos geralmente bem informados. Devido à gravidade da situação, os residentes norte-americanos e europeus iniciaram a evacuação de Dacca. O secretário-geral da O.N.U. ordenou, por seu turno, urgente evacuação de todo o pessoal das Nações Unidas.

As instalações do Governo em Dacca permaneceram ontem encerradas no nono dia da campanha de não-cooperação, ordenada pelo dirigente político do Paquistão Oriental, sheque Mujibur Rahman. A região está a braços com uma grave crise económica, visto as exportações terem descido para zero e terem sido paralisadas as transacções entre o Paquistão Oriental e o Ocidental.

O movimento dentro de Dacca, à noite, constitui um verdadeiro perigo com os voluntários da Liga Awami a revistar todos os veículos.

(Continuação da 16.ª página)

servações decididas e construtivamente antirracistas de Maudling.

Mas, argumentou, o simples facto de o princípio do repatriamento ser tornado lei era um passo negativo, uma «institucionalização» do conceito. Também lamentou a adopção do registo obrigatório dos imigrantes da «Commonwealth» e alguns aspectos técnicos do processo de deportação. O efeito, segundo Carter, é o de uma declaração no sentido de que os emigrantes não brancos não são bem-vindos à Grã-Bretanha.

Além disso fez notar — um aspecto muito perturbador — do projecto de lei é o «papel» importante que a Polícia deve desempenhar para fazer cumprir esta lei.

DISCRIMINAÇÃO RACIAL

As relações entre a Polícia e as minorias, na Grã-Bretanha, são sempre difíceis — acrescentou Carter — e a tarefa da Polícia tornar-se-á árdua na medida em que a «tornar» o agente responsável por algumas das cláusulas do projecto de lei que deverão ser objecto das maiores controvérsias.

E. J. B. Rose, autor do estudo mais completo sobre as relações raciais britânicas, foi mais incisivo: «Transformar a vida da Polícia num inferno» — disse ele. «Logo que virem um negro sentir-se-ão na obrigação de gritar alerta. Quem será — um «patriota», um «quase-patriota», um «non-patriota», um homem possui-

do de autorização de trabalho ou um homem que a não possui, ou um trabalhador contratado, ou um estrangeiro? A Polícia odeia o projecto de lei».

É também «totalmente» de carado — declarou no decurso de uma entrevista. As reações não se aplicam a emigrantes da «Commonwealth» que sejam doutores, dentistas, tornando assim, uma discriminação não racial como educacional, profissional, um rapto dos rebentos do mundo subdesenvolvido.

Conclui afirmando que o projecto de lei em questão seria recebido pela população britânica com indiferença ou satisfação.

Círculos bem informados desta cidade calculam que a nova legislação seria recebida com consternação e revolta pela «Commonwealth» não branca.

Uma hora após a sua publicação, membros da oposição parlamentar, trabalhistas e liberais, declararam, abertamente, que consideravam o projecto de lei racista e uma ameaça ao «Powellismo».

Além disso, o projecto de Maudling disse que a razão para ser do mesmo residia no facto de, enquanto o povo britânico estiver «convencido de que há perigo de imigração em massa, será difícil resolver problemas raciais existentes. Por conseguinte, é importante que as pessoas sejam asseguradas de que, nas palavras do manifesto «económico», não se tornará a verificação da imigração permanente em uma tarefa. O projecto de lei garante isto — disse a terminar.

A IMIGRAÇÃO NA INGLATERRA

Necrologia

FALECIMENTOS

Dr. Joaquim Ferreira Pedrosa

Na sua residência à Av. Barbosa do Bocage, 122. 4.º, E., faleceu esta manhã inesperadamente, o dr. Joaquim Ferreira Pedrosa, médico veterinário muito conhecido e que desempenhou funções de especialidade em várias regiões do País.

O dr. Joaquim Ferreira Pedrosa, era natural de Benavente, contando 74 anos de idade. Estudara em Coimbra e depois em Lisboa, onde se formou, tendo sido delegado da Junta Geral dos Serviços Veterinários em Tomar e, depois, em Chaves. Veio depois para a Direcção-Geral, onde se aposentou. Era ainda importante lavrador em Benavente. De grande rectidão de carácter e franqueza, o dr. Joaquim Ferreira Pedrosa contava, especialmente em Benavente e em Tomar, inúmeras simpatias e amizades.

O extinto era casado com a sr.ª D. Irene Ribeiro Ferreira Pedrosa, pai das sr.ªs D. Teresa Ribeiro Ferreira Pedrosa e da sr.ª D. Ermelinda Ribeiro Ferreira Pedrosa, esta ausente na Alemanha. Era ainda irmão das sr.ªs D. Maria Lina Ferreira Pedrosa do Amaral, D. Ilda Ferreira Pedrosa, do juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, dr. António Ferreira Pedrosa, e do falecido médico dr. Domingos Ferreira Pedrosa.

O corpo do extinto encontra-se depositado na casa mortuária da igreja paroquial de Nossa Senhora de Fátima de onde sai amanhã o funeral para Benavente, a hora a determinar.

D. Lucília Valente Teotónio

BEJA, 11 — No hospital da Misericórdia, onde há dias fora submetida a intervenção cirúrgica, faleceu a sr.ª D. Lucília Valente Teotónio, de 60 anos, natural desta cidade. A extinta era casada com o sr. Casimiro Teotónio, vice-consul de Espanha nesta cidade e gerente da SAPEC e da SACOR, e mãe de eng.º António José Valente Teotónio, director dos Serviços de Urbanização, em Beja, casado com a sr.ª D. Maria Daniela Ra-

poso Lebre Teotónio e Luis Filipe Valente Teotónio, estudante de engenharia. O corpo foi trasladado para a Igreja do Carmo, de onde sairá o funeral em dia e hora a determinar.

FUNERAIS

Dr. Francisco de Sá Carneiro

Na Igreja de S. Mamede para o Cemitério dos Prazeres, onde ficou depositado em jazigo de família, realizou-se ao começo da tarde o funeral do dr. Francisco de Sá Carneiro, ontem falecido na sua casa da Rua de S. Francisco de Sales.

O dr. Francisco de Sá Carneiro, que ia completar 70 anos dentro de semanas, era uma pessoa estimada pelos seus dotes de carácter e inteligência. Era presidente do Conselho Fiscal da Argolha — Sociedade Comercial de Lãs Alfredo R. Gaspar. Deixa viúva a sr.ª D. Maria Carolina de Sá Carneiro.

Comendador José Augusto de Paes Ferreira

Da sua residência, à Rua dos Anjos, 2-2.º, em Lisboa, para o cemitério do Alto de São João, realizou-se hoje o funeral do comendador José Augusto de Paes Ferreira que ontem faleceu.

O comendador Paes Ferreira foi sempre um católico activo, extraordinariamente dedicado às obras de apostolado onde militou desde a juventude. O Corpo Nacional de Escutas, o Centro Católico, o culto de Nun'Alvares, a juventude Católica de Lisboa muito ficaram a dever à sua actividade que sobretudo se afirmou nas Conferências de S. Vicente de Paulo onde ocupou altos cargos, no plano diocesano. Era condecorado pela Santa Sé.

D. Ludovina Morgado Lopes

Para o cemitério dos Olivais, realizou-se hoje o funeral da sr.ª D. Ludovina Morgado Lopes, viúva, de 91 anos, que ontem faleceu. Era mãe da sr.ª D. Maria Fernanda Morgado Lopes, irmã dos sr.ªs António, João e José Morgado e avó do nosso camarada de Imprensa Rodrigo Pinto.

Dr. Margarida Amélia de Paiva Nunes Cruz

MONTEMOR-O-NOVO, 11 — Para o cemitério local realizou-se hoje, com grande acompanhamento, o funeral da sr.ª D. Margarida Amélia de Paiva Nunes Cruz.

Natural de Montemor-o-Novo, onde sempre viveu, a extinta tinha 98 anos e era viúva do maestro Henrique Cruz, mãe da sr.ª D. Isabel Joaquim Nunes Cruz, professora do Ensino Técnico, e tia do jornalista Leopoldo Nunes.

SUFRAGIOS

Nunes Fradique

Amanhã, às 10 horas, na capela dos Anjos, em Algés, e, às 12 horas, na basílica dos Mártires, são celebradas missas comemorativas da passagem do 42.º aniversário natalício de Nunes Fradique, mandadas rezar por sua mãe.

«PRINCESA DO TEJO»

ABRANTES, 11 — Promovido pelo C. A. P. da Câmara Municipal e realizado, uma vez mais, o concurso «Princesa do Tejo», que este ano considera não só as traqueças ribeirinhas do concelho, mas também as das vizinhas concelhas de Mação, Gátão, Constância, Barquinha, Entre-os-Rios, Golegã e Chamusca.

O «ROMMEL»

DEIXOU O TEJO

O contratorpedeiro «Rommel», da Armada alemã, no Tejo em visita de rotina des- de 8 do corrente, largou esta manhã

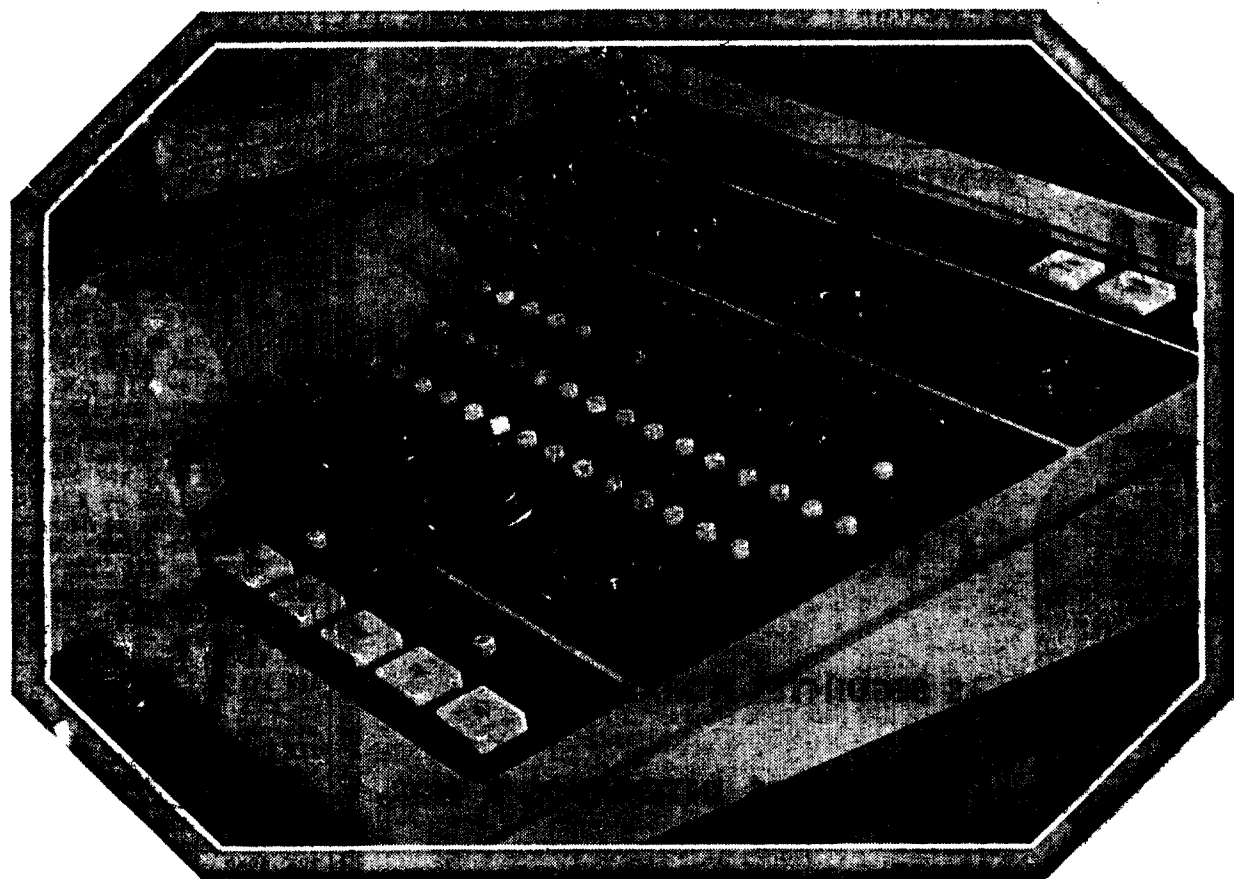
ESTUDO DE HÁBITOS E ATITUDES EUROPEIAS NO «READER'S DIGEST»

A Europa Ocidental continua a ser um dos maiores mercados potenciais do mundo, com 820 milhões de habitantes e um poder de compra superior a 385 000 milhões de dólares, ambos os números com tendência crescente. Para os homens que se ocupam de «marketing» urge a saber o que comem, bebem e vestem esses indivíduos e a sua atitude em relação a produtos de outros países. «The Reader's Digest» realizou um estudo completo e deu resposta a essas interrogações.

Alguns dos elementos elucidativos de entre os incluídos nos 69 quadros que constituem o estudo: o Vinho do Porto tem maior percentagem de consumidores em França e Inglaterra do que em Portu-

gal. O nosso país, secundado pela Itália e Irlanda do Norte é o país com menor percentagem de utentes de máquinas eléctricas de barbear e, em contrapartida, com a maior percentagem de homens que preferem o barbeiro. Verifica-se que espanhóis, irlandeses do Norte, italianos e portugueses têm atitude semelhante no que respeita à desaprovação entre pessoas de religiões diferentes.

Este estudo foi conduzido, nos 16 países considerados, por entidades escolhidas pelo «Reader's Digest». Na parte correspondente a Portugal, a tarefa foi levada a cabo pelo departamento de estudos de mercado da Agência de Publicidade L.P.P. Morrison, Lda.



PARA ALÉM DESTAS MÃOS LABORIOSAS...

... para além destas teclas sensíveis, há um mundo complexo de máquinas e homens. Máquinas que comunicam com outras máquinas. Homens que comunicam com outros homens. Circuitos perfeitos: transmissão de problemas. Registo de dados. Estudo. Análise. Cálculo. Solução. Rigor técnico da máquina. Entendimento humano. Máquinas e homens — circuitos integrados. Compreensão perfeita.

Para que a cada problema corresponda uma solução total, junto de cada máquina temos mãos laboriosas. Junto de cada máquina está um homem.

A resposta de cada máquina, justifica-se a resposta de um homem. A pergunta de cada homem, responde ainda outro homem. Usamos a máquina para servir o homem. Dinamizamos o homem. Humanizamos a máquina. Usamos a máquina para responder melhor a cada caso. E porque progredimos ao ritmo do tempo em que vivemos, usaremos mais máquinas se a sua presença for necessária ao homem. Mas junto de cada nova máquina poremos sempre novas mãos laboriosas. Junto de cada máquina teremos um homem. De homem para Homem.



FIDELIDADE • SEGUROS

uma companhia para toda a vida

NINGUÉM QUER EXPLORAR O RESTAURANTE DO PALÁCIO DOS CORUCHÉUS

A concessão para exploração do restaurante do Palácio dos Coruchéus, a atribuir através de concurso público (ontem efectuado) não encontrou licitantes.

GAMBAS CONGELADAS

(PARA COZER OU GRELHAR)

PROCURE NOS SUPER-MERCADOS CHARCUTERIAS E MERCEARIAS

VENDA AO PÚBLICO

EMBALAGENS A 17\$50 E 33\$00

DESCONTOS PARA REVENDEDORES
PEDIDOS À "GELMAR" TEL. 613381 (P.P.C.)

ANDEBOL

O Sporting regressou

A equipa de andebol do Sporting chegou a Lisboa de regresso da Alemanha, mostrando-se todos os elementos da paravana leonina encantados pela forma como foram recebidos, não só pelos seus adversários como ainda pelos muitos portugueses que com eles confraternizaram.

O «scapitão» da equipa Adriano Mesquita foi o único elemento que não regressou, por se ter deslocado a Escandinávia, em missão profissional.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa de Juvenis: Almada (Ourique, às 19 e 30; Sporting-Boa Hora, às 20 e 25; e Belenenses-Benfica, às 21 e 20, no Pavilhão da Luz.

Campeonato de Lisboa da II Divisão: Madre de Deus-C. I. F., às 19 e 15; C. N. O. C. A. Encarnação, às 20 e 30; Cova da Piedade-Oriental, às 21 e 45; e Boa Hora-Atlético, às 23, no Pavilhão da Ajuda.

FUTEBOL — Taça de Honra de Setúbal: Vitória de Setúbal-Seixal, no Estádio do Bonfim, às 21 e 15;

Suspensão o treinador de Cassius Clay

NOVA YORK, 11 — (R.) — O treinador de Cassius Clay foi suspenso indefinidamente pela Comissão Atlética de Nova York que o acusa de ter cometido irregularidades durante o combate de segunda-feira à noite entre o seu pupilo e o campeão Joe Frazier.

Drew Brown, que lançou a respeito do antigo campeão mundial a frase publicitária «Evoaça» como uma borboleta mau feru como uma abelha» foi suspenso por ter dado instruções a Cassius durante o combate e por ter tentado reanimá-lo quando, no último assalto, ele foi atirado ao tapete por um potente soco de adversário.

Quando Cassius caiu, Brown molhou uma esponja na água de um balde e salpicou com ela a cara do pugilista, procurando reanimá-lo mais rapidamente e evitar o K.O. Clay pôs-se em pé mas acabou por perder o combate aos pontos.

CASSIUS PROTESTA CONTRA O GOVERNO

Numa entrevista concedida ontem ao «Newsday» (jornal de Long Is-

land), Cassius Clay queixou-se amargamente acerca do dinheiro que lhe rendeu o combate. Declinou que, depois de pagar os impostos e outras taxas, não lhe sobram mais do que 370 mil dólares (cerca de 10 366 contos) dos 2 milhões e 500 mil (cerca de 70 mil contos) que recebeu no combate.

«Nestas condições — disse — não tenho pressa nenhuma em voltar ao ringue. Pela maneira como nos tiram o dinheiro do bolso, que vão bugiar. Para o diabo, a glória e toda a fanfarra, quando penso nas somas que os organizadores e

os proprietários das salas de espetáculos vão receber. Tudo leva a pensar que o Governo não quer que dois negros ganhem dinheiro.»

Clay disse ainda: «Fala-se de comunismo e de ditadura, mas que género de país é este que não nos deixam conservar sequer 400 mil dos 2 milhões e 500 mil dólares que ganhamos?»

Não tenho fortuna pessoal e, no entanto, não delapidei o meu dinheiro como aconteceu com Joe Louis e com Ray «Sugar» Robinson. Foi o Governo que me levou e não, como muitos dizem, os muçulmanos negros.»

Castigos no futebol

Castigos aplicados pela Federação de Futebol:

III DIVISÃO — Cinco jogos a Rodolfo e Seminário, do Almada; e a João Pereira, do Académico de Viseu.

Três jogos a Cardoso, do Lusitania de Lourosa; Oliveira, do Feirense; Correia, do Académico de Viseu; Sargento, do União Sport; Soares, do Amora, e a Costa, do Castelo Branco.

Marialvas; e Ferreira, do Dots jogos a Casaca, do Castelo Branco.

Um jogo a Viana, do Atlético de Valdevez; Pinho, da Oliveirense; Prata, do Sporting da Covilhã, e Conceição, do mesmo clube.

Repreensão por escrito a Barata, do Castelo Branco, e a Camacho, do Esperança.

«NACIONAL» DE JUNIORES — Dois jogos a Nova, do Boa hora.

TACA NACIONAL DE JUVENIS — Quatro jogos a Pregulça, da CUF.

Um jogo a Rebelo, do Nazarenos, e a Rodrigues, do Casa Pia.

Repreensão por escrito a Ferreira, do Sporting de Espinho.

Basquetebol europeu

VARESE, 11 — (F. P.) — O Igm's de Varese venceu o Real Madrid por 82/59 (47/22) em encontro da primeira «mão» das meias finais da «Taça da Europa dos Clubes Campeões de Basquetebol».

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 27 da 10.ª época (14/3/71)

Açores — 212 X1X 1XX 111X; Badaladas — XX2 122 XX2 1X11; Beira Baixa — 112 112 122 111X; Brados do Alentejo — 12X 111 122

1X12; O Comércio de Portimão — 112 111 122 1211; O Conselho de Estarreja — 111 12X 141 2111; Correio dos Açores — 112 111 1X2 1112; Correio de Coimbra — 1X2 1X1 22X 1X12; Correio da Horta — 221 X11 211 1X12; Distrito de Portalegre — 211 111 121 11XX; O Distrito de Setúbal — 112 112 1X1 1X11; Estrela da Manhã — 1X2 111 2X1 11XX; Eu Sei Tudo — XX2 211 211 X212; Folha do Domingo — 1X1 2X1 121 111X; Gazeta das Caldas — X12 21X 12X 1212; A Ilha — 212 11X XX1 111X; Jornal das Aves — 112 112 22X 2212; Jornal de Viseu — 111 12X 122 X2XX; Jornal da Lixa — 112 212 122 1112; Linhas de Elvas — 11X 112 1X1 111X; Maria da Fonte — 111 122 212 1122; Mundo Desportivo — 1X2 112 11X 111X; Notícias de Felgueiras — 1XX 11X 12X 11XX; Povo Algarvio — 112 112 X22 1212; A Rabeca — 1XX 112 XX1 1112; Renovação — 111 X11 12X 11XX; Republica — 122 112 X22 1X12; O Telegrafo — 112 X1X 122 11XX; O Templário — 112 111 1X1 111X; Voz de Lamego — 211 111 12X 1212.

Cavalegada do Ritmo — 11X X1X 121 1112; Colina Sagrada — 1X2 X21 122 1X12; O Comércio do Porto — 11X 111 1X1 111X; Correio do Vouga — 111 111 122 1X12; Defesa de Espinho — 112 212 121 X112; De Tudo Um Pouco — 111 X11 1X1 1X12; As 10 Esperas Por Nós — 122 X2X 122 1X12; Diário de Coimbra — 11X 1X1 12X 1X1X; Diário do Minho — 111 X111 122 111X; Eco de Cacia — 112 211 11X 1112; Dos Fracos Não Reza a História — 111 2XX 21X X111; Imagens Piedenses — 112 111 X2X 1112; Jornal do Sul — X11 111 X22 1X11; Litoral — 112 XX1 X2X 1112; O Norte Desportivo — 112 X11 X2X 111X; Notícias de Chaves — 11X 111 1X2 1X12; Notícias de Guimarães — 112 X11 22X 1XX; A Ordem — 112 2X2 222 1211; Passatempo J. J. — 1X1 112 X2X 1X12; Peca Que Não Maça — 11X 111 1XX 1X1X; O Porto — X12 X12 122 X1X2; Program Sem Nome — 112 1XX 1X2 X11X; Rádio Alitude — 112 11X 12X 111X; Rádio Clube do Norte — 11X 121 122 1212; Auto Rádio — 111 211 2X1 1112; Campeão Português — 111 211 2X1

11XX; Reconquista — 112 11X 22X 1112; Repórter do Dia — 11X 21X 12X 111X; Repórter do Dia (Angola) — 112 21X 12X 1X1X; Resenha Desportiva — 1X2 112 122 1112; Revista de Som — 111 211 222 1X1X; O Sorriso da Hora do Almoço — 1X1 1XX XX2 121X; A Voz do Domingo — 11X X11 1X1 111X; A Voz de Palmela — X1X 11X 1XX XX11; A Voz dos Ridículos — 1XX 111 1X2 1X1X.

O Comércio de Leixões — 11X 111 1X2 1X12; A Lição do Menino Quim — 1XX 111 122 1X1X; Mosalco — 111 211 121 1112; Penalti — 122 111 12X 1112; Primeiro de Janeiro — 112 X1X 122 111X; Radio Placard — 1X1 121 121 1112; Estudos 64 — 1XX X12 1X1 1111; R. S. Sports — XX2 X1X X2X 1X12; Placard Desportivo — X11 111 121 1121; Jornal Notícias — 1XX 11X X21

1X1X; Bondiazinho — 1X1 X11 211 X121; Brado Africano — 122 X22 12X 11XX; Domingo Alegre — 121 111 122 X112; Jornal Desportivo — 11X 211 122 1112; Passatempo — 122 1X1 121 111X; Roteiro Sonoro — 1X1 2X1 122 121X; Terceiro Programa — 1X2 11X 11X 1X12; Vamos Jogar no Totobola — 11X 111 1X2 1X12; Revista Desportiva — 11X 1X2 11X 111X; O Apostolado — 1X2 1X1 X2X 111X; O Comércio — 11X 11X 12X 1X1X; Diário — 11X 11X 1XX 111X; A Nossa Chave — 1X1 112 122 111X; Notícias do Totobola — 112 11X 12X 111X; Canal 18 — X1X 2X1 12X 1XX2; Ronda da Noite — 112 11X 122 1112; Eco do Desporto — 1X2 111 X1X 111X; Voz do Casa Pia — 112 11X 12X 111X; Notícias de Évora — 1XX 112 1X2 1X12; Diário de Lisboa — 1X2 2X2 222 1X12.

RESUMO BOLAS (a)

	1	X	2	1	X	2
1. Limianos-Régua	81	9	5	10	1	1
2. Valecamb-Anadia	61	26	8	8	3	1
3. Naval-Covilhã	25	25	45	3	3	6
4. E. Portalegre-Almeirim	58	19	18	8	2	2
5. Sacavenense-Estoril	72	14	9	9	2	1
6. U. Montemor-Lusitano	47	26	22	6	3	3
7. Espanhol-Celta	65	15	15	8	2	2
8. Granada-Barcelona	11	25	59	1	3	8
9. Sevilha-At. Madrid	25	33	37	3	4	5
10. R. Sociedade-Málaga	80	13	2	9	2	1
11. Cagliari-Juventus	54	30	11	7	4	1
12. Roma-Lazio	80	12	3	9	2	1
13. Torino-Inter	12	41	42	2	5	5

E a chave lógica será: 112 111 122 1112

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

JÁ SABE PORQUE APRENDER LÍNGUAS CONNOSCO!



CURSOS NOVOS A COMEÇAR ESTE MÊS

ÀS SEGUINTE HORAS:

10H00 CURSOS INTENSIVOS E NOR-
11H00 MAIS
15H00
19H00 Inglês, Francês, Alemão e Sueco
21H00

Rua Marquês Sá da Bandeira, n.º 16 — Telef. 51496/534054/534062

- COMO MELHORAR A EFICIÊNCIA DO ESCRITÓRIO?
- COMO REDUZIR OS CUSTOS?
- COMO DIMINUIR O ESFORÇO HUMANO?

REORGANIZAÇÃO DOS ESCRITÓRIOS

15 a 19 de MARÇO

Este curso pretende transmitir as condições para a obtenção do êxito numa reorganização administrativa, visando a simplificação e racionalização do trabalho.

INTERESSA A:

- DIRECTORES E CHEFES DE SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
- QUADROS RESPONSÁVEIS POR UMA MISSÃO DE REORGANIZAÇÃO
- RESPONSÁVEIS POR UNIDADES EM REORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA



CENTRO DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
Avenida 5 de Outubro, 122 - Tel. 767711/2 - Lisboa

ACABA DE SAIR Coleção BANDA DESENHADA (adultos)

N.º 1

OLHO VERMELHO

Por GORDON BESS

«NO MEU POVO NINGUÉM PRECISA DE DIZER «SIM» QUANDO QUER DIZER «NAO» — diz Olho Vermelho

N.º 2

TIGRE

Por BUD BLAKE

«ADULTOS», UMA INSTITUIÇÃO DE ESCRAVOS, QUE PASSAM A VIDA A GEMER E A DIZER «OBRIGADO» A QUEM LHE FUSTIGA AS COSTAS» — Diz Tigre

Preço: 20\$00 — A venda nas livrarias e tabacarias

Pedidos a:

PORTUGUES PRESS

Rua Coelho da Rocha, 26, 1.º, D.º — LISBOA-3

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

OTTO GLÓRIA volta
ao Belenenses?

A notícia veio do Brasil, assim em jeito de coisa definitiva a não deixar quaisquer dúvidas: Otto Glória, o técnico brasileiro de maior permanência ao serviço de clubes portugueses, teria sido (eles dizem «foi») contratado pelo Belenenses para a próxima época, sendo esperado no Restelo ainda antes do termo da «Taça de Portugal» actualmente em curso. Acrescente-se, para quantos desconheçam o facto, que Otto Glória já por duas vezes esteve á frente da equipa de Belém.

Tentámos uma confirmação que não chegou. Assim:

ACACIO ROSA: «Desconheço isso por completo. Aliás, eu agora não assisto às reuniões da direcção do clube, pois não faço parte dela. Fale com o sr. Manuel Vacondeus. Ele poderá dar-lhe uma informação precisa sobre o assunto».

MANUEL VACONDEUS: «É só boato. Mais um. Posso garantir-lhe que não há nada de nada e que nem sequer pensámos em Otto Glória».

Réplica nossa:

— Mas há qualquer outra hipótese?

— Muitas e nenhuma. O assunto, de momento, encontra-se em ponto morto.

Depois disto, e sobre isto, Homero Serpa, o nosso camarada de Imprensa actualmente a orientar (com excelentes resultados) o «onze» de Belém, nada nos poderia adiantar. No entanto perguntámos-lhe como encarraria a contratação de um novo técnico — e ele respondeu:

— Será com grande satisfação que eu verei o Belenenses resolver o problema, quer no que respeita á próxima época quer, até, á época que decorre. Bem vê, limitei-me a responder ao apelo resultante de um momento de crise. Tomei o encargo num regime provisório. De resto, sou jornalista e apenas me interessa continuar a ser jornalista.

É tudo. De Otto, nem fumo. Quanto a Homero, ele apenas deseja ver o problema do Belenenses resolvido para regressar á sua vida normal. Quem se segue?



Otto Glória é novamente notícia no futebol português

DERROTA POR 2-1 NA «TAÇA DAS FEIRAS»

VITÓRIA DE SETÚBAL
EM NADA INFERIOR AO LEEDS

LEEDS, 11 — O publico que ontem á noite affluu ao estádio Elland Road teve o ensejo de aplaudir uma bela partida de futebol, graças á magnífica réplica oferecida pelo Vitória de Setúbal ao famoso «leader» do colossal campeonato inglês.

Setubalenses: equipa mais fina, mais imaginativa, de melhor espírito de improvisação, por vezes mais rápida, ainda que menos objectiva no ataque.

Inglêses: conjunto sólido, poderoso, a adoptar os lances largos, a procurar atingir as redes pelo caminho mais curto, quase sempre mercê de técnica realista, tocada de simplicidade, de espírito de equipa a todos os títulos admirável.

Houve três golos, um a favor dos setubalenses e dois para o Leeds. Os dois setubalenses, logo aos 3 minutos, resultou de uma jogada sensacional, em que a bola, sem nenhum inglês lhe tocar, veio do guarda-redes até ser vitoriosa e espectacularmente cabeçada por Vítor Baptista.

Os dois golos dos ingleses tiveram origem em livre directo (o primeiro), bem apontado, por sinal, e num «penalty» que o árbitro alemão assinalou de maneira força-

díssima (em ressaio de bola no terreno, a bola embateu no braço de Cardoso, sem que este tentasse desviá-la por aque e processo). Foi, pois, um «penalty» hipotético, que já não se usa marcar, mas que o árbitro alemão, que aliás realizou trabalho impecável, quis assinalar de maneira extremamente infeliz, um erro — um só — do árbitro, mas dos mais comprometedores pois ditou o vencedor de agradável contenda.

O Vitória de Setúbal merecia largamente o empate. A equipa portuguesa teve excelentes intérpretes de um futebol moderno, mas dois distinguiram-se a grande altura: o guarda-redes Torres e o centro-campista Octávio.

Outros jogos para os torneios europeus:

Taça dos Clubes
Campeões Europeus

Sessenta mil pessoas (e milhões através da Eurovisão) presenciaram o jogo Ajax-Celtic, disputado em Amesterdão, com arbitragem de Saldanha Ribeiro.

Os holandeses venceram por 3-0 (golos de Gruyff, Hulshoff e Kezier, obtidos

Nas Antas: 4-1 para os «azuis-brancos»

FÁCIL TRIUNFO DO PORTO
SOBRE O CELTA DE VIGO

Jogo particular no Estádio das Antas, entre as equipas do F. C. Porto e do Celta de Vigo, que terminou com a vitória bastante expressiva dos portuenses: a que quer dizer que os «azuis-brancos» usufruíram de verdadeira supremacia, especialmente a partir da altura em que marcaram o primeiro golo. Abel foi o autor (aos 24 minutos), em jogada pessoal: arrancou do meio do terreno vários adversários e rematou impárravelmente.

Até ali os espanhóis estavam a defender-se muito bem ao ponto de criarem sérios embaraços aos avançados da casa. Estes, no entanto passaram a actuar com mais velocidade e a trocar a bola rapidamente: isso foi suficiente para confundir os defesas adversários. E, neste ritmo, os «azuis-brancos» (por intermédio do mesmo Abel) vieram a conseguir o seu segundo golo, 4 minutos

depois, através de um centro de Pinto que o «ponta-de-lança» parou muito bem com o peito para dominar a bola e atirar a contar.

Daqui em diante, e até final da primeira parte, os portistas ganharam ainda mais ascendente e um novo golo, obtido por Pinto com um remate a mais de 30 metros.

No segundo tempo, os donos da casa fizeram muitas modificações na equipa e isso permitiu que os espanhóis equilibrassem a partida. Mesmo assim, foi ainda o F. C. Porto quem comandou as operações mas através de jogadas esporádicas. Verificou-se menos entendimento no conjunto mas a superioridade técnica não deixou de existir.

Mas o F. C. Porto ainda aumentou a vantagem para 4-0 aos 6 minutos do segundo tempo. Pinto apontou um castigo e levou a bola a Abel, que correu quase até á linha de fundo e dali centrou para a frente da baliza, onde apareceu Lemos a fazer o remate final.

O golo dos espanhóis foi infelicidade de Rolando. Na marcação de um «centro», o defensor portista quis dominar a bola com o peito e acabou por introduzi-la na sua baliza.

O resultado acaba por ser justo, pois os donos do terreno foram, sem dúvida superiores, frente a uma equipa que não teve forças (nem jeito) para contra-atacar e que esteve quase sempre metida no seu meio-campo.

Arbitror Jaime Loureiro com agrado

As equipas:

F. C. PORTO — Rui (Armando); Guaiter, Armando Manhla (Vieira Nunes), Rolando e Valdemar; Pavão (Oliveira) Pinto (Leopoldo) e Bené (Gomes); Abel (Joãozinho); Lemos e Nóbrega (Ricardo).

CELTA DE VIGO — Payno (Minon), Isabelo, Hermínio (Hidalgo), Pedrito e Rivas; Rivera Lescano e Banos; Fernandez, Almagro (Suco) e Gimenez.

Fracá assistência e pequena receita.

F. P.

Nova direcção
do Benfica

No próximo dia 15 vai ser apresentada, á assembleia geral do Sport Lisboa e Benfica a «lista única» proposta para a nova direcção do clube. Nommes-base: dr. Mário de Oliveira (assembleia geral), José Ferreira Queimado (Direcção) e dr. Borges continho (Conselho Fiscal).

— Por atenção á comissão que me convidou estou a estudar ponderadamente o convite, mas parece-me muito difícil a aceitação do cargo — disse-nos esta manhã José Ferreira Queimado que, aliás, deixou uma porta aberta para a solução do problema: «É tarefa tão ingrata que hesito desde o primeiro momento...»

José Ferreira Queimado já presidira ao elenco directivo após a saída de Joaquim Bogaelho: a sua meritória actividade granjeou-lhe as maiores simpatias e todo o apreço da massa associativa benfiquista.

Acontecimentos
DE ONTEM

FUTEBOL NA MADEIRA

A Associação Académica de Coimbra derrotou, por 4-0, o Nacional da Madeira. Golos de Vala, António Jorge, Manuel António e José Manuel.

FUTEBOL NO ALGARVE

Jogos para a «Taça de Honra» da Associação de Futebol do Faro: Farense, 1-Portimense, 1; e Olhanense, 3-Faro e Benfica, 0. O Farense desempatou por grandes penalidades, e disputou com o Olhanense a final, no próximo domingo.

LUTA GRECO-ROMANA

Encontros a contar para o Campeonato Nacional de Luta Greco-Romana:

Sp. Linda-a-Velha-Baixa da Banheira, 3-5; Runa-Mem Martins, 8-0; Sporting-Benfica, 5-3; Belenenses-Amadora, 6-2.

BADMINTON

Jorge Cruz é o novo campeão nacional de juniores em badminton.

BILHAR

Os bilharistas do Benfica venceram os do Sporting, por 3-0, para o campeonato nacional por equipas.

TÊNIS DE MESA

Campeonatos de Lisboa de ténis de mesa:

1 Divisão — Benfica-Paço de Arcos, 5-0; Ávila-Mirandense, 5-4; Belenenses-Sporting, 0-5; e Intendente-Ateneu, 2-5.

O SORTEIO DA «TAÇA»

Prossegue no dia 16 de Maio a «Taça de Portugal» em futebol. O sorteio dos jogos indicou o seguinte calendário:

Tirsense-União Almeirim, Boavista-Vazim; Riopole-V. Setúbal, Oriental-Sporting; Benfica-Luso, União Coimbra-Sp. Farense, Sestmora-Académica, Barcelonense-Beira Mar,

Leixões-Vit. Guimarães, Torrens-Belenenses e F. C. Porto-C. U. F.

A partida Riopole-União de Almeirim, excepcionalmente, realiza-se a 20 de Maio. Os jogos efectuar-se-ão numa só mão, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar. Nesse sentido os terrenos foram considerados neutros.

ANDARES NA LAPA

7 ASSOALH. C/ GARAGEM INDIVIDUAL,
BONITA VISTA

TRAVESSA DO FERREIRO, 4

VENDEDORES/AS

Admite grande organização Editorial, para o preenchimento de voges do seu quadro de pessoal de Promoção de Vendas.

Curso Remunerado e lugar estável.

Resposta ao jornal ao n.º 725.

CONVITE

Auto Industrial, S. A. R. L., tem o prazer de convidar todos os seus clientes e desportistas em geral para apreciarem o VAUXHALL VIVA PERKINS, que concluiu a totalidade do percurso da XXII Volta a Portugal em Automóvel e se encontra em exposição na Av. Duque de Loulé, 93-95 em Lisboa.

Apesar do veículo não ter obtido classificação, por se ter verificado um erro no itinerário, o mesmo encontra-se exactamente nas condições em que terminou a prova, para que o público em geral possa apreciar e experimentar as suas reais possibilidades.

A GERENCIA

Av. Antônio José Gomes, 2
Tel. 2761497 — COVA DA PIEDADE

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595
As 3 da tarde (a p. rec.)
e 8.30 da noite
LILLI PALMER, Cristina
Galbo e John Moulder
Brown em
**INTERNATO
DE RAPARIGAS**

444

Adults FBI 174095

1107415

FAST MAN BOOK

8 21 34

O DIABO ERA OUTRO
com Antonio Calvario e Milu

● **PORTO**

TEATROS
SA DA BANDEIRA — As 21 e 45: «...E o Ze faz tudo!» (17 anos).
CINEMAS
SÃO JOÃO — As 2 e 30: «Amar, a maior riqueza!» (17 anos).
CONSELHO — As 20 e 30: «F. Con»

2 e 30: «A Filha
7 anos)

TRINDADE — As 1. e 30. e Consor

«fulminante» (17)

VALLE FORMOSO — As 2 e 30.
Um homem resistível (17
anos.

Maupin, (17 anos).
2 e 30: 00 preso

SOUSA BASTOS — Às 21 e 30.
«O ultimo fica vivo!» (12 anos)

farmácias de serviço

PORTO

Alberto Ferreira, Rua do
Estação 00 (Tel 51302)
*** Antunes,** Rua do Bon-
fim, 485 (Tel 27936)
Campe Alente, Rua do

Campo Alegre 123 (Tele-
fone 52245) * Fátima, R
Oliveira Monteiro 475
(Tel 65406) * Ferreira da
Silva Rua Mart da Liber-

*
or-
11).
ça

dos 50 (Tel. 24023). *
Marques Mendonça, Rua
do Apeara, 25 (T. 47 18).
* Pereira, Rua do Precio-
so, 35 (Tel. 68 027). *

83 tos Pousada. 622 (Telefo-
ne 54526 * S. Lázaro,
Av. Rodrigues de Freitas,
29) (Tel: 27043) * Sara-
bando: L. dos Lóios 36

Ter. 2° 70' * Saúde, Av
Como G Guerra, 689 (Te-
lefone 40376) * Sousa
Soares, Rua de Santa Ca-
tarina 4 (Tel. 22 45)

* Vitória, R S R da Lomenha 156 (Tel. 52225) * Gondarém, Rua de Gondarém 360-Foz

6). Machado — Rua Bernardo de Albuquerque (tel. 23767) * Sitia — Largo

do Se Velho (tel. 23234)
* **Luciano & Matos** —
Rua do Sol (tels. 22147
e 22148)

Diário de Lisboa

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal



O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado, com encoberto de vento era moderado ou forte no quadrante este. TEMPERATURAS E XÍREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvaide, 5.º; mínima: Penhas da Saúde, -6.5. TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 0.º; Penhas, Douro, 1.º; Coimbra, 7.º; Portogale, 5.º; Lisboa, 9.º; Faro, 4.º; Funchal, 4.º. TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 10.º; na água do mar: 12.4.

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado ou encoberto; vento moderado a forte do quadrante leste; formação de geada nas regiões abrigadas; possibilidade de chuva nas regiões do Sul.



Amãhã
Nascer às 7 e 54
Ocos às 19 e 39



Amãhã Dia 20 Dia 26 Dia 1

MARES:
PRELA-MAR: Hoje — 4 e 0 (4.0 m); 6 e 3 (3.8 m); Dia 12 — 4 e 45 (4.0 m); 17 e 02 (3.8 m); Dia 13 — 5 e 09 (4.0 m); 7 e 26 (3.8 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 9 e 36 (1.0 m); 2 e 45 (1.1 m); Dia 12 — 0 e 33 (1.0 m); 22 e 2 (1.0 m); Dia 13 — 10 e 23 (0.9 m); 22 e 33 (0.9 m).

ANTIGUIDADES

Pintura a óleo s. tel. — sagem com castelo (medindo 2,10x1,38 m). Vende: João Trindade (posto St.ª Teresa), nova est. Lisboa-Porto. Ao km 101. Tel. 42551 de Alcobaca (Aberto também aos domingos).

MELHORIA DO TEMPO A PARTIR DO DIA 15

É a seguinte a antevisão das condições meteorológicas médias no Continente, até 25 do corrente:

De 11 a 14 — (Regiões do Norte Centro). Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco a moderado do quadrante leste. Condições favoráveis à ocorrência de geada nas terras abrigadas do interior, (regiões do Sul): Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado do quadrante sul. Possibilidade de aguaceiros. Temperatura média de ar inferior aos valores normais da época.

De 15 a 25. Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco a moderado predominando de leste. Condições favoráveis à ocorrência de nevoeiro do litoral oeste. Temperatura média de ar dos valores normais da época.

Primeira Assembleia Geral da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Japonesa

No Auditório da Feira Internacional de Lisboa, realizou-se esta tarde, pelas 17 horas, a primeira Assembleia Geral das firmas associadas na Câmara de Comércio e Indústria Luso-Japonesa.

Na Ordem do Dia estão inscritos o relato das diligências efectuadas pela Comissão Organizadora e ex-

450 HOMENS ESTÃO A COMBATER O INCÊNDIO NA SERRA DA CABREIRA

VIEIRA DO MINHO 11 — Continua, na serra da Cabreira, o ataque às chamas que, desde ontem, à tarde, irromperam com violência destruindo já quantidades apreciáveis de vegetação (pinheiros, eucaliptos, etc).

O fogo começou, perto do Talete da Cabreira (posto de vigia), e deve ter sido originado por algumas faúlhas, de fogueiras feitas por pastores para aquecerem alimentos e que o vento Leste, fortíssimo, ati-

rou para a serra.

Guardas das brigadas florestais, bombeiros voluntários desta localidade, populares e militares do R. I. 8 de Braga (450 homens) atacam, com denodo, o incêndio; e, esta manhã, alguns locais já se procedia ao rescaldo, embora o vento tenha atestado as chamas noutros sítios.

Os pinhais a arder situam-se nas freguesias de Canteães, Ruivães, e também já na de Vilhar de Chão, daquele concelho.

lho.

Trezentos soldados do Batalhão n.º 10 aquartelado em Chaves estavam, esta manhã, prontos para seguir para a zona sinistrada a fim de substituir os do R. I. n.º 9, extenuados pelo esforço dispendido.

Uma equipa de primeiros socorros, vinda do Porto, está no local, pronta a prestar assistência a quem precisar.

Não há, por enquanto, desastres pessoais, e naquela zona não existem, felizmente, casas isoladas ou povoações.

Encontrado morto (de mãos amarradas nas costas) o dono de uma «boutique»

O proprietário da Boutique Simão, em Cascais, foi encontrado morto, esta manhã dentro do estabelecimento, por uma empregada, por uma empregada. Maria Rosalina Chagas, de 25 anos, solteira, moradora na Vila Candida, a Amoreira, estava caída, com as mãos amarradas atrás das costas e um lenço na boca.

A empregada dirigiu-se ao posto da P. S. P. da vila, onde participou a ocorrência e declarou que cerca das 9 horas, quando pretendia entrar no estabelecimento, encontrara a porta encostada. Estranhando o facto, procurou o patrão, que acabou por descobrir nas circunstâncias já relatadas.

A P. S. P. dirigiu-se ao local — Rua Visconde da Luz, 1-A — e ali confirmou as

declarações da Maria Rosalina. Foi pedida a companhia do adjunto do Procurador da República da comarca e do subdelegado de Saúde, que verificaram o óbito e solicitaram a presença da Polícia Judiciária, que seguiu para o local com os técnicos do Laboratório Científico.

A P. S. P. identificou a vítima como sendo o sr. Francisco Costa Simão, de 43 anos, solteiro, morador na Rua Visconde da Luz, 1-A, em Cascais.

RAUL REGO NO PORTO

Esta noite, no Porto, na sede da Cooperativa Cultural de Estudos e Documentação (Coordenadores), o nosso prezado camarada de redacção, dr. Raul Rego, fará a sua anunciada conferência subordinada ao tema «A Lei da Separação».

Incluída no programa das celebrações do centenário do grande estadista da República dr. Afonso Costa, e evocando um dos aspectos capitais da legislação estrutural do regime pelo Governo Provisório, a conferência de Raul Rego é aguardada com invulgar interesse na região nortenha.

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

42994 — 4 200 000\$
42286 — 420 000\$
9527 — 240 000\$

APROXIMAÇÃO AO 1.º PRÉMIO

42993 — 12 870\$
42995 — 12 870\$

PRÉMIOS DE 12 CENTOS

630 1018 3250 7536 10412098 15246 19441 19663 215422905 23141 25405 26931 280629457 30224 31937 31951 337734241 35197 39490 40954 438244260 44432 45835 47109 475949088 49519

PRÉMIOS DE 480500 (Centenas)

9501 a 9600; 42201 a 4230 e 42901 a 43000.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujo três últimos algarismos sejam 206, 233, 502, 581, 660 e 972 são contemplados com 960\$00, aqueles cujos dois últimos algarismos sejam 24 têm direito a 900\$00, e os terminados em 12 ou 39 são premiados com 600\$00. Por último, todos os restantes números cujo algarismo final — terminação — seja 4, têm direito ao prémio de 300\$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

CASA DA SORTE

Vendeu hoje aos seus balcões

MAIS UMA SORTE GRANDE

4.200 CONTOS — 42 994

3.º prémio — 9527 — 240 CONTOS

Mais 2 bilhetes com a Marca e o Carimbo da

CASA DA SORTE

Dê sangue aos Hospitais Cívicos!

Uma sugestão da

CASA DA SORTE



FÉRIAS EM PALMA DE MAIORCA

DESDE ESC. 2.980\$00

Incluindo: passagem aérea utilizando o «Caravelle» da TAP e pensão completa

FÉRIAS EM TORREMOLINOS

DESDE ESC. 1.780\$00

Incluindo: transporte em autocarro de luxo e pensão completa

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES NA SUA

AGÊNCIA DE VIAGENS

Teka
LAVA-LOUÇA-FOGÃO ELÉCTRICO OU A GÁS
FABRICADO POR **Teka Hergóm**
Representante — ANSELMO SANTOS
AVEIRO - APARTADO 130 - LISBOA - R. COR. BENTO ROMA, 12-A
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

CARMEN ELIZABETH — MODAS

APRESENTAM A SUA COLEÇÃO DE PRIMAVERA E VERAO DE 1971, AMANHÃ, SEXTA-FEIRA, DIA 12, ÀS 15 HORAS, NO HOTEL FITZ

Penteados e Maquillage do Instituto de Beleza TABER

Chapéus LAURA SOBRAL Sapatos MARIAZINHA
Entrada rigorosamente por convites



FÉRIAS EM:

PALMA DE MAIORCA

Partidas todos os domingos, de 11 de Julho a 12 de Setembro. Voos directos de Lisboa a Palma e vice-versa, com avião especial Caravelle. Estadias de 8 ou 15 dias, em regime de pensão completa.

Preço a partir de Esc.: 2.980\$00

TORREMOLINOS

Partidas todos os domingos, de 6 de Junho a 19 de Setembro, em confortáveis autocarros de turismo. Estadias de 8 ou 15 dias, com pensão completa.

Preço a partir de Esc.: 1.780\$00

DIRIJA-SE AO SEU AGENTE DE VIAGENS

SUPLEMENTO LITERÁRIO

653 ■ 11 DE MARÇO ■ 1971

Carlos de Oliveira:
um exemplo de ri-
gor e de dignida-
de intelectual



"O APRENDIZ DE FEITICEIRO"

(Trecho do conto «Serenata»)
por CARLOS DE OLIVEIRA



Entre a última nota e a primeira palavra

«O APRENDIZ DE FEITICEIRO», eis o título do novo livro de Carlos de Oliveira, a sair dentro de (breves) dias sob a chancela de «Publicações Dom Quixote». Trata-se de um conjunto de textos (contos, histórias, estudos, opiniões, etc.) assinado por um operário diligente da expressão literária em língua portuguesa. Porque a pesquisa laboriosa, o obstinado rigor estrutural são questões de ética num trabalhador das letras, temos em Carlos de Oliveira um caso relevante de dignidade intelectual — exemplo infelizmente pouco comum numa república literária onde campelam o oportunismo autopublicitário e a medocridade engalanada.

O texto que hoje apresentamos (graças à amabilidade com que o autor e a casa editora corresponderam à nossa iniciativa) serve pois de convite à leitura de um dos mais notáveis prosadores portugueses contemporâneos.

to «whiskà», bebe-o dum trago e murmura:

— Já não me caso

Álcool, trompete:

— Vou mandar o Dick às urtigas. Que música esta.

Entramos no carro. Guio eu

ela está-se mesmo a ver que não pode. A condução pela esquerda complica-me as coisas. Embora. Arranco sem hesitar. Basta de caprichos. Primeiro, levar o Billy Brown para o estúdio e fazer uma farra; depois, deixar o car-

ro e irmos a pé (o estúdio fica em Chelsea, na Moore Street, e que ficasse aqui ao lado) por fim, telefonar ao Dick e desfazer o casamento. Custou dissuadi-la. A cidade deserta, ou quase. Lúcida, sem nenhum nevoeiro (1). Apenas o frio tingia o ar, o torno das estrelas das lâmpadas o motor do «Rover» mal se sente e deixa ouvir alguns taques nos pavimentos duros, taques que taque, como um filme policial.

O estúdio de Chelsea é a cave duma vivenda de três andares, estreita mas funda. À frente, duas janelas com grades; atrás, a porta envidraçada cheia de luz, dando para o jardim de meia dúzia de metros: redondelos, buxo, hostênsias. À parte a cozinha-dispensa e a casa de banho, Jane L. transformou a cave numa divisão única, misto de sala quarto, «atelier».

Procura a casa de banho, esvanece, deixa a porta aberta e confirma o que já suspeitava: prepara a seringa, a droga injecta-se.

Em frente, o vale glaciado. Anoitece. Poiso os cotovelos na varanda do miradouro. Sulcos de rocha, sombra. Despega-se, evapora-se, escurece o ar. Uma espécie de névoa, que não se distingue muito do fumo dos casais.

A pronúncia arcaica da Estrela. Ouço-a ressoar no crepúsculo, por assim dizer incompreensível, palavras gráficamente iguais às minhas (mais ou menos), mas a entoação distorce-as, barbariza-as, nesta linguagem de pastorícia, velha, dum grande frescura. Entretanto o céu divide-se em três zonas, sem esquecer as cambiantes entre elas, as zonas de passagem. Ao alto, cal; ao centro, cinza; em baixo, azul-escuro ou cinza-carregado: o fumo, a sombra que sobe; e também um traço ruivo (o fogo do fumo) a recortar a montanha, os picos nevados, fugidamente.

Espero Jane L. no miradouro. Vagueámos a tarde inteira entre penhascos. Agora, foi ao quarto buscar uma agasalho; cá em cima, as noites de Outubro esfriam. Amo-a, julgo eu. Até aqui, ameaça-as todas, é verdade, mesmo as feias, as que ruminam

Cont. na pág. 6

O SOHO, a esta hora, mete medo. De dia, lembra uma feira do Sul (vivem muitos latinos no bairro): barracas, toldos, carroças de hortaliga, tumulto meio italiano. De noite... Ainda há tempos a pobre condessa Prywlesky (polaca, já se vê) apareceu numa esquina nevoenta com dez punhaladas no ventre e três na garganta. Soma aziaga. Mala, casaco de peles, jóias, nada desapareceu. Um novo Jack Stripador? Parece que não. Simples ajuste de contas: a condessa tinha uma vida dúbia, ligações perigosas em todos os sentidos. Mas, nunca fiando.

A porta, o cartaz discreto garante que o trompetista é de Nova Orleães. Billy Brown, um negro baixo, magro, perto dos quarenta. Talvez seja, talvez não. Pouco importa. Traz nas veias o sangue das plantações o peso escuro da pele, o trabalho escravo. Nem doutra maneira se entende a quase insuportável tristeza que enche a sala, quando ele começa a tocar. Ele e o seu conjunto.

Cordas, piano (a bateria calada), num fundo de algodão, a perder de vista, o vento leve sobre a planície, e distância, distância, já viram por certo o mesmo céu no cinema, nuvens? luz coalhada?, não se distingue bem, laivos brancos ao cimo do «écran», depois uma zona de cinza, escurecendo para baixo até ao outro branco, o da terra, o da plantação, onde se passa isto, donde sobe este murmúrio de cordas, piano, que pouco a pouco apaga o do vento ou o absorve, banda sonora a crescer, e a certa altura, com a tensão já crispada, a paragem súbita, o vácuo que palpita um momento não mais, a síncope introdutória de Billy Brown, e ele então recomenda tudo, lento, de baixo para cima, da terra para as nuvens, sem as atingir, a música é uma raiz, segura-o, prende-o às plantações, negros dobrados, capatazes, fundo de algodão e distância, distância horizontal, despenha-se nela, na melancolia, não passa duma haste vergada, e o trompete extingue-se abruptamente, o silêncio bate-nos na cara com o fumo, o ar compacto.

Entre a última nota e a primeira palavra, Billy Brown dá ainda mais. Jane L. ergue o sex

Poesia & Não

JOSÉ GOMES FERREIRA
POESIA — IV
Portugália Editora
Lisboa, 1970

UM POETA entra em fase de repetição. Um poeta entra em fase de exploração da sua própria voz, do processo em que a organiza, da escrita em que procura manifestá-la.

Isso era, aliás, receável através da leitura dos livros que anteriormente publicou. A exuberância e a complexidade metafórica do discurso poético de José Gomes Ferreira deixavam prever um esgotamento que poderia vir a traduzir-se na passiva exploração de um mesmo processo de escrita. Tal facto veio, infelizmente, a confirmar-se, e é ele, sem dúvida, um dos maiores obstáculos que nos levanta a leitura desta sua *Poesia — IV*.

Um livro em que se encontram atenuadas as qualidades de uma escrita que em livros anteriores nos habituá-



ramos a reconhecer? — estamos certos que não, embora estas breves notas nos não permitam por enquanto transmitir mais do que meras hipóteses de leitura. Apenas um livro igual, um livro que tende a tipificar um processo de elaboração a fixar a pessoal utilização

de um léxico, a repetir as metáforas obsessivas, a revelar e a questionar, com um pouco mais de clareza, uma das fundamentais contradições em que sempre se tem debatido o discurso poético de José Gomes Ferreira: o de se realizar sobre uma linguagem que o próprio discurso em si mesmo contesta. Vejamos este poema da página 49:

Dou um pontapé nestas árvores de
[carne e folhas,

Mas esperem!
A palavra árvore não é uma árvore,
momento de sombra,

nem a palavra «ol» queima a pele das
[mãos,

E até hoje nunca vi voar a palavra
[rouxinol

Ah! se eu pudesse colar no papel o
[canto dos pássaros,

o estarrapar concreto do canto dos
[pássaros

e esta mão de sol que cria
a invenção das flores.

Mas não.

Sempre as mesmas palavras
com alcapões de bruma

Sempre esta resignação à Poesia
com pontes mágicas para coisa ne-
[lhuma.

É evidente, pois, que o enunciado contido no primeiro verso deste poema procura ser posto em causa através dos versos que se lhe seguem. Mas não é apenas o seu primeiro verso que este poema contesta; é, também, o quase desregado metaforismo de poemas como este:

Gritar para quê?
Para ver mais cinzas nas flores?
Mais esqueletos nas folhas?
Mais olhos cegos nas paredes a ilu-
[minarem o sol?
Morre-se de noite para haver luar.

A linguagem (o material de que o poeta dispõe para a produção da sua escrita), é aqui pois interrogada na sua capacidade metafórica. A palavra *árvore* não é uma árvore. / (...) e até hoje nunca vi voar a palavra *rouxinol*. Quer isto dizer que não cabe à linguagem a representação ou a transcrição de uma realidade extralinguística, mas apenas produzir o «sentido» dessa realidade através do jogo interno dos signos em que procura dizê-la. A língua não é uma nomenclatura — diz-a o Martinet, nos seus *Éléments de Linguistique Générale* —, mas um instrumento de comunicação que nos permite a análise da realidade que lhe é exterior.

Tzvetan Todorov, num texto recente (*Synecdoques*, in *Communications* n.º 16, Dez.º/70), e citando Pierre Fontanier, define a metáfora como a substituição de um significado por outro, permanecendo igual o elemento significante. E, no entanto, pouco possível o desaparecimento completo do primeiro significado. Se tal acontecesse, anular-se-ia imediatamente o efeito da metáfora, já que esta corresponde, em princípio, ao estabelecimento de uma relação de identidade entre um sentido próprio e outro figurado. O significado principal não desaparece, portanto, totalmente; ele apenas recua a um segundo plano, como que apagado pelo novo significado produzido. É da relação que entre eles se estabelece, da semelhança, do choque, da fricção ou da identidade entre esse duplo significado que se deposita sobre um comum elemento significante, que o efeito metafórico verdadeiramente se produz. Mais, portanto, que a substituição de um significado por outro, a metáfora corresponde, sobretudo, a uma *interacção* entre eles. Isso o diz, aliás, I. A. Richards, também citado por Todorov.

Mas se este é o processo em que se organiza toda a prática escritural de José Gomes Ferreira, não é, no entanto, a ele que se refere o primeiro texto que citamos. O que aí se põe em causa não é já uma relação metafórica, mas principalmente o poder de *representação* da linguagem, portanto das suas relações com uma exterioridade possível. Como se o poeta enfim reconhecesse a complexidade de um real que a linguagem não consegue repetir. O que aqui talvez convenha, portanto, recordar é que toda a literatura da idade moderna, como o

diz Foucault (*Les Mots et les Choses*, Gallimard, pág. 59) é o que compensa e não o que confirma o funcionamento significativo da linguagem. O que compete, pois, à escrita não é já a transposição de uma realidade que ela teria por função repetir e representar, mas apenas a leitura de um espaço no qual ela tenderá a introduzir o «sentido» que nessa sua leitura se produz e afirma.

As flores, a lua, o sol, as estrelas, o
[vento

não são palavras apenas
para tecer poemas

Existem em carne e dor (com caveira)

E iluminam o papel
com que as palavras criam
para além da pele
— a luz verdadeira.

José Gomes Ferreira procede, pois, como que a uma «personificação» das palavras (*Existem em carne e dor*), trabalha-as como se nelas se contivesse a realidade que analisam e inquieta-se depois, amargamente, por essa realidade de que elas afinal não dizem dentro da sua opacidade de signos. Isso seria, aliás, detectável, entre outras coisas, pela constante utilização da letra maiúscula em composições como estas:

Confissão Impossível: Construção das Trevas; Monstro do Remorso; Dias Simulados; Dragão dos Pesadelos; Remorso Inútil; Cidade da Morte; Grande Fantasma; Solidão do Começo; Silêncio dos Mais Altos Pesadelos; Planície Mais Longa; Última Solidão; Sempre-Apetecida; Grande Labareda Sempre Adida; Primeiro Sonho; etc.

Por aqui se vê, portanto, como o poeta tenta transmitir as palavras, quer pelo jogo metafórico, quer pela composição, quer, ainda, pela utilização da letra maiúscula, o poder de reflectir e representar uma realidade que nelas se acaba, afinal, por não manifestar. É de desta fundamental contradição, do jogo de uma escrita que contra si própria se exerce, que este discurso acaba por retirar uma das suas questões essenciais. O poeta ora parece reconhecer, como no primeiro poema que citamos, essa dupla ambiguidade que resulta do ca-



rácter metafórico da linguagem que utiliza, como neste poema (singularmente intitulado *Anti-Pessoa*), a ela se parece render:

Volta às flores, poeta,
volta à alegria dos punhais
caídos das rosas
e dos gritos vãos.

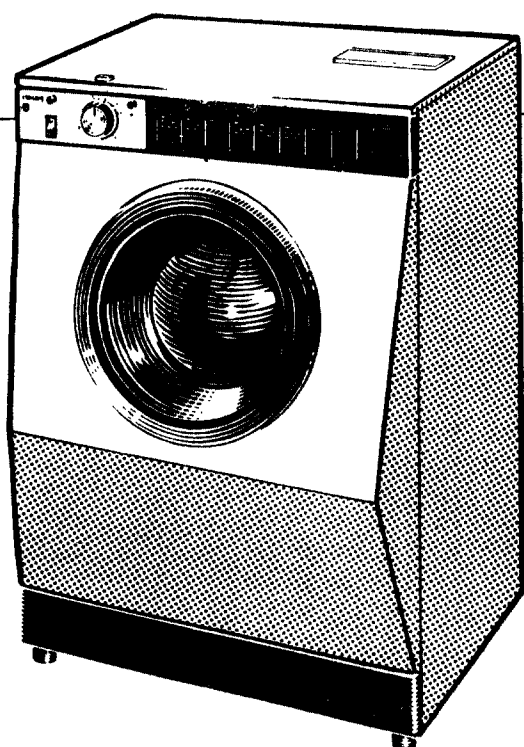
E aquece o sol
com as tuas mãos.

Um dos poemas atrás transcritos tem, ainda, a faculdade de nos mostrar algumas das palavras que este discurso mais frequentemente utiliza: *flores, lua, sol, estrelas, vento, rosas, céu, nuvem, aves*; além, evidentemente, do pronome *eu* ou do termo *espelho*, onde esse *eu* constantemente se revê. É, aliás, igualmente curioso anotar que a quase totalidade dos poemas utiliza, sintacticamente, a primeira pessoa do singular na construção dos enunciados.

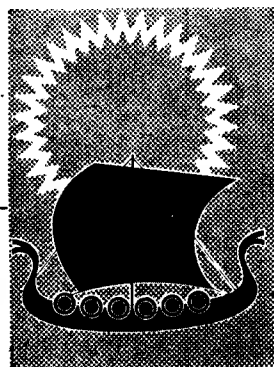
E aqui ficam, pois, algumas notas (apressadas, breves, sincopadas) para o início da leitura de um discurso poético que, sendo dos menos mais importantes, resta ainda na expectativa de um trabalho que verdadeiramente o relacione.

N. M.

uma máquina de lavar roupa Philips uma semana de férias grátis na Escandinávia



Dupla vantagem para quem prefere Philips: a certeza de comprar o melhor e a oportunidade de viajar gratuitamente. As novas máquinas automáticas de lavar roupa Philips, Inclimatic e CC1000, dispõem de programas especiais para lavagem biológica e para lavagem da lã, aprovados internacionalmente. Até 30 de Abril, as máquinas de lavar roupa Philips dão-lhe a oportunidade de ganhar uma viagem à Noruega, Suécia e Dinamarca, para duas pessoas, com todas as despesas pagas.



Decida já a sua compra e participe no
GRANDE CONCURSO PHILIPS
"VIAGEM AO SOL DA MEIA-NOITE"

PHILIPS

NOVOS AUTORES

NOVOS AUTORES, jovem pintura, última geração — os conceitos e as verificações que se expõem por tais palavras ultrapassam a sinalização sucinta que elas permitem. Não será errado dizer-se, por exemplo, que tem havido sempre novos autores. Esse reconhecimento, coordenado com acções que se pretendiam estimulantes, ganhou maior dimensão nos Salões dos Novíssimos e no Prémio Estímulo. Iniciativas com base em diferentes critérios de escolha e de orientação didáctica, mas originadas no mesmo tipo de motivação. Apesar do Prémio Estímulo (da S. N. B. A.) ter denunciado melhor apuramento nas suas linhas de opção, ambos os salões pecavam por uma periodicidade impossível, deformadora (como há pouco o Prémio Nacional de Pintura e hoje o Prémio Soquill) dos índices de valor da produção artística portuguesa. Periodicidade é sempre possível encontrar no aparecimento (na verdade quase regular) de novos autores, de novas formas de ver e de fazer, mas tão-sómente de acordo com a natural relatividade do número, dos valores e das condições gerais verificadas no meio. Essas condições são hoje um pouco diferentes (ainda não de forma substancial), permitindo maior mobilidade à organização das acções estimuladoras, sobretudo pela descentralização

operada a partir das galerias que podem, com certa facilidade e sem grandes riscos, destacar certos artistas ou grupos de artistas em nome de sucessivos e oportunos balanços. Entre nós, na verdade, esses balanços — ou exposições programadas, de tendência, com tema e de prospecção — têm sido quase sempre reveladores do que se faz (e como se faz) no domínio das artes plásticas. A acção das galerias não é inteiramente concertada nesse plano, mas ela torna-se de facto sensível à nossa conjuntura actual e acaba por exercer um papel de inequívoca importância nas relações que definem o quadro artístico português. Isto não quer dizer, mesmo tendo em conta a maior profissionalização hoje oferecida aos artistas mais novos, que a utilidade das galerias, tal como se encontram organizadas, se possa reconhecer sem reservas. A longo prazo, a actual aparência de mercado poderá transformar-se numa realidade mais opaca e menos generosa, manietando o artista a compromissos aleatórios ou a certas formas subtis de opressão. Com efeito, já se vai fazendo um abusivo mercado dos bens da cultura artística, como se eles tivessem de depender definitivamente das segregações socio-económicas. Nesse aspecto, a imaginação das galerias é pouco mais que precária.

Por
ROCHA DE SOUSA

Artes Visuais



PEDRO SOBREIRO

e Paisana, solicitando a intervenção do espectador e favorecendo a dilatação do acto perceptivo até ao sentido táctil da leitura — o que, em certa medida, também se pode considerar como um programa e um exercício capazes de relacionar o compromisso da linguagem com a influência recíproca dos fenómenos no real.

David Evans, que associamos a uma linha de conteúdo pop, ganha na exposição uma presença particularmente aguda, indicada por um itinerário traçado com vigor e com carácter, prova de uma capacidade criadora já muito séria. A rápida evolução deste autor não comprometeu de forma nenhuma a coerência interna da sua obra, hoje mais iluminada pela natureza e pelo conteúdo dos últimos quadros. Na Galeria Judite Dacruz, David Evans apresentou uma pintura de razoáveis dimensões que, para além do seu próprio destino, lança sobre a anterior e imediata produção do artista uma luz de facto esclarecedora. Utilizando uma caligrafia precisa e atenta, Evans parece inspirar-se num troço de banda desenhada. Fumeti, arame farpado, barras de metal, eis alguns dos elementos que se dispõem ordenadamente num quadro dentro do quadro e se conjugam em torno de panejamentos concentrados sobre a memória de um antropomorfo abstruto, invisível, figura presente, beckettiana, inquietante. O plano, sem descrição, é segregado de uma sequência cujos limites desconhecemos, propondo o real pela evidência crua das convenções gráficas da banda desenhada mas ocultando o sentido da narrativa presente, abrindo portanto a obra à própria experiência poética do observador. Pintura muito inteligente, bem construída e de fortes implicações expressivas, empenhando-se deliberadamente e corajosamente sobre a multiplicidade de significados da forma.

Helena Lapas não escapa ao conjunto da exposição quer pela sensibilidade, quer pela natureza da tapeçaria que pratica. Trata-se apenas de uma técnica diferente (neste caso a da tapeçaria bordada) que a autora desenvolve com uma forte consciência dos seus limites expressivos, sem lhe pedir aquilo que ela não pode dar e conduzindo-a na sua função mural, na sua sumptuosidade cromática e material, fazendo coincidir a forma representada com as fronteiras do próprio objecto.

estão fatalmente entrelaçados por uma montagem quase neutra. Em termos físicos, e em vista das características dos próprios objectos, uma separação das tendências em jogo não seria de facto possível. De resto, isso poderá estar de acordo com uma parte dos objectivos afirmados — não segregar para definir, nem doutrinar para segregar. Exposição e também forma de convívio, aí se exprime pelo menos a convicção de que os artistas mais novos têm ainda possibilidades de ultrapassar os seus próprios preconceitos, abrindo-se a um futuro menos ressentido, hostil à desconfiança e à mediocridade moral.

Entre os autores apresentados, é manifesto o interesse por uma pesquisa que de novo se aproxima do real — segundo uma orientação surreal e poeticamente peculiar (Carlos Ferreiro, Jasmim); dentro de uma linha metafísica expressa por técnicas tradicionais (Assunção Venâncio); fazendo apelo a uma escrita aberta

que entronca na memória de formas poeticamente recuperadas à infância (Fatima Vaz e de certo modo Graça Antunes); de acordo com a desmultiplicação do espaço, a mobilidade visual e o desdobramento das aparências (Pedro Sobreiro, António Mendes, Ana Vieira); e partindo de sinalizações iconográficas de conteúdo pop (David Evans, Rui Leitão, Laginhas, Gagnon). Na escultura, as formas «articuláveis» de Miguel Arruda pressupõem igualmente uma mobilidade intrínseca a que não são alheias sugestões rítmicas colhidas no corpo feminino. Num sentido diferente, e apesar do seu geometrismo op deliberadamente primitivo e funcional, Fernando Calhau, estudando a problemática da percepção, não deixa de se interessar por um verdadeiro conhecimento da realidade. Bem vistas as coisas, nem sequer está muito longe dos problemas levantados pela figuração truncada e múltiplamente analítica de Pedro Sobreiro, o que demonstra que formas à partida não coincidentes se cruzam por vezes em certos pontos do seu itinerário. Seria oportuno observar-se a sobreposição das representações de Ana Vieira, confundindo aparência e realidade, e o jogo dicotómico de Graça Antunes, simulando a dobragem física do suporte das suas paisagens ingénuas.

A margem deste esquema estão naturalmente as experiências lúcidas de Ferraz

EXPOSIÇÃO COLECTIVA
Galeria Judite Dacruz

NECESSIDADE DA INTERVENÇÃO SELECTIVA

A exposição de novos autores recentemente proposta pela Galeria Judite Dacruz enquadra-se na linha de orientação seguida nos últimos anos por algumas galerias de Lisboa (III, Quadrante, Arte Moderna), aceitando os artistas mais recentes como uma realidade de que não se pode ignorar e na qual se reúnem efectivamente valores muito preciosos propostos ao futuro. Nesse sentido, a exposição não é nova no seu programa geral, divulgador e descomprometido esteticamente. Inclui apenas maior número de autores e recusa-se deliberadamente a separá-los por afinidades de convivência. O seu defeito — o da heterogeneidade — pode ser tomado como virtude se se admitir a necessidade de documentar a coexistência

dos modos de ser e de fazer onde se pode talvez extrair uma resultante (ou visão) com certas características particulares.

Seja como for, esta experiência operada na Galeria Judite Dacruz vem demonstrar, mais uma vez, que a exposição simplesmente formulada por convites, tendo em conta a representatividade da produção de alguns artistas («novos» ou «consagrados»), enferma de defeitos muito semelhantes às exposições livres e às exposições por concurso, filtradas pela visão crítica de um júri qualificado. Aos artistas propostos é extremamente simpática a garantia de que o convite da entidade organizadora já significa a última escolha decidida. Mas esse sistema não resolve o problema da baixa qualidade de algumas respostas, mesmo contra o que seria de esperar tendo em conta uma produção conhecida. Na exposição da Galeria Judite Dacruz, apesar da vivacidade geral que vem confirmar a existência de autores significativos no sector abordado, verificam-se algumas daquelas surpresas, resultados abaixo da

expectativa que foram mantidos pelos organizadores, no confronto público, em função do critério inicialmente assumido. Os «novos autores», conscientes de que dispõem hoje de mais oportunidades e de que mobilizam maior atenção, tornaram-se compreensivelmente tão susceptíveis como os seus colegas mais velhos. É razoável supor-se que não aceitariam com facilidade um programa de acção por convites susceptível de ser alterado por uma intervenção crítica selectiva de última hora. No entanto, a exposição patente na Galeria Judite Dacruz prova soberbamente a necessidade dessa intervenção. Ou seja: a necessidade de se esclarecer o significado didáctico de tais iniciativas segundo um critério de escolha final, obra por obra, autor por autor, mesmo que as omissões resultem mais pesadas.

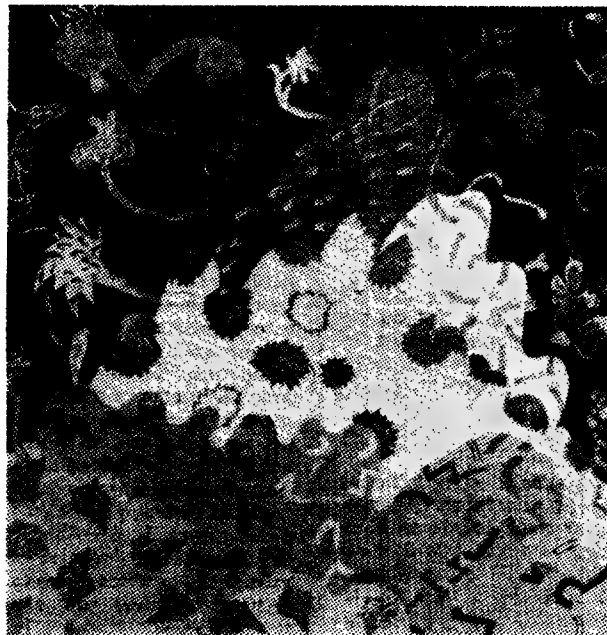
AS TENDÊNCIAS EXPOSTAS

Na Judite Dacruz, os núcleos da produção exposta

DAVID EVANS



FATIMA VAZ



GOIVOS, LÍRIOS E AIS

Poesias líricas e jocosas de Ernesto Augusto da Silva Pereira (ESSEPÊ)

A venda nas boas livrarias do País

Folhetim-artístico

de José-Augusto França

DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO ESQUEMA DA REFORMA EM DISCUSSÃO / 4

O INSTITUTO DE ESTUDOS DE ARTE de que no artigo anterior (e em outras ocasiões) falei, fará ou não parte do Ensino Superior Artístico. Não, certamente da *Escola de Artes Visuais* que no mesmo artigo (e em outros) referi — mas, de qualquer modo, definir-se-á no complexo da informação-formação, que no domínio das artes se constitua. O organograma estabelecido neste domínio pode ser variado, conforme considerações oportunas e razões de eficiência que não posso discutir aqui.

Continuo, pela minha parte, a falar de Artes Visuais, bem sabendo, porém (como em outras ocasiões afirmei), que há que ligar estas a outras, num conjunto que a formação integral do indivíduo, a sua definição social e a própria situação actual das artes exige. Falta-me, no entanto, competência para alvitar fora do meu domínio, e não me cabe constituir comissões ou equipas de trabalho para estudar a correlação dos domínios a implicar na reforma do ensino artístico. Estes folhetins, de autoria de um particular, por variados motivos «marginal», não querem ser senão de comentário e achega.

CONTINUO, pois a falar de um *Instituto de Estudos de Arte* de responsabilidade universitária, aplicado, pelo menos, ao estudo das artes visuais e, desde logo, procurando melhorar o que neste restrito domínio desde sempre se tem feito. Creio remontar às reformas da I República o ensino de História da Arte no ensino superior de Letras; há sessenta anos, portanto, Sessenta anos sem evolução apreciável, durante os quais nenhuma consciência cultural aplicada interveio para dar ao caso uma solução necessária!

Parente pobre da História, política, económica ou mais raramente social, a História da Arte é cadeira anexa, desde sempre, atribuída a licenciados que em outras cadeiras só poderiam ser segundos assistentes — o que logo revela uma vontade de inferiorização legal.

Nada dessa situação tem que ver com a capacidade docente, bem entendido, na realidade das coisas — mas antes e depois da sua definição está a falta de doutoramentos ou, seja, a falta de estudos de especialização levados a um grau necessário dentro de uma responsabilidade cultural maior. E, sobretudo, uma situação de inferioridade; senão, imagine-se que havia a impossibilidade de fazer doutoramentos em Medicina...

Na verdade, nenhum doutoramento se realizou em Portugal, com tese no domínio da História da Arte. Temos doutores com teses de Arqueologia, traduzindo, portanto, uma especialização que, inserida em problemáticas e métodos muito diferentes, não tem que ver com a História da Arte. («E quem me daria o título?» respondeu uma

vez o prof. Mário T. Chicó a uma pergunta ingénuo que lhe fiz...).

Dai que, causa ou efeito do ensino em questão, seja paupérrima a bibliografia da especialidade.

Ensino fechado em si próprio, especialização feita em termos de «autoprodução» e de autoconsumo, ele não tem beneficiado de aprendizagem exterior, de uma formação ou formação em centros culturais estrangeiros. «Tudo quanto aprendi foi fora de Portugal», dizia-me, também, o prof. M. T. Chicó — de novo citável aqui. E não vale a pena lembrar o caso de Joaquim Vasconcelos, formado na Alemanha, e verdadeiro fundador da historiografia da arte portuguesa.

Esse o principal óbice do ensino de segundo plano que neste campo tem sido oferecido à Nação — por ignorância da sua importância num contexto cultural.

Contra tais faltas de possibilidades — de acesso a grau universitário, de acesso a complemento de instrução — nada ou pouco tem podido a boa vontade de um ou outro pesquisador, de um ou outro professor — e de modo algum deve supor-se que menosprezo o valor ou a digna coragem destas excepções, em confrades que bem sabem quanto os respeito, para ser necessário citar aqui os seus nomes.

ASSIM é de segunda ordem o ensino universitário de História da Arte, anexo a uma História que se supõe mais importante, e que dela se obstina a não receber elementos informativos estruturais. E este é o estado das coisas que importa reformar, se se pretende reformar o Ensino Artístico em Portugal, num sentido necessariamente lato — como parece depreender-se do projecto ministerial.

A criação de um *Instituto de Estudos de Arte* no quadro da Faculdade de Letras (ou/e) Ciências Humanas, afigura-se o meio mais evidente.

De *Estudos de Arte* e não somente de História da Arte, porque nele havia de ensinar-se, conforme programas adequados, História, Estética e Sociologia da Arte — azarenta disciplina que neste domínio se começa a saber ser condição «sine qua non» de alguma coisa dele se entender.

Bacharelato e licenciatura (dentro das plataformas tituladas do organograma geral da reforma ministerial) oficializariam este ensino, com cadeiras naturalmente ligadas a cursos de História e de Filosofia — mas também garantido por uma formação vestibular de «Desenho Básico» que realmente habilitasse ao entendimento da matéria formal de que ao longo de todo o ensino se trata.

Só uma larga e demoradíssima prática de ver (que os críticos de arte têm ou devem ter) pode substituir empiricamente tal formação oficial — e não é possível exigir essa prática dos jovens estudantes.

...HISTÓRIA, Estética, Sociologia da Arte — mas como?

Não é objecto destes folhetins esmiuçar programas curriculares. Apenas, porém, há que lembrar que não são as alongadas informações de manual que interessam universitariamente mas o aprofundamento criativo dos problemas, num princí-

Cont. na pág. 7

OS FILMES NÃO SE FAZEM REFAZEM-SE.

IRVING THALBERG

AS VANTAGENS

NUMA ÉPOCA em que Hollywood leilão e vende a sua quinquilharia grandiosa parece ainda mal definida ou sequer estudada a época do seu apogeu ou seja desde o princípio do sonoro até aos fins da II Guerra Mundial. As histórias, biografias e comentários sobre o reino dourado de Hollywood ou são escritas por europeus com uma formação intelectual antiamericana e que portanto vêem a Meca do cinema com um preconceito de antipatia ideológica ou, hábilmente camufladas, não passam de elogios estilizados relações públicas que mais parecem encomendas feitas pelos estúdios a escribas de 2.ª ordem do que trabalho independente de comentadores sérios.

Nos últimos anos, a bibliografia sobre Hollywood tem aumentado. Pelo menos em quantidade, se não em qualidade. O lugar, a mitologia, os «big bosses», a vulgaridade e a ostentação apresentam vários alvos fáceis e parecem convidar a análises a experimentar a sua vulnerabilidade e a aclarar as suas pontarias em símbolos francamente detestáveis. Mas, curiosamente, esta cirurgia tem-se feito mais na ficção (os romances de Herace Mc Coy, de Richard Brooks, de Norman Mailer) do que nos ensaios.

Uma obra documental tão importante (ainda que de fraco potencial polémico) como *Trinta anos de Cinéma Américain* de Coursodoh e Tavernier começa precisamente em 1940 numa altura em que já se abriam as primeiras fendas na muralha e em que Hollywood não era já império nem coutada duma meia dúzia de produtores rapaces e ultrapotentes. Os anos intermédios, (dado que também proliferam os trabalhos sobre o cinema na «idade de inocência»), os anos da concentração, os anos dos estúdios com guardas à porta é que, singularmente, parecem esquecidos.

George Sadoul, o historiador, possuía uma maneira simples de resolver o problema. Hollywood era uma Babel corrompida e decadente onde não poderia surgir uma centelha de talento. Os anos provaram que essa visão pessimista pecava por esquematismo assim como a ilusão cor-de-rosa de Sadoul duma Rússia estalinista a produzir obras-primas como quem faz sair tractores duma linha de montagem era resultado duma simples ingenuidade, do mais infantil escutismo político.

O que é de registar, no entanto, é a extrema receptividade que as teses de Sadoul, um pouco por toda a parte copiadas e aplaudidas com servilismo acérbico, tiveram em vastos sectores da opinião interessada em assuntos cinematográficos. O cinema americano de grande produção era, e será evidentemente imperialista. Mas conservava como grande vantagem de pioneirismo, de estrutura da distribuição de sobranceira técnica e uma maneira clara, directa, «cinematográfica» de contar as coisas.

Ora esses méritos, essa capacidade e mesmo o facto de existirem personalidades verdadeiramente criadoras num sistema exteriormente tão monstruoso foram durante muito tempo esquecidos ou mesmo ignorados.

OS HOMENS DA MGM

Dentro da pirâmide da concentração, nos tempos grandiosos, o topo da pirâmide apresentava-se com o rugido dum leão e chamava-se MGM (para Metro-Goldwyn-Mayer). O seu reinado foi tal que ainda hoje filmes como *A Filha de Ryan*, de David Lean parecem, com os seus gigantismo e as suas ambições, querer continuar a tradição monumental dos anos 30-40.

Um homem fez a MGM — Louis B. Mayer. Mayer é a imagem do produtor clássico, um dinamo de energia e de voluntariedade, de rudeza nas relações humanas, simultaneamente paternal e colérico. Estava no cinema como poderia estar — e com sucesso — noutra indústria ou noutra negócio.

Um segundo homem fez uma «revolução silenciosa» dentro da MGM: Irving Thalberg. Thalberg foi o primeiro tecnocrata do cinema. Um conhecedor pro-



Irving Thalberg

fundo dos estúdios, cedo descobriu que o caminho do êxito passava por uma «qualidade» susceptível de se traduzir em dólares. E mesmo que essa «qualidade» (procura de qualidade que o fazia frequentemente colidir com realizadores talentosos) não fosse imediatamente lucrativa nas bilheteiras, o «prestígio» ficava.

E Thalberg, um homem jovem, frágil (morreu aos 37 anos) havia de revelar-se, na sua curia e metáfora carreira, um megalómano do «prestígio». Argumentos de escritores célebres, realizadores fulguran-



O homem que das Eric Von Stroheim

por JOSÉ VAZ PE

tes, superestrelas valiam para ele na medida em que representavam «prestígio».

Não restavam dúvidas que Mayer, o trovejante chefe encontrado em Thalberg um sócio que o completava, um companheiro de empresa difícil mas eficaz.

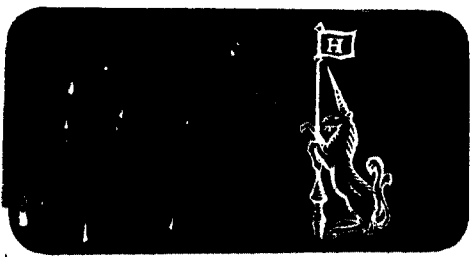
Mayer construiu o edifício, Thalberg arrumava-o. «Mayer — dizia-se — disparava as balas, Thalberg fornecia as munições».

Mayer esmurrou von Stroheim. Thalberg (aos 20 anos) despediu von Stroheim.

COMERCIALIZANDO O SONHO

A qualidade exigida por Thalberg não era a qualidade artística embora se pudesse, às vezes, confundir com esta. A qualidade que ele quis primeiro na Universal, depois da MGM e por fim como produtor independente era a «qualidade de produção».

Além da lubrificação da burocracia do estúdio Thalberg elevou ao nível



Prontuário das Letras

«Forte, imponderável, cândido»

O único romance de Almada Negreiros, *Nome de guerra*, saiu agora nas obras completas que a Estampa, após competição com outras editoriais, está a publicar desde há (poucos) meses. Para quem do alcance desta republicação, que constituirá uma surpresa para muita gente, um reparo: não será possível, em futuras edições, explicar na capa que se trata do *Nome de guerra*? É que Almada não escreveu mais nenhum.

Nome de guerra: um estilo «forte, imponderável, cândido, feito na raiz do português», lembra David Mourão-Ferreira na Verbo — *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* socorrendo-se de palavras de Vitorino Nemésio. Diz mais Mourão-Ferreira que o romance de Almada «serve certamente para desnudar os objectos e os seres, numa empresa muito afim de certas posteriores tentativas do *nouveau roman*; e, ao mesmo tempo, incessante se preludia aquela outra tendência, também hoje corrente, para o romance-ensaio».

Noutro tom (ligeiro), *Nome de guerra*, para quem não conheça, é um romance saboroso sobre certa Lisboa, mas igualmente mais do que isso. Para quem também não conheça, o romance data de 1925, embora só fosse publicado treze anos depois. Qual é melhor: o poeta, o ficcionista, o pintor, o mitógrafo (vd. Verbo, *supracitada*)? O leitor que escolha.

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS



2 romance OBRAS COMPLETAS

«O escritor não é um político?»

Faltou-nos dizer, na pretérita edição do Prontuário, que a D. Quixote tinha traduzido Sartre. O lapso avoluma-se diante do interesse desta recolha *O escritor não é político?*, vertida simultaneamente por António Pescada, António Serra e Guilherme Valente (D. Quixote, para quando um «copy-desk»?).

Resta-nos, talvez, transcrever: «Eu diria que a estupidez é, para mim, um facto de opressão. Nem existe outra estupidez, além da opressão. Aliás, escreveu Juhandeu: «Os parvos nem sempre têm o ar acabrunhado que lhes convém», o que eu tenho por uma frase estúpida. Sim, mas eu dir-lhe-ia francamente que isso faz parte do estilo e da má fé, que isso não corresponde a nada, a não ser a uma maneira de entalar o adversário. (...) A inteligência nunca me preocupou como problema filosófico. Ela é indefinível, os testes da inteligência nada significam. Uma das minhas amigas escreveu há pouco esta frase extraordinária, numa carta a Simone de Beauvoir: «Os psicólogos anglo-saxões afirmam que os casos de hereditariedade intelectual se elevam a 80 por cento.» Não acha que

isto é monstruoso? Devo ainda acrescentar que eu escrevo de tantas maneiras diferentes, da prosa à filosofia e ao teatro, que muita coisa passa de umas para outras.»

O escritor é um político?

O poeta Aimé Césaire, deputado da Martinica (não inscrito por nenhum partido), escrevia no *Le Nouvel Observateur* do dia 1, a propósito dos problemas que afligem o seu departamento ilhéu: «É o prefeito que governa. Ele manda na televisão: Ele é o dono dos jornais, exceptuadas as infelizes gralhas da oposição. Ele tem, na verdade, poderes consideráveis! Se lhe desagradar é muito simples, é um outlaw.»

E acrescentava, focando o problema local: «O povo da Martinica deve ter direito à autodeterminação, mas pensamos que neste momento de nada lhe servirá a autodeterminação — sendo o sistema o que é, como escolher? Por conseguinte, qualquer que seja a solução a intervir mais tarde, e que não quero antecipar, haverá sempre um período de autonomia.»



Julio Cortázar

Ah bom, e Cortázar

Depois disto, Cortázar. Um dos escritores mais importantes da actual tornada latino-americana (os espanhóis, citados mais de perto, chamam-lhe receosamente bom), revelado em português pela Europa-América (cf. *Blow-Up*), reaparece em edição da Estampa, que desejamos seja rigorosa — dadas as dificuldades de um texto aparentemente corriqueiro.

Todos os fogos o fogo, assim se chama o volume. Nele perpassa o narrador *ex-machina*, dono e senhor da sua prosa diferente, soberba, orgulhosa mesmo do desvio, camuflada afinal por palavras que parecem ser de todos os dias. Cortázar: a maturidade depois de Borges, ou borrifando-se em Borges, conforme os críticos. Um escritor a ler velozmente. (E para quem tenha amigos em Espanha: mandar vir, com idêntica velocidade, a sua *La vuelta al día en ochenta mundos*).



Jean-Paul Sartre

ton, Joan Crawford, Rosalind Russel todos pertenciam ao estrelato exclusivo da MGM. Uma publicidade hábil, também orquestrada por Thalberg, fazia dessa gente os novos deuses da mitologia americana, fotografando-os ao pé das suas villas, junto a piscinas e a sumptuosos automóveis conduzidos por motoristas impressionantes. Este homem discreto, sabia igualmente onde existia a electricidade: a explosiva combinação Gable-Harlow, que tanto sucesso fez por a actriz loura ser ultra-sexy e o «rei» o galã duro, capaz de maltratar uma dama, é da sua autoria. Nos seus filmes raramente havia erros de «casting», pelo contrário, havia descobertas que excitavam o público e o deixavam espantado pelo sentido revelado em ligar o actor à personagem. Charles Laughton como o sinistro e tenaz comandante Bligh da primeira versão da *Revolta na Bounty*; Paul Muni como o camponês da China em *A Terra Bendita*; John Barrymore como Mercúcio em *Romeu e Julieta*.

Thalberg sabia o que agradava ao público embora nunca tivesse tentado perceber o que ele queria.

O DITADOR NA MOVIOLA

O estudo de Bob Thomas — *Thalberg, vida e lenda* — nem reconstrói a vida nem justifica a lenda. Falha também em explicar o magnetismo de Thalberg, um homem que fascinava os seus próprios adversários chamem-se eles Scott Fitzgerald (que tentou retratar a força crepuscular do célebre produtor, de mistura com o seu encanto pessoal em *The Last Tycoon*) ou Erich von Stroheim.

Thalberg é uma biografia correcta escrita por uma pessoa correcta. O resultado é a mentira.

Thalberg mais do que qualquer outro produtor (porque era um produtor inteligente) fez coisas monstruosas. Cortou planos a von Stroheim porque o achava feitiçista e doentio, alterou filmes sem consultar os seus autores, indigrou-se quando actrizes por ele contratadas levavam

uma vida que não lhe agradava, o seu sistema permitia a subida e a ascensão (desta vez irresistível) de homens como Selznick e como Zanuck. Centralizou, rejeitou argumentos, criou uma máquina que, porventura, durou menos tempo do que ele pensava.

Quando Upton Sinclair disputou o governo do Estado da Califórnia, Thalberg dirigiu e financiou bandas de actualidades anti-socialistas de tal maneira habilmente desonestas que, mesmo em plena vaga rooseveltiana convenceram os californianos a votar contra «o comunismo» e a eleger um conservador.

Por fim, Thalberg institucionalizou a censura na moviola. Era aí que ele refazia e modificava os filmes como muito bem lhe apetecia, deixando os realizadores em crises de desespero.

Seria tudo fácil se só existissem sombras. Tal como Kane, o solitário capitalista descrito por Orson Welles, Thalberg encarnava em si as potências e os demónios do sistema. A sua obsessão do prestígio fez que alguns dos «seus» filmes sejam ainda hoje impressionantes pelo som, pela fotografia, pela montagem. O seu sentido do espectáculo e o seu conhecimento do público levou-o a lançamentos arrojados: sem ele talvez os Marx nunca tivessem atingido a sua loucura gloriosa e auxiliou decididamente King Vidor na primeira fase da sua carreira. (*A Multidão*, de Vidor é produzido por Thalberg).

Mas, continua a perguntar-se, o livro de Bob Thomas mostra sobretudo o que Thalberg fez. Os seus triunfos. A sua tenacidade. A «MGM Touch».

E o que ele destruiu? Os filmes as ideias e até os sonhos que não passaram da porta do seu gabinete de autocrata das imagens. Outra vez a contradição: este fabricante de sonhos era especialista em destruí-los.

Entramos na zona do silêncio. Nem uma palavra sobre isso. E assim temos, em vez da verdade, a consagração da hipocrisia.

Thalberg, Life and Legend por Bob Thomas.

Edição Bantam Book 400 págs.

mem
espediu
rich
troheim
AZ PEREIRA

das grandes corporações modernas, o investimento era na melhoria artesanal dos filmes, a célebre «MGM touch».

Nesse aspecto, ele presidiu a uma das operações mais delicadas de Hollywood: a passagem do filme silencioso ao sonoro e algumas das suas produções situam-se na primeira (*Ben-Hur*, *A Grande Parada*) e outros na segunda (*A Melodia da Broadway*, *Trader Horn*, *Grande Hotel*). Thalberg não foi dos primeiros a prever a espantosa comunicabilidade do sonoro. Mas quando se convenceu definitivamente que os «talkies» eram a vaga do futuro, tratou de assegurar que a transição técnica e dramática que eles implicavam fosse impecável.

Mayer dizia constantemente que «se curvava perante o talento». Os factos nem sempre confirmam essa predisposição. Irving Thalberg descobria o talento. E contratava-o. Norma Shearer (que depois se tornou sua mulher), os irmãos Marx, Greta Garbo, Clark Gable, Jean Harlow, Wallace Beery, Charles Laugh-

Peter Townsend

DUELO DE ÁGUIAS

colecção DOCUMENTOS DE TODOS OS TEMPOS

O mais fantástico confronto aéreo da História. Quando a aviação de Caça reata as altas tradições da Cavalaria — praticando a guerra de combate singular. Um livro emocionante, escrito por um herói da Batalha de Inglaterra.

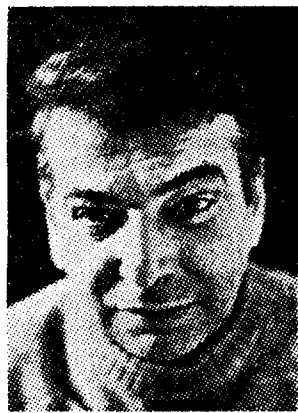
uma edição volume ilustrado 110x00

LIVRARIA BERTRAND

APARTADO 37 AMADORA

O aprendiz de feiticeiro

Cont. da pág. 1



tanto a beleza das outras que alguma coisa lá fica dentro. Mas com Jane L. noto diferenças. Muitas? Sim, bastantes. O perfume, a altura, os olhos verdes, os reagentes que decompõem o homem. E nisto ela aparece.

Calma, sóbria. Ninguém diria que bebeu seis «whiskies» puros, só a ouvir o Billy Brown, fora o almoço, atarde, o jantar. Sorri; cassos firmes, «make up» refeito, penteada; a p r o x i m a - s e . pára diante de mim. As pupilas enormes destoam um pouco do sorriso:

- Viste?
- Vi. Há quanto tempo?
- Quando te conheci, não tinha começado.
- Dois anos?
- Três. O Dick já sabe. No regresso da lua-de-mel, tratei-me. Com força de vontade consegue-se. Só pergunto se vale a pena.

Não compreendo ainda este olhar.

— O Dick nunca tentou, nunca dormimos juntos. Um bom rapaz. Tu tentaste e outros também. Mas não podia, entendes? loga, psicanálise, etc. Pois sim. Na pousada, quando me levaste ao quarto...

As paredes do estúdio cheias de quadros, a sua «obra inventável». Visões áridas. Cogumelos, peixes gigantes, entre colunas partidas, longe, e a sombra das colunas, velocíssima, projectada contra os nossos olhos através de grãos de areia, cada vez maiores, até atingirem no primeiro plano a cor, a altura das colunas. Obsessivamente Brancos, cinzas, manchas grisalhas, trespassadas de azuis e verdes, que dão às telas um ar de gruta marinha e às vezes de campânula a resguardar a vida extinta. Fósseis, nada. Ou tudo. Tempo, templo de resíduos

CARLOS DE OLIVEIRA

A primeira novela policial portuguesa

Cont. da pág. 8

men). A verdade é que à Condessa só é permitido (pelo romancista) amar de longe e em encontros furtivos.

A Condessa, como Carmen, tenta matar Rytmel e consegue-o, embora o assassinato seja apresentado como um acidente — no fundo trata-se de uma vingança inconsciente por ciúme e por amor próprio ofendido.

No crime falhado de Carmen, tal como no crime realizado da Condessa, a polícia não interveém. Porém a Condessa é severamente punida pela sua consciência (e por Eça de Queirós), sendo praticamente enterrada viva num convento. Nem lhe é permitido morrer de amor, como acontece com Carmen.

Este tema da mulher sexual mas degradada e da mulher idealizada mas sem sexualidade (ou com sexualidade infeliz), é derivada da preocupação com o incesto que existia tão fixada em Eça de Queirós.

Na evolução psíquica humana, a primeira vez que aparece esta separação das mulheres em duas categorias é no início da adolescência. Na infância, a criança sente pelos pais, predominantemente, um interesse carinhoso. Na adolescência, ao surgirem os impulsos sexuais, estes tendem a ser separados dos impulsos carinhosos e dirigidos para outras mulheres que não as da família, de acordo com o tabu do incesto. Mais tarde esta dicotomia entre impulsos carinhosos e sexuais pode persistir, apesar de não ser já necessária. Tal como tinha sido estabelecido na adolescência, a mulher respei-

tada ou admirada poderá na idade adulta não ser desejada sexualmente. Mesmo no casamento, a pessoa escolhida para companheira deixará de ser atraente, tornando inevitável a constituição



Eça de Queirós

de uma vida dupla com duas mulheres. Esta dificuldade derivada da persistência da proibição incestuosa não é atribuída no *Mistério* a nenhum dos protagonistas masculinos. É antes objectivada no próprio destino que Eça traça para as suas heroínas.

No *Mistério*, Eça, embora apresentando a barreira mais corrente con-

TAP - um modo de viajar

diariamente...

AMÉRICA

MARCA 79

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS
PORTUGUESES

DIARIAMENTE, sim, porque os negócios não podem esperar. Pois bem, pode partir já amanhã, porque a TAP voa diariamente para os Estados Unidos abrindo-lhe ao longo do ano, através de New York ou de Boston, esse mundo de negócios que é o MERCADO AMERICANO.

Todos os dias, sim, assegurando aos seus passageiros-homens-de-negócios uma assistência permanente: em terra, na origem e no destino; no ar — a ida e no regresso — graças a um serviço de bordo impecável de atenções. Acerte a sua hora pela hora da TAP.

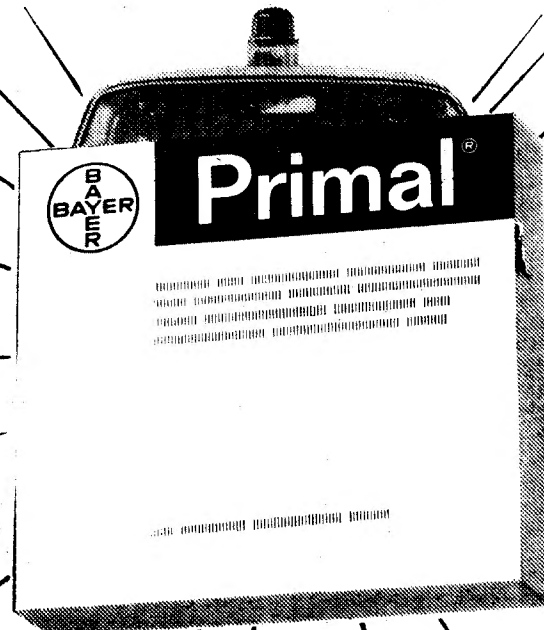
através do mundo
em boa companhia

Escritórios em: BOSTON - CHICAGO - LOS ANGELES - NEWARK - CLEVELAND - NEW YORK - FILADELFA - S. FRANCISCO - WASHINGTON

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado.

PRIMEIRO SOCORRO

CONTRA DORES DE GARGANTA



Primal
É um novo produto Bayer



tra o incesto, também parece aludir inconscientemente a ele. Vejamos de que modo. Rytmel e o mascarado alto são, de certo modo, sócios. Ligados por uma amizade imediata logo que se conhecem, procedem depois como amigos de toda a vida. Ambos admiram Carmen Puebla. No passado, o mascarado alto também fizera a corte à Condessa. Em Lisboa, Rytmel vivia em casa do mascarado alto, sem que ninguém estivesse ao corrente deste facto. Esta proximidade física indica identidade psicológica. Rytmel é o mascarado alto e este se tocassem na Condessa rogaria o incesto (a Condessa e o mascarado alto são primos).

O tema do incesto, que Eça no *Mistério* procura esconder e ao mesmo tempo revelar, voltará a aparecer em outras obras do escritor. Por exemplo em *A Tragédia da Rua Flores* sabemos que ele apresentava o mesmo motivo. Esta obra — que em 1925-28 chegou a ser anunciada para publicação entre os romances póstumos de Eça de

Queiroz — seria também uma novela de tipo policial? Em *Os Maias*, que escreveu mais tarde, englobando ao que parece parte da intriga de *A Tragédia da Rua das Flores*, o incesto reaparece, desta vez sem qualquer distarce.

Há ainda uma temática latente em *O Mistério da Estrada de Sintra* — é a da morte a dois. É um motivo próximo da preocupação com o incesto, pois a morte a dois tende a realizar em outro lugar (no Nada, no Paraíso) as uniões impossíveis na Terra. O tema é tratado por duas vezes no romance. A primeira vez, ao serem relatados os amores de Carmen e Rytmel, Carmen tenta apunhalar Rytmel e julgan-do-o morto, envenena-se.

Nas relações da Condessa com Rytmel também aparece a procura da morte a dois. A Condessa ao intentar novamente fugir com Rytmel e depois de este lhe ter mostrado que isso era um impossível social, envenena o capitão. Depois de matar o homem que ama a infeliz Condessa decide

recolher a um convento, realizando uma espécie de suicídio. Nesse convento, como nos é explicado, «a morte para todas elas (freiras) começa no momento em que transpõem o limiar da portaria. Dentro tudo é sepulcro. A morte é simplesmente mudança de cubículo».

Para terminar, cabe perguntar: por que razão a novela policial, depois de *O Mistério da Estrada de Sintra*, nunca mais foi cultivada entre nós, por escritores da craveira de Eça de Queiroz? Apesar da dissociação que a prejudica (como já apontei), será o género demasiado forte para a «brandura dos nossos costumes»? Ou porque a censura pessoal e íntima que os portugueses sentem dentro de si, não deixará a imaginação voar para essas fantasias cruas? De qualquer modo, o romance de Eça sem perder o carácter engenhoso próprio do género, mistura de manelra hábil os elementos policiais e romanesco. Não é uma construção de inteligência pura, uma espécie de jogo de xadrez.

como encontramos em Conan Doyle ou Agatha Christie. Tem mais hu-

manidade e portanto mais méritos para o leitor moderno que muitas

outras novelas policiais que se lhe seguiram. PEDRO LUZES

AINDA ESTÁ A TEMPO DE VISITAR MADRID COMPLETAMENTE GRÁTIS

Vá a Madrid, na Páscoa, OFERTA JOVICA, 30. viagens (15 prémios iguais para 2 pessoas) 5 dias, viagem em auto-pullman de luxo, hotel de 1.ª, visita à cidade e Vale dos Caídos, etc. Sorteio a realizar em 27/3/71, autorizado pelo Ex.º Sr. Governador Civil de Lisboa. E na altura da compra receba logo o BRINDE JOVICA para todos os clientes

TELEVISORES

Desde 150\$00 mensais. Oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS

Desde 100\$00 mensais

ESQUENTADORES

Desde 100\$00 mensais

MAQUINAS DE LAVAR ROUPA AUTOMÁTICAS

MAQUINAS DE LAVAR LOIÇA AUTOMÁTICAS

SEM ENTRADA FIADOR

...E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânia, 12-C — Telef. 53 45 36

Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 4 77 69

FILIAIS: CACÉM - SINTRA - CASCAIS - VENDA NOVA

Folhetim artístico

Cont. da pág. 4

pio de pesquisa que em instâncias universitárias superiores se desenvolveria.

Esta pesquisa constituiria precisamente um dos fins do ensino do Instituto de Estudos de Arte que prepararia investigadores, professores e museólogos, abrindo-se assim a indispensáveis carreiras na sociedade portuguesa.

Instituto de «geração espontânea», pode perguntar-se, ante o panorama docente que se traçou. Quase, responderia eu — e só quase porque há, sem dúvida, entre os actuais professores quem possa responsabilizar-se por um ensino do nível exigível. O autodidactismo, quando é consciente e consciencioso, pode suprir o que numa primeira fase de trabalhos não exista, e de-

pois, que se enviem bolseiros, licenciados em História e em Filosofia, fazer, por exemplo, «matrises» a Paris — no que há anos venho insistindo.

A pouco e pouco se atingirão os fins necessários, com prudente aproveitamento imediato dos escassos meios humanos disponíveis.

...E o maior fim necessário, não o percamos de vista: ter quem estude e entenda a arte nacional, a um nível internacional, e sobre ela, enfim, escreva, dando definição científica a uma biobibliografia quase sempre inqualificável.

Essa a função dos investigadores e dos professores. Também a dos museólogos, como veremos no próximo e último artigo da série.

VER PARA QUERER JULGAR PARA COMPRAR

TESTE O VAUXHALL 2000 SL

- Descubra-o tal como ele é:
- Motor de 1975 c.c., 108 HP;
 - Árvore de cames à cabeça;
 - Distribuição silenciosa comandada por correia de borracha dentada;
 - Direcção directa desportiva de pinhão e cremalheira, com cardans de borracha;
 - Travões de circuito duplo, de disco à frente e polias atrás, com grande área de travagem, assistidos por servo-freio;
 - Coluna de direcção amortecedora de choques e volante com raios almofadados;
 - Suspensão traseira com tensor de segurança;
 - Amortecedores reforçados de duplo efeito;
 - Alternador;
 - Sistema de quatro faróis;
 - Dispositivo anti-roubo: fecho de direcção acoplado com o interruptor de ignição.

O 2000 SL NÃO TEME AS DEMONSTRAÇÕES E ESTÁ À SUA DISPOSIÇÃO EM QUALQUER CONCESSIONÁRIO VAUXHALL PARA UM TESTE GRATUITO.



QUEM VÊ UM VAUXHALL 2000 SL É LEVADO A QUERÊ-LO: É ELEGANTE, ESPAÇOSO, CONFORTÁVEL E LUXUOSO. PORÉM, HÁ COISAS QUE NÃO SE PODEM VER. É PRECISO EXPERIMENTÁ-LAS. POR EXEMPLO: A SEGURANÇA, A CONDUÇÃO, A POTÊNCIA, A PERFORMANCE. JULGAR PARA COMPRAR.

VAUXHALL 2000 SL — JUNTE-SE A ELE E JUNTE-LHE OS SEUS.



A primeira novela policial portuguesa

UMA CONTRIBUIÇÃO
PARA O CENTENÁRIO
DE «O MISTÉRIO DA ESTRADA
DE SINTRA»
E DA «GERAÇÃO DE 70»

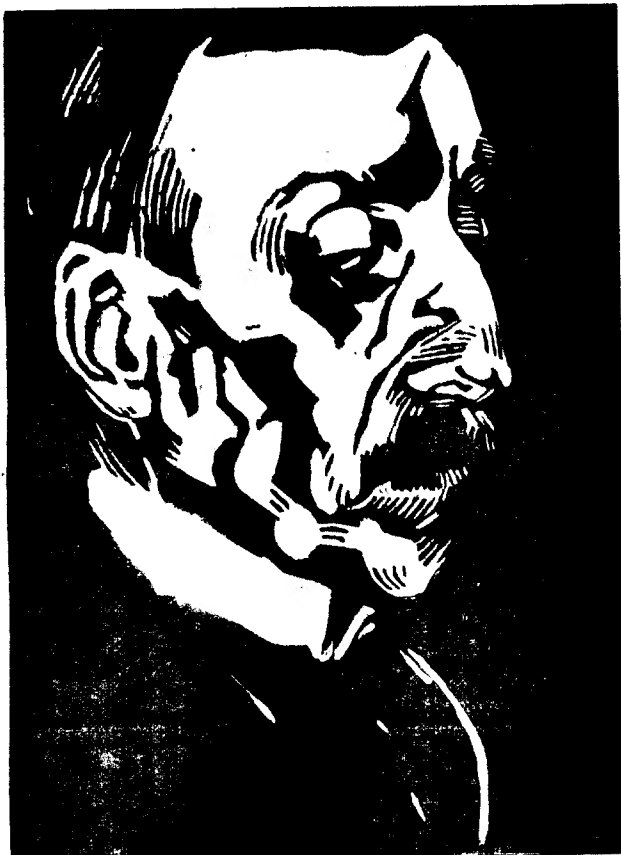
Continuação
do número anterior

Eça, ao lançar *O Mistério da Estrada de Sintra*, estava adiantado em relação à sua época. Digo Eça lançou este livro (e não Eça e Ramalho lançaram), pois todos os críticos são unânimes em atribuir a Eça de Queiroz toda a concepção dramática e a maior parte da realização literária da obra. A partir daqui falei portanto do *Mistério* como se tivesse uma autora única.

Antes de 1870, data da aparição do *Mistério*, só um pequeno número de novelas policiais tinha sido publicado. Entre 1841 e 1845 são escritas as três novelas policiais de Edgar Poe (*O Duplo Crime da Rua Morgue*, *O Mistério de Marie Roget*, *A Carta Roubada*) que marcam o nascimento deste género novelístico. Depois da tradução destas novelas por Baudelaire (1856-57) apareceu no ano de 1863, em França, um romance policial publicado em folhetins no jornal *Le Pays* que teve grande êxito. O título do romance era *L'Affaire Lerouge* e foi seu autor Émile Gaboriau. Depois é necessário esperar até aos anos 1887-93 em que começam a aparecer as novelas de Conan Doyle, com o célebre Sherlock Holmes, para vermos a ficção policial tornar-se verdadeiramente popular.

Tendo descrito atrás o que penso ser o modelo geral de todas as novelas policiais, vou agora considerar em que medida *O Mistério da Estrada de Sintra* se aproxima deste padrão.

A novela começa num clima de verdadeira expectativa. Regressando de



...Eça de Queirós visto por Tagarro

Sintra a cavalo, dois amigos — apenas identificados como o médico *** e F... — são raptados na estrada por um grupo de três mascarados armados que sob ameaça os obrigam a acompanhá-los a uma casa isolada nos arredores de Lisboa. Ali lhes mostram o cadáver de um homem, aparentemente estrangeiro, deitado numa *chaise-longue*, parecendo dormir. O médico constata o óbito e diagnostica um envenenamento pelo ópio. O suicídio parece improvável. É posta a hipótese de roubo como móbil do crime, pois, segundo os mascarados, desapareceram alguns milhares de libras

que o desconhecido tinha em seu poder.

O médico, ao ficar mais tarde sozinho com o morto, descobre indícios que lhe permitem supor que o quarto onde se encontra é destinado a encontros amorosos. Ao fundo do quarto há uma alcova cuja entrada é disfarçada por um reposteiro. Sobre a cama o médico encontra um longo cabelo de mulher, o que, juntamente com um lenço com rendas e um ramo de flores secas indicam uma presença feminina. Estes achados levam a considerar novas hipóteses explicativas: o crime passional parece agora mais provável.

O romance é construído por justaposição de testemunhos de vários personagens que vão comunicando o resultado das suas observações ao *Diário de Notícias*. Surgem deste modo um conjunto de investigações paralelas e contraditórias. Entre os detectivos, todos amadores, podem incluir-se: o médico, F... seu amigo, um correspondente Z., que não esteve presente no lugar do crime mas que também emite hipóteses e aponta suspeitos, e finalmente um dos mascarados, conhecido como o *mascarado alto*, que é o primeiro a encontrar o cadáver e a pôr em marcha a investigação.

Depois da descoberta do crime e de alguns indícios permitindo o seu esclarecimento parcial, o romance perde o seu carácter policial estrito e toma um aspecto mais romanesco. Esta mudança realiza-se quando intervém a narrativa do *mascarado alto* em que há descrições de ambientes exóticos, episódios amorosos, raptos em lares. O *mascarado alto* é o primeiro a revelar a identidade do morto. O desconhecido assassinado é um capitão inglês, de-

signado pelo nome de Rytmel. Era seu amigo e encontrava-se em Portugal por causa de uma ligação com uma senhora portuguesa, a Condessa de W. (que o leitor facilmente deduz ser a mulher que esteve presente na casa do crime). A Condessa é prima do *mascarado alto*, que a admira platonicamente.

As revelações feitas pelo *mascarado alto* são detalhadas e demoradas, ocupando mais de um terço da obra. Esta longa digressão, que aumenta o suspense, torna-se também necessária para explicar a relação que se estabeleceu entre Rytmel e a Condessa, no decurso de uma viagem a Malta em que primeiro se conheceram. Neste desvio do assunto principal, também nos é feito o retrato de outra mulher, a cubana Carmen Puebla. Aparentemente nada tem que ver com o seguimento da história, pois embora apaixonada por Rytmel e tentando matá-lo por ciúmes, morre de morte natural três anos antes do crime.

O romance policial é reatado depois deste longo entreacto, sendo o desenlace um verdadeiro lance de teatro. Quem matou Rytmel foi a Condessa, sua amiga de longa data. Querendo apoderar-se de cartas que supunha enviadas por outra mulher, tenta adormecer Rytmel com tintura de ópio. Por inadvertência, em vez da fraca dose que seria necessária para provocar o sono, verte-lhe no copo o conteúdo do frasco inteiro, causando-lhe assim a morte. A Condessa, embora não dando a conhecer a sua verdadeira identidade, faz confissão pública do seu crime e retira-se para um convento.

★

Eça de Queirós é por excelência um escritor tratando temas psicológicos. Também em *O Mistério da Estrada de Sintra* consegue encontrar o clima psicológico justo. O *Mistério*, a emoção angustiada ligada a uma situação inicialmente indefinida e de carácter perigoso, a resolução quase mágica ou romântica que dá ao problema policial fazem de *O Mistério da Estrada de Sintra* um bom padrão da novelística policial.

Há no *Mistério* vários detectivos que equivalem a desdobramentos sucessivos do herói habitual destes romances. O pri-

meiro é o *mascarado alto*, que descobre o crime. É sob a sua instigação que o médico é raptado para ser seu ajudante técnico. Além do *mascarado alto*, o médico, F..., Z., A. M. C. também fazem papel de detectivos, embora com menos relevância. No *Mistério*, a proximidade que descrevi entre as funções de investigador e certas actividades irregulares está bem patente. Todos os participantes no inquérito policial recorrem a métodos quase criminais: raptos, falsificações, mistificações, cumplicidades prováveis.

Os vários investigadores representam partes de Eça de Queirós. O autor, além de se dobrar em vários detectivos, cria em segundo plano, para além do *Mistério* policial, um *Mistério* literário que apenas ele está em condições de deslindar. Como se sabe, as cartas ao

Mistério da autoria desta novela tão bem urdida e reveladora de tanta maestria literária. O segredo, sempre bem guardado, só foi revelado na última carta.

O tema da investigação sexual também é claro no *Mistério*. Grande parte das cenas do livro estão ligadas a um quarto de cama e os investigadores procuram afanosamente determinar quem eram os dois amorosos que se encontravam nesse quarto e o que se passou entre eles antes do crime.

Para além do tema da investigação sexual, há outro também de natureza sexual, que permanece mais escondido. Ele pode ser assim formulado: há duas variedades de mulheres: umas que pertencem à nossa própria classe (nossa do autor) e que não podem ser amadas sensualmente, mesmo dentro do casamento; em compensação são idealizadas, são feitas condessas pelos romancistas; em oposição a estas, há outras mulheres que pertencem a um estrato social inferior, com quem se pode ter intimidade sexual verdadeira, mas que finalmente são abandonadas e depreciadas.

Ao primeiro tipo de mulheres pertence indubitavelmente a Condessa. A segunda estirpe, Carmen Puebla. Como o seu nome parece simbolicamente indicar, Carmen é a mulher do povo (Puebla). Embora casada, pode loucamente apaixonar-se por outros homens. Fê-lo por Rytmel, deixando-se ao mesmo tempo desejar pelo *mascarado alto* e por vários outros homens.

Carmen, por ciúmes, tenta assassinar o capitão Rytmel, não conseguindo o seu intento só por um acaso. Depois procura pôr termo à vida, não por escrúpulo mas por paixão. Acaba por morrer de desgosto depois de se ter separado de Rytmel.

A Condessa, ao contrário de Carmen, quase não alcança viver a sua aventura com o capitão. O *mascarado alto* (que é uma das personificações mais directas de Eça, pois quem mais que ele é o *mascarado* desta história) impede-a de seguir com Rytmel para o Cairo num late. Há um casamento, um marido que é preciso imaginariamente defender (embora ninguém tenha pensado defender o marido de Carmen).

Cont. na pág. 6



Diário de Notícias apareceram apenas assinadas pelos personagens da novela, permanecendo os seus verdadeiros autores anónimos. As cartas foram inicialmente tomadas a sério e chegaram a determinar um pedido de investigação do Governo Civil de Lisboa. Mais tarde, tendo os leitores adivinhado que se tratava de uma obra de ficção, ficou por desvendar o

BAB-BAB

O LIVRO DA QUINZENA

OS INTELLECTUAIS

Louis Boudin

Os intelectuais estão cada vez mais na moda. Mas, com o tempo, é tão difícil falar dos intelectuais com sangue frio, como outrora o foi dos jesuitas. Muitas vezes, o assunto é abordado de maneira ideológica, e não como a realidade sociológica que é. Este livro considera, no estudo que lhe dedica, os fundamentos históricos, a situação social, a dimensão cultural e suas determinantes.

vol. 127 — 20\$00

arcádia

os bônus da quinzena

O HOMEM E O ESPECTRO

Charles Dickens

vol. 88 — 15\$00

AS PALAVRAS SÃO PEDRAS

Carlo Levi

vol. 34 — 15\$00

arcádia

SOCIOLOGIA GERAL

por GUY ROCHER

Uma obra fundamental para o estudo da sociologia, que acompanha as mais recentes investigações e posições teóricas e doutrinárias dentro deste ramo do conhecimento.

PEÇA UM FOLHETO COM O PLANO DA OBRA

EDITORIAL PRESENÇA

* R. Augusto Gã, 2, c/v-Esq. * T. 766912 * Lisboa